



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: TEORIA LITERÁRIA E CRÍTICA
DA CULTURA

NATÁLIA SILVA GIAROLA DE RESENDE

**AS PAIXÕES NO CIBERATIVISMO: ANÁLISE SEMIÓTICA DOS
COMENTÁRIOS DAS *FAN-PAGES* DO MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL) E
*FRENTE BRASIL POPULAR (FBP)***

São João del-Rei

2017



NATÁLIA SILVA GIAROLA DE RESENDE

**AS PAIXÕES NO CIBERATIVISMO: ANÁLISE SEMIÓTICA DOS
COMENTÁRIOS DAS *FAN-PAGES* DO MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL) E
*FRENTE BRASIL POPULAR (FBP)***

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de pesquisa: Discurso e representação social
Orientador: Prof. Dr. Antônio Luiz Assunção

São João del-Rei

2017

NATÁLIA SILVA GIAROLA DE RESENDE

**AS PAIXÕES NO CIBERATIVISMO: ANÁLISE SEMIÓTICA DOS
COMENTÁRIOS DAS *FAN-PAGES* DO MOVIMENTO BRASIL LIVRE (MBL) E
*FRENTE BRASIL POPULAR (FBP)***

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antônio Luiz Assunção – Orientador
Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)

Prof. Dr. Luiz Ademir de Oliveira – UFSJ
Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)

Profa. Dra. Gláucia Muniz Proença Lara
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Aprovada em 11 de dezembro de 2017

São João del-Rei

2017

*À minha mãe,
Que me ensinou a ousar,
A questionar,
A ser curiosa com ás Letras e,
Acima de tudo,
a não desistir,
Amo você.*

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Aparecida, pelo amor incondicional e por ser minha base. Agradeço por cada oração, por cada abraço, por cada “você pode, você consegue” e, principalmente, por cada “eu te amo”. Obrigada pela paciência, carinho, por aguentar a falação sobre Semiótica e por ter me proporcionado educação e amor pelos estudos, e, apesar das inúmeras dificuldades, por sempre me estimular a continuar. Você é meu maior orgulho. Obrigada por ter feito do meu sonho o nosso sonho!

Ao meu amor – João - meu equilíbrio - pela sua incansável boa vontade em me ajudar. Obrigada pela compreensão, pelos finais de semana ao meu lado, só para me fazer companhia, compartilhando meus ideais, minhas teorias e angústias, incentivando-me a seguir, insistindo para que eu avançasse cada vez mais um pouquinho. Enfim, por estar incessantemente ao meu lado, sendo muito mais do que se pode esperar. Amo você!

Ao meu orientador, Antônio Luiz Assunção, por dividir comigo seus conhecimentos, em uma agradável convivência. Por seu otimismo e sua confiança em minha capacidade. Pela paciência, principalmente com minha ansiedade, e pela segurança que sempre me passou. Muito obrigada por todos os conselhos.

Aos professores do PROMEL, que contribuíram diretamente em meu crescimento intelectual. E aos meus amigos e colegas do Mestrado, pelas discussões que me enriqueceram e pela convivência. Em especial, aos Xiboquinhas, André e Amanda, e à Ane, que deixaram essa jornada mais leve e não mediram esforços para me ajudar, seja pessoalmente ou academicamente, vocês foram fundamentais para eu chegar aqui. Agradeço principalmente ter encontrado minha irmã de coração, Sis, você foi meu melhor presente, sem você, talvez, o fardo teria sido muito mais pesado. Obrigada pelos conselhos, pelos risos, choros e a certeza de que amanhã tudo será melhor. Amo você!

Aos meus tios, tias, primos e primas, especialmente tio Nem, Marislei, Brenda e Lidiane, que vibraram comigo desde a aprovação na prova. Obrigada pela força! Agradeço também a Wal, minha família de coração, que nunca mediu esforços para me ajudar. Obrigada por sempre estar presente.

Tem sempre aquela amizade que se torna família, que perdura da infância até hoje. Sendo assim, agradeço a minha amiga Viviane, que sempre esteve ao meu lado, por todo o carinho, pelo suporte, pelos conselhos, pelas risadas, pelos puxões de orelha e por saber, que sempre, terei você ao meu lado. Amo você!

Agradeço ainda meus amigos do Garcia - Emanuelle, Fábio, Gustavo e Rafael- e ao Rômer. Obrigada pela amizade, pelos risos, incentivos e por deixarem esses dois anos e meio mais leve. Vocês são muito especiais para mim!

Agradeço a Deus por ter me dado forças e me iluminando nesse caminho para que eu pudesse concluir mais uma etapa da minha vida.

RESUMO

Nesta pesquisa, temos como objetivo investigar como a paixão mobiliza o ciberativismo nos comentários das fan-pages do Movimento Brasil Livre (MBL) e Frente Brasil Popular. Tomamos como corpus para a análise sete comentários de cada uma das fan-pages, entre os dias 17 de abril de 2016 até o dia 12 de maio 2016, a partir da perspectiva de Semiótica das Paixões. Para compreender o panorama em que estão inseridas as publicações, oferecemos uma chave de leitura para a entendimento de fenômenos recentes da comunicação política, além de parte da conjuntura da política nacional e as articulações entre redes sociais, ciberespaço, ciberpolítica e ciberativismo. Utilizamos como referencial teórico-metodológico, autores que abordam a semiótica discursiva, tais como Greimas e Fontanille (1993), Fontanille (2015), Barros (1990, 1995), Lara e Matte (2009), Greimas (1983), Fontanille e Zilberberg (2001) e outros. A partir da articulação entre os fundamentos teóricos e as reflexões resultadas da análise da Semiótica das Paixões, envolvendo a Semiótica da ação e a Tensiva, verificamos que os comentaristas deixam transparecer suas paixões por meio de construções passionais, e essas paixões os movem como ciberativistas nos comentários. Outro ponto que pudemos constatar foi a manutenção e reafirmação do contrato de confiança entre os comentaristas e as fan-pages. Ao final, após a discussão dos principais resultados, elaboramos problemas e desafios para pesquisas posteriores.

Palavras-chaves: semiótica das paixões; semiótica discursiva; ciberativismo, ciberpolítica, Facebook.

ABSTRACT

In this research, we aim to investigate how passion mobilizes cyber-liberation in the comments of the fan-pages of the Free Brazil Movement (MBL) and Popular Brazil Front. We took as corpus for the analysis seven comments of each of the fan-pages, between April 17, 2016 and May 12, 2016, from the perspective of Semiotics of Passions. To understand the panorama in which the publications are inserted, we offer a key reading for the understanding of recent phenomena of political communication, as well as part of the conjuncture of national politics and the articulations between social networks, cyberspace, cyberpolitics and cyber-politics. We use as a theoretical-methodological reference, authors that approach the discursive semiotics, such as Greimas and Fontanille (1993), Fontanille (2015), Barros (1990, 1995), Lara and Matte (2009), Greimas (1983), Fontanille and Zilberberg (2001) and others. From the articulation between the theoretical foundations and the reflections resulting from the analysis of the Semiotics of the Passion, involving the Semiotics of the action and the Tensive, we find that the commentators show their passions through passion constructions, and these passions move them as cyberactivists in the comments. Another point that we could observe was the maintenance and reaffirmation of the trust contract between commentators and fan-pages. In the end, after discussing the main results, we have developed problems and challenges for further research.

Keywords: semiotics of the passions; discursive semiotics; online activism; cyberpolitics, Facebook.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Sobre da fan-page Frente Brasil Popular FACEBOOK. Frente Brasil Popular. Disponível em: < https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular />	25
Figura 2: Perfis no Facebook FACEBOOK. Movimento Brasil Livre. Disponível em:.....	27
Figura 3: Interação nos comentários FACEBOOK. Movimento Brasil Livre. Disponível em: < https://www.facebook.com/mblivre/ >	28
Figura 4: Comentário 01 – Dilma Força FACEBOOK. Movimento Brasil Livre. Disponível em: < https://www.facebook.com/mblivre/ >.....	37
Figura 5: Comentário 2 – Dilma Força FACEBOOK. Movimento Brasil Livre. Disponível em: < https://www.facebook.com/mblivre/ >.....	37
Figura 6: “Vomitação” na página do PMDB - O comentário é somente uma figurinha da rede social. Fonte: Tecnomundo.	40
Figura 7: Abraço com Dilma FACEBOOK. Frente Brasil Popular. Disponível em: < https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular />	42
Figura 8: Convocação para eventos realizada pela Frente Brasil Popular FACEBOOK. Frente Brasil Popular. Disponível em: < https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular />	44
Figura 9: Comentários de convocação Frente Brasil Popular 02 FACEBOOK. Frente Brasil Popular. Disponível em: < https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular />	45
Figura 10: Comentários de convocação Frente Brasil Popular 01 FACEBOOK. Frente Brasil Popular. Disponível em: < https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular />	44
Figura 11: MBL atinge um milhão de curtidas FACEBOOK. Movimento Brasil Livre. Disponível em: < https://www.facebook.com/mblivre/ >	45
Figura 12: esquema do percurso gerativo proposto por Greimas (Courtés e Greimas, 1979, p. 209).....	54
Figura 13: Comentário MBL Comentarista 19 FACEBOOK. Movimento Brasil Livre. Disponível em: < https://www.facebook.com/mblivre/ >	55
Figura 14: Programa Narrativo (GREIMAS E COURTÉS 1979, p.353)	59
Figura 15: Comentário MBL comentarista 20 FACEBOOK. Movimento Brasil Livre. Disponível em: < https://www.facebook.com/mblivre/ >	59
Figura 16: Comentário Frente Brasil Popular – Comentarista 20 FACEBOOK. Frente Brasil Popular. Disponível em: < https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular />	61
Figura 17: Nota da Frente Brasil Popular dia 17 de abril FACEBOOK. Frente Brasil Popular. Disponível em: < https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular />	65

Figura 18: Comentários da Frente Brasil Popular dia 17 de abril FACEBOOK. Frente Brasil Popular. Disponível em: < https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular/ >.....	66
Figura 19: Nota Frente Brasil Popular – Imprensa europeia vê carnaval em votação FACEBOOK. Frente Brasil Popular. Disponível em: < https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular/ >.....	67
Figura 20: Comentário Frente Brasil Popular FACEBOOK. Frente Brasil Popular. Disponível em: < https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular/ >.....	68
Figura 21: Nota Frente Brasil Popular – dia 20 de abril FACEBOOK. Frente Brasil Popular. Disponível em: < https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular/ >	69
Figura 22: Comentarista 26– MBL FACEBOOK. Frente Brasil Popular. Disponível em: < https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular/ >	71
Figura 23: Quadro semiótico (GREIMAS e COURTÉS, 1974, pp.365)	73
Figura 24: Abraço com Dilma. FACEBOOK. Frente Brasil Popular. Disponível em:	82
Figura 25: Comentário Comentarista 29. FACEBOOK. Movimento Brasil Livre. Disponível em:	84
Figura 26: Comentário Comentarista 30. FACEBOOK. Movimento Brasil Livre. Disponível em: < https://www.facebook.com/mblivre/ >.....	85
Figura 27: Comentário Comentarista 31. FACEBOOK. Movimento Brasil Livre. Disponível em: < https://www.facebook.com/mblivre/ >.....	85
Figura 28: Comentário comentarista 32. FACEBOOK. Movimento Brasil Livre. Disponível em: < https://www.facebook.com/mblivre/ >.....	87
Figura 29: Comentários MBL Tchau querida.FACEBOOK. Movimento Brasil Livre. Disponível em: < https://www.facebook.com/mblivre/ >	87
Figura 30: Comentário Comentarista 38. FACEBOOK. Frente Brasil Popular. Disponível em: < https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular/ >	89
Figura 31: Comentários Comentarista 39. FACEBOOK. Frente Brasil Popular. Disponível em: < https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular/ >.....	89
Figura 32: Comentário comentarista 40. FACEBOOK. Movimento Brasil Livre. Disponível em: < https://www.facebook.com/mblivre/ >.....	90
Figura 33: gráfica de ascendência. Elaborada pela autora da dissertação	92
Figura 34: Comentários Frente Brasil Popular – Imprensa europeia. FACEBOOK. Frente Brasil Popular. Disponível em: < https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular/ >	92
Figura 35: Comentários Frente Brasil Popular – Nota. FACEBOOK. Frente Brasil Popular. Disponível em: < https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular/ >	94

Figura 36: Comentários Frente Brasil Popular - A noite de 11 para 12 de maio não será como a de primeiro de abril de 1964. FACEBOOK. Frente Brasil Popular. Disponível em: < https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular/ >	96
Figura 37: Quadrado elaborado pela autora, baseado em Barros (1990)	97
Figura 38: Esquema estado de espera Barros (1990, p.62).	98
Figura 39: Comentário Comentarista 49. FACEBOOK. Movimento Brasil Livre. Disponível em: < https://www.facebook.com/mblivre/ >	99
Figura 40: Comentário Comentarista 50. FACEBOOK. Movimento Brasil Livre. Disponível em: < https://www.facebook.com/mblivre/ >	99
Figura 41: Comentário Comentarista 51. FACEBOOK. Movimento Brasil Livre. Disponível em: < https://www.facebook.com/mblivre/ >	101
Figura 42: Comentário Comentarista 52. FACEBOOK. Movimento Brasil Livre. Disponível em: < https://www.facebook.com/mblivre/ >	101
<u>Figura 43: Comentário Comentarista 53. FACEBOOK. Movimento Brasil Livre. disponível em: < HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/MBLIVRE/ ></u>	<u>102</u>
Figura 44: Comentários MBL - 17 de ABRIL – o impeachment em Brasília. FACEBOOK. Movimento Brasil Livre. Disponível em: < https://www.facebook.com/mblivre/ >	103
Figura 45: Comentário MBL – Comentarista 56. FACEBOOK. Movimento Brasil Livre. Disponível em: < https://www.facebook.com/mblivre/ >	104
Figura 46: Comentário MBL – Comentarista 57. FACEBOOK. Movimento Brasil Livre. Disponível em: < https://www.facebook.com/mblivre/ >	104
Figura 47: Comentário MBL – Comentarista 56. FACEBOOK. Movimento Brasil Livre. Disponível em: < https://www.facebook.com/mblivre/ >	106
Figura 48: Comentário Comentarista 58. FACEBOOK. Frente Brasil Popular. Disponível em: < https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular/ >	107
Figura 49: Comentário Comentarista 59. FACEBOOK. Frente Brasil Popular. Disponível em: < https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular/ >	107
Figura 50: Comentário Comentarista 60. FACEBOOK. Frente Brasil Popular. Disponível em: < https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular/ >	107
Figura 51: Comentário Comentarista 61. FACEBOOK. Frente Brasil Popular. Disponível em: < https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular/ >	107
Figura 52: diagrama tensivo da confiança proposto por Barros (BARROS, 1990, p.65)	108
Figura 53: Comentário Comentarista 62. FACEBOOK. Frente Brasil Popular. Disponível em: < https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular/ >	109

Figura 54: Comentário Comentarista 63. FACEBOOK. Frente Brasil Popular. Disponível em: < https://www.facebook.com/ FrenteBrasilPopular />	109
Figura 55: Diagrama Fontanille Semiótica Tensiva (Fontanille, 2015 p.77)	111
Figura 56: Tipos de correlação Zilberberg (Zilberberg, 2006, p. 172).....	111
Figura 57: Gráfico elaborado pela autora da dissertação, baseado em Zilberberg (2011)	112
Figura 58: Estilo discurso do acontecimento (Zilberberg 2007, p.25)	113
Figura 59: Parábola desenvolvida por Mendes – acontecimento (Mendes, 2017, p.341).....	114
Figura 60: gráfica acontecimento semiótico. Elaborado pela autora da dissertação	114
Figura 61: esquemas de paixões. Elaborada pela autora	116

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1. CAPÍTULO I: FAN-PAGES COMO PALCO DO CIBERATIVISMO	20
1.1 A estrutura da Internet e a Web 2.0.....	21
1.1.2 Cibercultura	23
1.2 Redes Sociais.....	26
1.2.1 Curtir, compartilhar, comentar: conheça o Facebook	30
1.3 Interface Política e Internet	33
1.3.1. Breve contextualização	33
1.3.2. Ciberpolítica	36
1.4 @internet e #ativismo	38
1.4.1 –Classificações do ciberativismo	41
1.5 Apontamentos.....	46
2. CAPÍTULO II: Da ação à paixão: uma introdução à Semiótica	48
2.1 O percurso teórico da semiótica gremasiana.....	48
2.2 A consituição de uma Teoria Semiótica	52
2.2.1 O texto e o percurso gerativo do sentido	53
2.2.2 O nível narrativo e a construção dos sujeitos	57
2.2.3. O nível discursivo.....	64
2.2.4. O nível fundamental	72
2.2.5 Intertextualidade	Erro! Indicador não definido.
2.3 Apontamentos.....	75
CAPÍTULO III: AS PAIXÕES NAS FAN PAGES MBL E FBP	77
3.1 Das marcas da subjetividade à noção de paixão	78
3.1.1 Do simples ao composto – entendendo os arranjos modais	93
3.1.3 Algumas considerações sobre a Semiótica tensiva	110
3.3 Apontamentos.....	115
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	123
ANEXOS	128
LISTAS DE LEXMAS PASSIONAIS PROPOSTOS POR DIANA BARROS	128
PAIXÕES SIMPLES	128
PAIXÕES COMPLEXAS	128

INTRODUÇÃO

As eleições presidenciais de 2014 foram consideradas umas das mais acirradas da história do Brasil, com o aumento da divergência ideológica entre direita e esquerda¹ e a proliferação de discursos de intolerância, direcionados, em sua grande parte, para questões de classe social, homofobia, machismo e outros. Além disso, durante o pleito, o *Facebook* tornou-se um novo palco para debates, tendo em suas *fan-pages* a concretização do envolvimento do eleitor na campanha.

No âmbito político, Dilma Rousseff (PT) foi reeleita presente do Brasil com uma vitória apertada, em segundo turno, sobre o candidato Aécio Neves (PSDB). Contudo, as imagens da presidente e do PT estavam desgastadas, por motivos como escândalos de corrupção, esgotamento do modelo econômico, falta de habilidade política na condução das alianças e pouco carisma de Dilma Rousseff. Em paralelo a isso, o Congresso Nacional eleito era representado em sua maioria por direitistas, conservadores e liberais. Tais fatores culminaram numa forte oposição ao governo resultando, em 2016, na abertura do processo de *impeachment* da então presidente.

No meio disso tudo, havia um novo fator: a criação de *fan-pages* de cunho político, como o *Movimento Brasil Livre* (MBL) e a *Frente Brasil Popular* (FBP), ambos caracterizados como espaços de lutas sociais contemporâneas, denominadas ciberativismo político. Inserido dentro da cibercultura (cultura mediada pelo computador em quaisquer dos artefatos que ele corporifica – notebooks, smartphones, tablets), o ciberativismo é entendido como a utilização da Internet por movimentos politicamente motivados, com o objetivo discutir suas pautas políticas, bem como promover adesão a suas ideias e, por fim, promover manifestações em defesa de seus interesses.

O ativismo, especialmente o político, originou-se muito antes da Internet, de modo que a rede trouxe novos tipos de formações desses movimentos sociais. Antes eram estritamente ligado às praças públicas, porém hoje os ciberativistas ganham aceleração e amplitude de seus discursos graças às tecnologias computacionais, sobretudo no *Facebook*.

¹ Nesse trabalho, utilizaremos os termos direita e esquerda de acordo com a perspectiva de Norberto Bobbio (1994). Para o autor, a distinção entre os dois lados políticos se faz a partir da ideia de igualdade. Para a esquerda, as políticas devem buscar a máxima inclusão possível, valorizando as necessidades humanas, a função social do trabalho e a vida em comunidade. Já a direita, tem como objetivo a máxima diferenciação, valorizando o mérito individual, a propriedade como um direito absoluto e a hierarquia social. Contudo, o autor explica que a dicotomia esquerda/direita está ligada à questão da igualdade e não da liberdade, ressaltando que nem sempre a esquerda deseja eliminar toda a desigualdade e nem a direita quer eliminar tudo que é igualitário, por isso existe uma linha tênue entre os dois.

Nesse ciberespaço, passou-se a abrigar uma pluralidade de grupos com ideologias semelhantes ou controversas, não havendo agora limitações de tempo e espaço.

Essas manifestações ocorrem principalmente nos comentários das postagens realizadas nas *fan-pages* do Facebook. Uma vez que, os ciberativistas, enquanto atores sociais, utilizam esse espaço para expressar seus pontos de vista sobre o governo, bem como discutir entre si, criticar oponentes e organizar ações e manifestações, sejam elas *on-line* ou *off-line*. Ao comentar, no espaço *Facebook*, o ciberativista busca compartilhar informações pessoais, confortar, confrontar e, acima de tudo, demonstrar paixões, como raiva, satisfação, felicidade, confiança e outros.

Logo, investigar as manifestações passionais nos ambientes virtuais podem fornecer pistas bastante concretas sobre os valores, identidades e práticas que diferenciam grupos ou comunidades. Nesse sentido, nosso trabalho se dedica a estudar a paixão como elemento discursivo, no viés da Semiótica. Nosso objetivo é investigar como a paixão mobiliza o ciberativismo nos comentários das *fan-pages* do *Movimento Brasil Livre* (MBL) e *Frente Brasil Popular*, levando o leitor a demonstrar seu posicionamento em relação ao *impeachment* da presidente Dilma Rousseff.

Já nossos objetivos específicos visam (i) definir ciberativismo e sua repercussão no cenário político atual voltado para os comentários das páginas *Movimento Brasil Livre* (MBL) e *Frente Brasil Popular*; (ii) descrever o atual momento político brasileiro, fazendo uma interligação com novas mídias, no que tange ao crescente uso das redes sociais para a ampliação do conteúdo; (iii) proceder uma análise, por meio da teoria da Semiótica das Paixões, dos comentários selecionados, indicando os mecanismos de construção de efeitos de sentido com o objetivo de atingir o seu objeto-valor nas *fan-pages* *Movimento Brasil Livre* (MBL) e *Frente Brasil Popular* (FBP), por meio do ciberativismo.

Para atender a esses objetivos, a construção do *corpus* de análise ocorreu por meio de uma seleção de temas advindos de pesquisas realizadas na Graduação em Comunicação Social – Jornalismo e da Análise do Discurso, desenvolvida no Mestrado. Tais pontos possibilitou-nos chegar à Semiótica Discursiva. Com essa delimitação, o *corpus* para o estudo foi constituído por duas *fan-pages* de grande relevância no cenário político nacional em 2016: o *Movimento Brasil Livre* (MBL) e *Frente Brasil Popular*.

Trabalharemos especificamente com comentários das postagens entre o período de 17 de abril de 2016, data da votação da abertura do processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados, até o dia 22 de abril de 2016, visita da presidente

aos Estados Unidos. Além do dia 12 de maio, que corresponde ao afastamento de Dilma Rousseff, e as descrições de cada página na aba “Sobre”, no *Facebook*.

Para desenvolver esse estudo, foi utilizado como recurso teórico-metodológico a Semiótica Discursiva, no que tange à Semiótica das Paixões e Semiótica Tensiva, a partir dos trabalhos de Greimas e Fontanille (1993), Fontanille e Zilberberg (2001) e Fontanille (2015). Consideramos que o discurso utilizado nos comentários é construído por um sujeito da enunciação que deixa transparecer sua paixão. Essa, por sua vez, será entendida como efeito de sentido de qualificações modais que modificam o sujeito de estado. Seguir a passionalidade na Semiótica permite tratar as paixões como objeto, possibilitando compreender o discurso apaixonado presente nas redes sociais, instituindo os sujeitos, suas posições e até o modo como caracteriza as ações dos sujeitos que lhes são contrários.

Desse modo, entendemos que o problema da pesquisa gira em torno de como o sujeito apaixonado referenda suas paixões nos comentários das *fan-pages*. Em outras palavras, se eles conseguem atingir seu objeto-valor, *impeachment*, impulsionado pelo ciberativismo, da presidente eleita Dilma Rousseff (PT). Assim, defendemos a hipótese que os comentaristas assumem, no ambiente *Facebook*, um papel de ciberativistas, que utilizam o espaço para construir seus lugares de fala, de forma a expressar elementos de sua personalidade ou individualidade. Eles passam a ser percebidos e julgados por seus discursos, que são legitimados por curtidas, compartilhamentos e posicionamentos em comum.

Além disso, pressupomos que os comentários na *fan-page* do *Movimento Brasil Livre* irão construir um discurso de ascendência, partindo da insatisfação para a satisfação, firmando um contrato de confiança com o MBL, tendo seu auge na abertura do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff. Por outro, os comentários da *Frente Brasil Popular* seguiriam o caminho contrário, indo da satisfação à insatisfação, com a ruptura do contrato de confiança e um gráfico descendente.

No capítulo 1, apresentaremos o objeto e sua relação com os trabalhos mais contemporâneos na área de Internet e Política. Partiremos da contextualização da Internet e suas manifestações, indo da Web 1.0 até a Web 3.0. O desenvolvimento da Internet ocorreu de forma rápida, deixando de ser utilizada apenas com fins acadêmicos e militares e ganhando aspectos importantes para atingir o nível atual. Tais fatores possibilitaram o surgimento de um novo espaço (o ciberespaço), inserido em uma nova ramificação da cultura, a cibercultura. Os estudos de Pierre Lévy (1999), Lemos e Levy (2010), Palácios (2003), Santaella (2010) e Manuel Castells (1999) serão fundamentais para o desenvolvimento teórico nesse primeiro momento.

O *Facebook*, enquanto principal plataforma on-line de propaganda política, circulação de informações, de mobilização e de debates, torna-se o nosso próximo assunto a ser trabalhado. Ademais, detalharemos características específicas dessa rede social, assim como o seu desenvolvimento e sua importância para o cenário político brasileiro atual. Com base em autores como Carlomagno (2014), Recuero (2009), Renata Lemos (2010), Zago (1999), Jesús Galindo Cáceres (2013) será possível acompanhar algumas análises metodológicas referentes ao *corpus* e à teoria lançada.

A partir de uma compreensão da rede social *Facebook*, deslocamos nossa atenção para a interface política e Internet. Nesse sentido, introduzimos uma contextualização histórica do momento político que o Brasil vivenciava. Grosso modo, podemos destacar algumas características: (1) pleito de 2014 imprevisível, com fatores como morte do então candidato Eduardo Campos (PSB), tendo assumido à vaga sua vice, a ex-senadora Marina Silva, sendo a favorita até meados de setembro; (2) um segundo turno acirrado entre Dilma Rousseff (PT) e Aécio Neves (PSDB); (3) antipetismo, fenômeno que separa os que apoiam e os que são contra o PT; (4) aumento da impopularidade de Dilma Rousseff; (5) denúncias de corrupção; (6) aumento dos discursos de ódio e intolerância nas redes sociais, principalmente em *fan-pages* do *Facebook* e (7) o perfil conservador que o Congresso assumiu após as eleições.

No breve panorama sobre a ciberpolítica, por meio de autores como Marques (2011); Carlomagno (2014) e Oliveira (2016), será possível notar que as redes sociais se tornaram um novo modelo de comunicação política no Brasil, marcado por uma maior disponibilidade de informações. Além disso, ela permite que, em momentos de tensões políticas, indivíduos tendem a se concentrar em *fan-pages* que oferecem uma visão de mundo semelhante à sua.

Para encerrar o primeiro capítulo, foi realizada uma descrição sobre ciberativismo e alguns procedimentos metodológicos baseados na teoria de Sandor Vegh (2003), na qual o ciberativismo possui como análise as seguintes categorias (i) conscientização/apoio, (ii) ação/reação e (iii) organização/mobilização.

A investigação está focada em três ações: (1) convocação on-line para ações off-line; (2) convocação para ações online que também podem ser realizadas off-line; (3) e convocação para realização de atividades que só são possíveis on-line. Assim, as pessoas ligadas ao ciberativismo compartilham um tema comum e o levam a uma discussão pública, com o objetivo de produzir conteúdo e informação para atingir algum objetivo político. Autores como Castells (2003), Perreira (2011), Alcântara (2013), Rigitano (2005) e David de Ugarte (2007) contribuíam para a compreensão do ativismo digital.

No capítulo 2, realizaremos uma abordagem histórica e metodológica da Semiótica da Escola de Paris, desenvolvida por Algirdas Julien Greimas, que reconhece tradicionalmente o sentido, em todas as suas manifestações discursivas. O intuito é realizar uma retomada da semiótica greimasiana, não propriamente biográfica, para mostrar o desenvolvimento da teoria até chegar na Semiótica das Paixões (Capítulo 03). Para tal, autores com Greimas (1983), Greimas e Courtés (1979), Fontanille (2015), Barros (1994), Lara e Matte (2009) e Calbucci (2009) serão fundamentais para a compreensão da semiótica.

Cada um desses vieses colabora para o desenvolvimento teórico e metodológico da segunda parte. Ela apresenta o percurso gerativo de sentido, em que o texto é um objeto material analisável em três campos autônomos: (1) estruturas fundamentais; (02) estruturas narrativas e (03) estruturas discursivas. No nível fundamental, encontramos as oposições semânticas, determinadas como eufóricas (positivas) ou disfóricas (negativas). Já no nível narrativo, temos as modalidades do /querer/, /dever/, /poder/ e /saber/ e as relação do sujeito com os objetos e com outros sujeitos, em que os conteúdos são transformados pela ação do sujeito do fazer. Por fim, o discursivo, pelas relações entre a instância da enunciação, responsável pela produção e pela comunicação do discurso e o texto-enunciado. Tal percurso caracteriza a Semiótica dita *standard*, priorizando o sujeito do fazer. Cada um dos três níveis será exemplificado com os comentários das duas *fan-pages*,

No capítulo final, desenvolveremos os fundamentos teóricos da Semiótica das Paixões, tendo como fonte básica o livro *Semiótica das Paixões* (1993) de Algirdas Julien Greimas, em coautoria com Jacques Fontanille. Outros autores utilizados serão Barros (1990 - 1995), Fontanille (2015), Fiorin (2007), Lara e Matte (2009 - 2010), Greimas (1983), Fontanille e Zilberberg (2001), Mendes (2016) e Zilberberg (2006).

O estudo das paixões introduz a subjetividade e a efetividade na análise semiótica, considerando os efeitos passionais do discurso, que são resultados da modalização do sujeito de estado. Desse modo, as paixões são frutos de arranjos modais, resultado do jogo entre as modalidades /querer ser/, /dever ser/, /saber ser/, /poder ser/, além disso, cada uma destas modalidades pode ser negada, como por exemplo, o /não querer ser/.

Assim sendo, a paixão nasce como a modalização do ser e do fazer. Em sua estrutura metodológica ela apresenta um percurso gerativo passional que parte do estudo de lexemas. Além disso, as paixões podem ser classificadas como simples, envolvendo um único arranjo modal, ou complexas, implicando uma sucessão de paixões que se articulam num percurso, sendo que os efeitos de sentido passionais são determinados pela cultura.

Com o detalhamento de todos os pontos acima, partimos para uma breve explicação sobre a semiótica tensiva e o acontecimento, que surge como uma complementação à Semiótica greimasiana. A Semiótica tensiva vê os modos de existência passionais compreendidos no discurso regido pela intensidade e pela extensidade. Ela acrescenta na análise a foria, que acorda tanto a extensidade, no seu espaço e tempo, quanto a intensidade, no andamento e no ritmo. Unindo, desse modo, modalidade e foria, a paixão consegue correlacionar o inteligível (fazer) com o sensível (ser). Além disso, a paixão é compreendida como um acontecimento, ou seja, ele leva a afetividade ao auge, estando ligado ao surpreendente, ao inesperado, regido pela lógica concessiva.

Durante todo o percurso teórico iremos desenvolver a análise dos comentários, elucidando as principais paixões encontradas, com base na lista das paixões lexemáticas apresentados por Barros (1990). Buscaremos explicar cada uma das paixões encontradas relacionando-as às características do ciberativismo, assim como aspectos tensivos que as regem, tecendo interpretações que ajudarão a confirmar, refutar, detalhar a hipótese e objetivos propostos.

1. CAPÍTULO I: *FAN-PAGES* COMO PALCO DO CIBERATIVISMO

No Brasil, o ano de 2010, em suas eleições presidenciais, tornou-se um marco nacional na adoção da internet, pois “apresentou um cenário diferenciado, permitindo afirmar que as ferramentas digitais, por conta de sua difusão junto ao eleitorado, assumem uma importância, de certa forma, inédita” (MARQUES, SAMPAIO, 2011, p. 210). Já no pleito de 2014, as redes sociais ganharam uma projeção substancial, principalmente as *fan-pages*² do *Facebook*, tornando-se palco de debates e comentários da agenda pública nacional.

Em relação ao cenário político, desde as eleições de 2014, o Brasil vem enfrentando uma crise política com escândalos de corrupção e pedidos de *impeachment*. Dilma Rousseff, reeleita em 2014, enfrentou uma forte rejeição por conta de escândalos de corrupção como o da Petrobrás³, das impopulares medidas de ajuste fiscal que afetaram a classe média brasileira, além de outros fatores que culminaram em manifestações populares a favor e contra sua permanência na presidência.

Em meio ao amplo e distinto universo de *fan-pages* que surgiram nesse período, compreendido entre as eleições de 2014 até a abertura do processo de *impeachment* da então presidente do Brasil Dilma Rousseff (PT), em maio de 2016, duas se destacaram: *Movimento Brasil Livre* (MBL) (<https://www.facebook.com/mblivre/timeline>) e a *Frente Brasil Popular* (FBP) (<https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular/timeline>).

Tanto o *Movimento Brasil Livre* quanto a *Frente Brasil Popular* fazem parte de um novo espaço de lutas sociais contemporâneas, pertencendo ao que denominaremos nesse trabalho de ciberativismo, ativismo digital ou ativismo on-line. Isso ocorre devido às novas plataformas de interação on-line, como o *Facebook*, as quais facilitam as atividades em termos de tempo, distância geográfica e custo.

O primeiro capítulo desta dissertação pretende, portanto, definir e descrever o ciberativismo e suas repercussões no cenário político brasileiro em que está inserido este trabalho. Cenário este compreendido no ano de 2016, fazendo uma interligação com as novas mídias no que tange ao crescente uso das redes sociais para a ampliação do conteúdo político.

² De acordo com o Facebook, “as *fan pages* existem para que as organizações, empresas, celebridades e bandas transmitam muitas informações aos seus seguidores ou ao público que escolher se conectar a elas” (FACEBOOK, 2016).

³ Segundo publicação realizada pela UOL (2015), a escândalo da Petrobras foi descoberto na operação Lava Jato, conduzida pela Polícia Federal (PF), em março de 2014. O objetivo era apurar suposto esquema de desvio e lavagem de dinheiro envolvendo diretores da estatal, grandes empreiteiras e políticos. A operação recebeu este nome pois um dos grupos envolvidos no esquema fazia uso de uma rede de lavanderias e postos de combustíveis para movimentar o dinheiro ilícito. UOL. Disponível em: <<http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/02/05/quer-entender-o-que-acontece-na-petrobras-veja-este-resumo.htm>>. Acesso em: 14 dez. 2016.

Para isso, faremos um breve recorte da literatura nacional e internacional sobre o ciberespaço. Em seguida, trabalharemos a questão da ciberpolítica, fazendo uma junção da Internet e da política na era digital. Na última parte, nos preocupamos em descrever o que é o ciberativismo e em realizar uma análise de duas *fan-pages*.

1.1 A estrutura da Internet e a Web 2.0

Nesta seção, faremos uma breve contextualização do surgimento da Internet e de suas ramificações. Interessa-nos, entretanto, expor as grandes tendências da evolução dessa rede para abordar posteriormente o ciberativismo.

Segundo Pierre Lévy (1999), os primeiros computadores surgiram na Inglaterra e nos Estados Unidos em 1945 com a finalidade de atender aos militares em cálculos científicos. Seu uso por civis se disseminou durante a década de 1960, mas eles ainda eram grandes máquinas de calcular, frágeis e isoladas em salas refrigeradas. A informática, nesse período servia “aos cálculos científicos, às estatísticas dos Estados e das grandes empresas ou a tarefas pesadas de gerenciamento (folhas de pagamento etc.)” (LÉVY, 1999, p.31).

O desenvolvimento e a comercialização dos microprocessadores⁴ teve início na década de 1970. Nesse período, eles eram utilizados para a produção industrial - como robótica e máquinas industriais com controles digitais - e em alguns setores terciários, como bancos e seguradoras. Enquanto isso, na Califórnia (Estados Unidos), nascia um movimento social de contracultura que se utilizou das novas possibilidades técnicas e inventou o computador pessoal (LÉVY, pp.31 e 32).

Os computadores tornaram-se, assim, instrumentos de criação (textos, imagens, músicas), de organização (planilhas), de simulação (programas para pesquisa) e de diversão (jogos) na mão de uma porção crescente da população dos países desenvolvidos.

No final dos anos 1980 e início dos anos 90, um novo movimento sociocultural originado pelos jovens profissionais das grandes metrópoles e dos campi americanos tomou rapidamente uma dimensão mundial. As tecnologias digitais surgiram, então, como a infraestrutura do ciberespaço, novo espaço de comunicação, de sociabilidade, de organização e de transação, mas também novo mercado da informação e do conhecimento. (LÉVY, 1999, p.32)

Paralelo ao surgimento dos computadores pessoais, surge um terceiro ponto importante: a Internet (LE MOS e LEVY, 2010). Sua origem é datada da década de 1980 em

⁴ Unidade de cálculo aritmético e lógico localizada em um pequeno chip eletrônico (LÉVY, 1999, p.31)

um laboratório de pesquisa em Física de Genebra, com a criação do *www* (*Wide World Web*), um recurso hipertextual de viabilização multimidiática da rede. Nesse sentido, Palácios (2003, p. 7) afirma que a melhor definição para esse novo meio é a de “um sistema que funciona como um ambiente de informação e comunicação, interligando-se a outros sistemas”.

Ou seja, a Internet é compreendida como cabos ou tecnologias sem-fio interligados que permitem a transmissão de informação para qualquer computador que esteja conectado à grande rede.

Não existe uma coisa física chamada internet. Você não pode vê-la, tocá-la ou ouvi-la. O que há são milhões de computadores, em mais de 100 países. Todos ligados em uma única rede de ponto central. Estão ligados uns aos outros, redes com redes, formando uma malha cheia de nós (CHARLAB, 1996, p. 21).

Seu desenvolvimento ocorreu de forma rápida, deixando de ser utilizada apenas para fins acadêmicos e militares e ganhando aspectos importantes para atingir o nível atual (SANTAELLA, 2010, p.10). A primeira fase da Internet é conhecida como a Web 1.0. Nesse modelo mais tradicional, o produtor do conteúdo interagia pouco com o receptor. Ela estava limitada em termos de personalização e possuía um aspecto predominantemente informativo.

Já na segunda fase, a Web 2.0⁵ é marcada pelo compartilhamento de informações entre os internautas e os sites. É nessa fase que centramos nossa pesquisa, uma vez que o meio que suporta nosso *corpus* – os comentários de redes sociais - está inserido no *Facebook*, rede social pertencente à Web 2.0.

A Web 2.0 ficou conhecida como a Web da cooperação, com redes de relacionamento, *emoticons*, blogs, transferência de arquivos (FTP), marketing viral, *social bookmarking* (*folksonomia*), webjornalismo participativo, escrita coletiva, velocidade e convergência. Surgem aí, as produções independentes, eletrônicas, digitais etc., os ativismos políticos, artísticos e mesmo a possibilidade de formar redes de cidadãos conectados. Nesse contexto, as novas palavras chaves são: blogosfera, wikis e redes sociais digitais”. (SANTAELLA, 2013 p.27)

Lemos e Lévy (2010, p.10) acrescentam que a Web 2.0 pode ser intitulada como “computação social”. De acordo com os autores, ela permite o compartilhamento de memórias coletivas em escala mundial como fotografias, vídeos, músicas e notícias. Outra característica é o apagamento da distinção entre produtores, consumidores, críticos e editores, uma vez que cada um pode exercer o papel que desejar.

⁵ O termo Web 2.0 foi criado por Tim O’Reilly para se referir a uma espécie de segunda geração de aplicativos, comunidades e serviços de que a Web seria a grande plataforma.

Em vez de ser enquadrado pelos mídias (jornais, revistas, emissões de rádios ou de televisão), a nova comunicação pública é polarizada por pessoas que fornecem, ao mesmo tempo, os conteúdos, a crítica, a filtragem e se organizam, elas mesmas, em redes de troca e de colaboração. (LEMOS e LÉVY 2010, p.13)

Fala-se também em Web 3.0 para apontar o desenvolvimento futuro da Web. Contudo, muitos autores (Lévy, 1999; Lemos, 2010) criticam o termo por achar que se trata apenas de uma jogada de marketing.

Com os aspectos apresentados, é possível considerar a Internet como uma mídia, com suportes que abrigam, ao mesmo tempo, várias características dos meios massivos, criando uma cultura específica, a cibercultura, dentro de um novo espaço, o ciberespaço⁶.

1.1.2 Cibercultura

Em seu livro *A Sociedade em Rede*, Castells (1999, p.459) afirma que a cultura consiste em um processo de comunicação, sendo baseada na produção e no consumo de sinais. Portanto, “em todas as sociedades, a humanidade tem existido em um ambiente simbólico e atuado por meio dele”.

De acordo com o autor, a cibercultura não é uma nova forma de cultura, pois a realidade, como é vivida, sempre foi virtual, uma vez que ela é percebida por meio de símbolos que geram uma prática com algum sentido. O que caracteriza, portanto, esse novo sistema de comunicação integrado em rede⁷ é a inclusão e abrangência de todas as expressões culturais (CASTELLS, 1999).

Entretanto, esse novo ciberespaço transforma radicalmente o espaço e o tempo que, para Castells (1999), são dimensões fundamentais da vida humana. Assim, “localidades ficam despojadas de seu sentido cultural, histórico e geográfico e reintegram-se em redes funcionais ou em colagens de imagens, ocasionando um espaço de fluxos que substitui o espaço de lugares” (CASTELLS, 1999, p.462). Já o tempo é apagado, uma vez que o passado, o presente e o futuro, nesse sistema em rede, podem interagir entre si na mesma mensagem.

⁶ “O principal significado do ciberespaço é a interconexão geral de tudo em tempo real, a concretização do espaço virtual onde as formas culturais e linguísticas estão vivas”. (LÉVY, 2010, p.166)

⁷ Neste trabalho, rede será utilizado como sinônimo de Internet. Por definição, segundo Paulo Vaz (2008, p.223) “uma rede é constituída por nós e conexões dois a dois entre estes nós, que podem ser diretas ou indiretas, isto é, a conexão entre dois nós podem requerer um ou mais nós intermediários. Da definição, decorre uma singularidade maior da rede: o número de nós pode ser finito e, contudo, a rede é ilimitada. (...) Se considerarmos sua multipolaridade, observamos que a rede é capaz de se entender ou de receber novos elementos com facilidade: pode crescer ou acolher elementos estranhos em qualquer um de seus nós. A rede é a estrutura mínima de ordem, singularizada por sua tolerância à diversidade social e temporal”. Hoje, para o autor, a rede torna-se a base de uma nova compreensão da sociedade contemporânea.

Lévy define o ciberespaço como “o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores”. (LÉVY, 1999, p.92). Para o autor, o ciberespaço incorpora todas as mídias anteriores, desde a escrita, a imprensa, o telefone, o cinema, o rádio e todas as melhorias da comunicação para criar e reproduzir signos. Tais fatos ocasionam uma nova configuração de larga escala de comunicação denominada “muitos para muitos”.

Os meios de comunicação de massa, imprensa, rádio e televisão possuem uma troca de informações organizada de “um para muitos” (LÉVY, 1999, p.166). Ou seja, uma mesma informação é vinculada de um meio (rádio, televisão, jornal impresso) para muitos receptores, proporcionando largas audiências e um sentido de comunidade. No entanto, isso impede uma comunicação realmente interativa, uma vez que não há um diálogo entre o emissor e o receptor.

Já o sistema postal e o telefone constituem um sistema de “um para um”. Em outros termos, a comunicação ocorre via diálogo, possibilitando a interação direta, como, por exemplo, perguntas e respostas imediatas. Contudo, esse tipo de interlocução impede as comunidades de “se manifestarem e crescerem no espaço comunicacional que criaram”. (LÉVY, 1999, p.166).

Com o ciberespaço, a comunicabilidade ocorre das três maneiras possíveis, “um para um”, “um para muitos” e “muitos para muitos”, sendo que os três modos operam em tempo real, o que incentiva a inteligência coletiva. Para Lévy (1999), a inteligência coletiva é um dos principais motores da cibercultura. Ela é “o modo de realização da humanidade que a rede digital universal felizmente favorece” (LÉVY, 1999, p.132).

Em outras palavras, a inteligência coletiva é sustentada pelas tecnologias da inteligência que, por sua vez, são concebidas por meio de linguagens e sistemas de signos que geram uma representação no funcionamento intelectual dos usuários da rede (LÉVY, 1999). Ela é uma forma de o indivíduo pensar e compartilhar sua cultura e seus conhecimentos por meio de recursos automatizados, como a Internet.

Tendo isso em mente, podemos assumir que, na inteligência coletiva, o indivíduo participa dos processos de produção e de distribuição do conhecimento. Assim, no ativismo político no ciberespaço, por exemplo, o sujeito tem a chance não apenas de consumir informação, mas também de se engajar no debate político e construir um conhecimento diferenciado sobre as questões políticas que lhe interessam.

O autor brasileiro André Lemos (2010) conceitua a cibercultura como um:

conjunto tecnocultural emergente no final do século XX impulsionado pela sociabilidade pós-moderna em sinergia com a microinformática e o surgimento das redes telemáticas mundiais; uma forma sociocultural que modifica hábitos sociais, práticas de consumo cultural, ritmos de produção e distribuição da informação, criando novas relações no trabalho e no lazer, novas formas de sociabilidade e de comunicação social. Esse conjunto de tecnologias e processos sociais ditam hoje o ritmo das transformações sociais, culturais e políticas nesse início do século XXI. (LEMOS, 2010 p.21- 22)

A partir disso, ele pontua três princípios básicos da cibercultura. O primeiro é a liberação da palavra, que está diretamente ligada aos processos de comunicação social e às novas tecnologias. Para o autor, com o advento das redes sociais qualquer pessoa torna-se consumidora, produtora e distribuidora de informações. Isso tira das mídias tradicionais o monopólio da informação propiciando o surgimento de novos agentes.

Um exemplo citado por Lemos (2010, p.23) é o ativismo político que utiliza a rede como suporte. A título de ilustração, consideremos a seguinte descrição da *fan-page* da *Frente Brasil Popular*:

The image shows a screenshot of the Facebook page for 'Frente Brasil Popular'. The page layout includes a navigation bar at the top with options like 'Curtiu', 'Enviar mensagem', 'Compartilhar', and 'Mais'. Below this is the profile picture and cover photo, both featuring a colorful geometric pattern and the text 'FRENTE BRASIL POPULAR'. The main content area is titled 'Sobre' and is divided into several sections: 'PAGE INFO' (Criado em 10 de agosto de 2015), 'INFORMAÇÕES DE CONTATO' (Facebook handle @FrenteBrasilPopular, website http://www.frentebrasilpopular.org.br), and 'MAIS INFORMAÇÕES' (About: Militantes em defesa da democracia e de uma nova política econômica). To the right, there is a 'STORY' section with a text post from August 10, 2015, which reads: 'Reunidos no dia 10 de agosto de 2015, militantes de movimentos populares, sindicais, da juventude, negros e negras, mulheres, LGBT, pastorais e partidos políticos, intelectuais, religiosos e artistas reafirmamos a necessidade de derrotar a ofensiva das forças conservadoras e golpistas, propor outra política econômica, para caminhar em direção à transformações estruturais.' Below the story, there is a paragraph: 'Para tanto, precisamos disputar a sociedade e as ruas e por isso é necessário construir uma frente popular e mobilizar a sociedade, incentivando as mobilizações da Marcha das Margaridas, de 20 de agosto em todo o país, o Grito dos Excluídos de 7 de setembro e inúmeras outras iniciativas que estão em curso nos estados.'

FIGURA 1: SOBRE DA FAN-PAGE FRENTE BRASIL POPULAR FACEBOOK. FRENTE BRASIL POPULAR. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/FRENTEBRASILPOPULAR/](https://www.facebook.com/FRENTEBRASILPOPULAR/) >

Ao observarmos o enunciado percebemos que a página é organizada por cidadãos representantes de movimentos populares, sindicais, da juventude, negros e negras, mulheres, LGBT e outros, que possuem uma voz ativa nessa rede para mobilizar, transmitir e produzir informações para seus simpatizantes. De acordo com a categoria apresentada, esses atores são produtores ativos de informação e participantes de redes sociais, portanto, beneficiam-se da liberação da palavra, obtendo o direito à fala dentro desse movimento. A utilização desse

espaço de comunicação sem controle da emissão, produzido por vozes livres, reconfigura a cultura política contemporânea (LEMOS, 2010).

O segundo princípio proposto pelo autor é o da conexão e da conversação mundial, no qual ele explica ser o mesmo conceito de inteligência coletiva utilizado por Pierre Lévy, apresentado anteriormente no texto. Já o terceiro princípio, para Lemos (2010, p.26- 27), o ciberespaço provocou uma reconfiguração do sistema informacional global, gerando dois sistemas infocomunicacionais: os *massivos* e os *pós-massivos*. O primeiro é representado pela indústria cultural clássica onde a informação parte de um polo controlado (rádio, televisão, jornal impresso) para as massas (receptores). No *pós-massivo*, que é marcado pela expansão das redes, cria-se uma emissão livre das formas de produção e circulação de opinião pública, permeadas pela interatividade.

O sistema pós-massivo permite a personalização, o debate não mediado, a conversação livre, a desterritorialização planetária. Devemos entender essa nova paisagem comunicacional para vislumbrar os desafios do novo contexto político-comunicacional, berço da ciberdemocracia em gestão”. (LEMOS, 2010, pp.26 e 27).

Isso, no entanto, não condiciona o fim do sistema de comunicação de massa, uma vez que estamos presenciando sua transformação. A estrutura massiva é de suma importância para criar o público e dar sentido de comunicação de pertencimento local, por meio, por exemplo, de telejornais regionais.

1.2 Redes Sociais

Estudar a junção das novas tecnologias da comunicação pela sociedade e pelas organizações políticas é uma tarefa desafiadora, já que trabalhar com o ciberespaço é viver num cenário em constante evolução. Portanto, para compreender a motivação em escolher esse meio como *corpus*, é preciso revisitar os desdobramentos das pesquisas recentes sobre redes sociais⁸.

Os comentários do site da rede social *Facebook* foram escolhidos como *corpus* deste trabalho tanto em vista que essa é a principal plataforma on-line quando se trata de política e ativismo. “O Facebook ultrapassa o Twitter no pleito de 2014, sendo a mídia social mais utilizada tanto em termos do potencial de candidatos que utilizaram esta mídia quanto do

⁸ Como exemplo de redes sociais podemos citar: YouTube; Twitter; LinkedIn; Facebook; Myspace; Flickr; Picasa; sites de conteúdo colaborativo (como a Wikipédia) e outras.

número médio de seguidores de *fan-pages* relacionadas ao tema política”. (CARLOMAGNO, 2014, p.14)

No entanto, antes de iniciarmos as discussões ligadas ao *Facebook* e ao ativismo político, faz-se necessária uma explicação sobre as redes sociais. No Brasil, uma das principais autoras sobre o tema é Raquel Recuero. Para ela, “uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)” (RECUERO, 2009 p.24).

A autora entende ator como representações performáticas dos indivíduos, sendo que eles são os primeiros elementos da rede social, são as pessoas envolvidas na rede, nas palavras de Recuero (2009, p. 25): “os atores são representados pelos nós (ou nodos)”. Assim, um usuário com perfil no *Facebook* pode ser considerado um ator.

A autora observa que os perfis nas redes sociais são considerados apropriações individuais do ciberespaço. Tomemos como exemplo a imagem 02, retirada da *fan-page* do MBL.



FIGURA 2: PERFIS NO FACEBOOK FACEBOOK. MOVIMENTO BRASIL LIVRE. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/MBLIVRE/](https://www.facebook.com/MBLIVRE/)>

A partir da imagem podemos observar que os comentaristas 01 e 02, são considerados representações de atores sociais. No caso, são representações de indivíduos que se posicionam a favor do afastamento de Dilma Rousseff da presidência da república. O espaço *comentário* possibilita que os atores 01 e 02 construam seus lugares de fala, de forma a expressar elementos de sua personalidade ou individualidade. “Essas apropriações funcionam como uma presença do eu no ciberespaço, um espaço privado e, ao mesmo tempo, público” (RECUERO, 2009, p.27).

Dessa maneira, Recuero (2009, p.27) salienta que, nas redes sociais, as pessoas são julgadas e percebidas por suas palavras, que constituem expressões de alguém e ajudam esse indivíduo a se legitimar dentro do grupo social em que ele está inserido. “É preciso, assim, colocar rostos, informações que gerem individualidade e empatia na informação”.

Portanto, ao nos depararmos com os perfis dos comentaristas 01 e 02, é possível notar a construção pessoal de cada um deles. O primeiro sente-se feliz pelo afastamento de Dilma Rousseff; já o segundo, apesar do contentamento, cobra responsabilidade e mais ação do MBL para o período que se segue. Nesses perfis são expostos os gostos, as paixões e os ódios dos atores sociais. Além disso, a própria escolha de curtir um comentário ou seguir, nesse exemplo, a página do MBL, mostra uma apropriação de elementos de identificação.

Outro ponto importante das redes sociais são as conexões que “são constituídas dos laços sociais, que, por sua vez, são formados através da interação social entre os atores” (RECUERO, 2009, p.30). A interação, portanto, está ligada à ação de um e à reação do outro, como numa conversação oral.

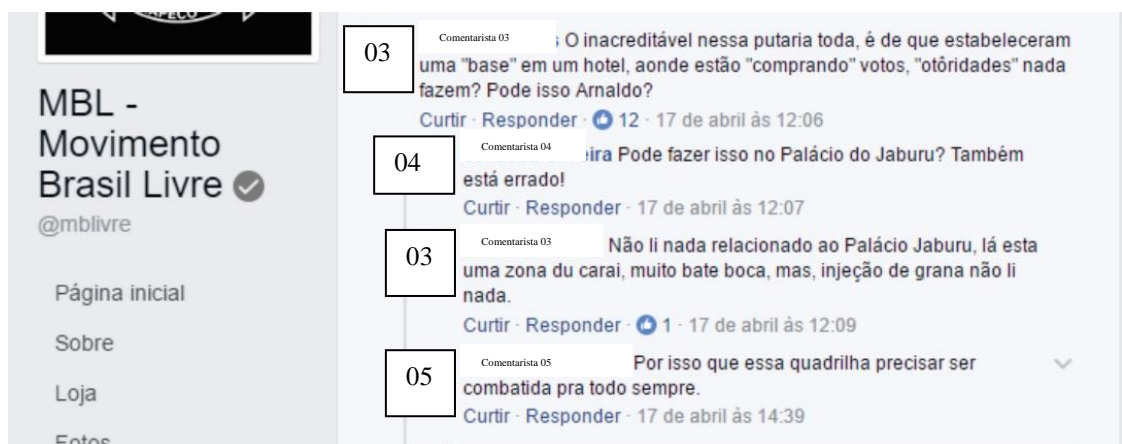


FIGURA 3: INTERAÇÃO NOS COMENTÁRIOS FACEBOOK. MOVIMENTO BRASIL LIVRE. DISPONÍVEL EM: <[HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/MBLIVRE/](https://www.facebook.com/MBLIVRE/)>

A imagem acima, que foi retirada da postagem da MBL intitulada *1 MILHÃO DE CURTIDAS - Dia histórico! Por coincidência, no dia da votação do impeachment, o MBL*

atinge a incrível marca de 1 milhão de curtidas nessa página, do dia 17 de abril de 2016, o comentarista 03 faz uma pergunta, de forma coloquial e irônica, a respeito da votação do *impeachment* na Câmara dos Deputados. Logo abaixo, vemos o comentário de 04 em resposta a 03, que o responde novamente. Posteriormente, um terceiro ator, comentarista 05, aparece interagindo com os outros dois.

Notamos que a interação acima ocorre como um diálogo, em que a ação de um ator social depende da percepção daquilo que o outro está dizendo, representando um processo comunicacional. No meio on-line, essa interação é construída pela mediação do computador e pela influência das possibilidades de comunicação das ferramentas utilizadas pelos atores, como os comentários no *Facebook*, sendo, pois, uma interação mútua, dialógica. Na rede social em análise, ainda é possível interagir por meio de botões, confirmando ou excluindo solicitações de amizade, curtindo *fan-pages*, dando curtidas nos comentários, entre outros.

De acordo com Recuero (1999), essas interações mediadas por computadores geram relações sociais, que, por sua vez, criam laços sociais. Por relações sociais entendemos: o conjunto de interações que envolve dois ou mais agentes ou indivíduos comunicantes. Já os laços sociais são a efetiva conexão entre os atores.

O fato de que os laços sociais na Internet, muitas vezes, são laços que também são mantidos *offline*. Além disso, o potencial da Internet de gerar e aprofundar laços sociais através da interação mediada pelo computador. De um modo geral, a mediação pelo computador oferece novos lugares, ou seja, novos espaços para conhecer parceiros com interesses em comum a (*sic*) estabelecer laços iniciais. (RECUERO, 2009, p.44)

Recuero (2009, p.49) define que, ao analisar redes sociais, o pesquisador deve classificá-las como redes emergentes e redes de filiação ou associação. Em alguns casos, a mesma pode apresentar os dois aspectos. As redes sociais emergentes são caracterizadas por permitirem a interação entre os atores sociais por meio da conversação mediada por computador. O *Facebook* pode ser enquadrado nessa categoria, pois promove a construção de grupos através da interação, como o exemplo da Imagem 02. Esse tipo de interação gera a criação de laços sociais dialógicos que, no decorrer do tempo, poderiam gerar laços mais fortes.

Ainda na imagem 02, ao analisarmos os comentários trocados entre os atores sociais do MBL, dizemos que é uma rede emergente porque ela é constantemente construída e reconstruída através das trocas sociais. Essas trocas dão aos atores a sensação de

pertencimento, de sentir-se parte do acontecimento, no caso, a votação do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff.

O *Facebook* pertence também à segunda rede, a de filiação ou associativa. “As redes sociais de filiação ou associativas na Internet são aquelas derivadas das conexões estáticas entre os atores. São redes cujas conexões são forjadas através dos mecanismos de associação ou de filiação” (RECUERO, 2009, p.98). É o caso, por exemplo, da lista de “amigos” do *Facebook*, onde, uma vez adicionado um indivíduo, ele ali permanece independentemente da interação para manter o laço social.

As recentes bibliografias sobre redes sociais no Brasil apontam mais duas autoras importantes, Lucia Santaella e Renata Lemos (2010). Para elas, as redes sociais surgiram da tribalização digital. Isto é, com o avanço da Internet os usuários começavam a se encaixar em “tribos” de interesses.

As autoras distinguem três fases das redes sociais. A primeira - RSIs 1.0 - permitia a interatividade em tempo real com redes socialmente configuradas, sendo classificadas como redes monomodais. Já as RSIs 2.0 ou redes monomodais múltiplas permitiam o compartilhamento de arquivos, interesses, além da comunicação interativa. Com a criação do *Facebook*, em 2004, surgiram as redes multimodais, que são marcadas por sua interação com outras redes e pelo uso de jogos sociais e aplicativos de mobilidade. O *Facebook*, enquanto mídia 3.0, permite o encadeamento tanto de micromídias, como uma nova alternativa de informação “de muitos para muitos” e até mesmo de mídias massivas.

Portanto, a postagem de conteúdos nesse site de rede social é contínua e coletiva, onde as informações se entrelaçam em textos e links, perguntas, declarações, paixões, posição, humor e ódio. O fluxo de trocas é algo vivo e em constante movimento.

1.2.1 Curtir, compartilhar, comentar: conheça o Facebook

Lançado em 2004, pelo americano Mark Zuckerberg o objetivo inicial do *Facebook* era criar “uma rede de contatos em um momento crucial da vida de um jovem universitário: o momento em que este sai da escola e vai para a universidade, o que, nos Estados Unidos, quase sempre representa um espectro novo de relações sociais” (RECUERO, 1999, p.271).

O *Facebook*, segundo Recuero (1999, p.102), possui um mecanismo de individualização (personalização, construção do eu), mostrando as redes sociais de cada ator de forma pública e possibilitando que os mesmos construam interações nesses sistemas. O

perfil dos usuários também permite personalizações diversas, como mudar a imagem de fundo e preencher dados pessoais.

A lógica de funcionamento dessa rede social prevê a formação de uma *timeline* (linha do tempo) para cada perfil, na qual é permitido publicar mensagens, compartilhar informações através de links escrevendo ou não comentários sobre o conteúdo compartilhado, reproduzir publicações de terceiros e curtir ou postar comentários.

Para o autor espanhol Jesús Galindo Cáceres (2013), o fenômeno *Facebook* é, quiçá, o mais interessante e bem sucedido de toda a história do ciberespaço. Ele é o grande fenômeno da comunicação social no ciber mundo. No Brasil, por exemplo, segundo a Pesquisa Brasileira de Mídia 2015 (PBM 2015)⁹, entre as redes sociais e programas de trocas de mensagens instantâneas, o *Facebook* aparece em primeiro lugar, com 83%. De acordo com a própria rede social, em 2015, o país era o terceiro em número de usuários no mundo, com aproximadamente 99 milhões de contas ativas. Ou seja, oito em cada 10 brasileiros estão conectados a esse site de rede social.

Segundo Cáceres (2013), esse sucesso está relacionado ao fato de:

Facebook es masivo, um alfabetizador fácil con una arquitectura básica simple, una convergência digital alta y sencilla. Promotor de um tipo de cultura de lo fácil, lo divertido, lo acessível. Facebook es el nicho perfecto de una nueva cultura emergente, todo em trozos, integrado em forma efímera, siempre em movimento, tocando la superficie. Uma complejidad que muta todo el tiempo, que parece no concretarse em nada, que siempre está cambiando, sin sedimento, sin aparente forma de fondo. Ejemplo claro de la cultura contemporánea¹⁰. (CÁCERES, 2013, p.95)

O autor acrescenta ainda que o *Facebook* possui uma arquitetura simples, muito didática para o usuário, ao mesmo tempo em que possui convergência digital alta e fácil, sendo propícia para uma nova cultura emergente, como o ciberativismo. Por arquitetura da informação, Cáceres compreende os diversos aspectos do ciberespaço, como sua composição e organização, desde a parte da engenharia eletrônica, passando pela diagramação gráfica, até a parte do comportamento social ou o cibercomportamento

Em termos gerais, nosso estudo se interessa pelas discussões e conversações que o *Facebook* oferece por meio dos comentários contidos nas *fan-pages* do *Movimento Brasil*

⁹ BRASIL. 2014. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. Pesquisa Brasileira de Mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília, SECOM.

¹⁰Facebook é enorme, um alfabetizador fácil com uma arquitetura simples e básica, uma convergência digital alta e simples. Um tipo de promotor da cultura do fácil, do engraçado e do acessível. O Facebook é o nicho perfeito de uma nova cultura pop, todas as peças integradas fugazmente, sempre em Movimento, tocando a superfície. Uma complexidade que se transforma o tempo todo, o que não parece se materializar em todos, que está sempre mudando, sem sedimento, sem aparentar forma de fundo. Exemplo claro da cultura contemporânea¹⁰ (CÁCERES, 2013, p.95, tradução minha).

Livre e da Frente Brasil Popular. A MBL foi criada em 1 de novembro de 2014. No seu perfil ela se declara como:

uma entidade sem fins lucrativos que visa mobilizar cidadãos em favor de uma sociedade mais livre, justa e próspera. Defendemos a Democracia, a República, a Liberdade de Expressão e de Imprensa, o Livre Mercado, a Redução do Estado, Redução da Burocracia.

O MBL é um movimento político brasileiro que defende o liberalismo e o republicanismo. De acordo com o “*Jornal Opção*” (maio de 2015), o *Movimento Brasil Livre* nasceu de manifestações pela investigação do *Petrolão*¹¹ e por mais liberdade de imprensa, ocorridas em São Paulo e no Rio Grande do Sul no final de 2014. O movimento se espalhou pelo país e ganhou notoriedade na sua *fan-page* no *Facebook*, que possui um público total em torno de um milhão e quinhentos mil seguidores. Segundo a publicação do jornal, o MBL se declara de direita¹², apesar de afirmar “que não há um partido político essencialmente liberal que os represente”.

O movimento *Frente Brasil Popular* foi criado em 10 de agosto de 2015 e se declara como um grupo de esquerda formado por movimentos sindicais e sociais, ligados a grupos minoritários que defendem bandeiras do campo e da cidade, das mulheres, dos negros, das juventudes, do público LGBT e de moradia. Na descrição da sua *fan-page*, o movimento explica sua origem:

Reunidos no dia 10 de agosto de 2015, militantes de movimentos populares, sindicais, da juventude, negros e negras, mulheres, LGBT, pastorais e partidos políticos, intelectuais, religiosos e artistas reafirmamos a necessidade de derrotar a ofensiva das forças conservadoras e golpistas, propor outra política econômica, para caminhar em direção à transformações estruturais. Para tanto, precisamos disputar a sociedade e as ruas e por isso é necessário construir uma frente popular e mobilizar a sociedade.

Com mais de 88 mil seguidores no *Facebook*, a *Frente Brasil Popular* tem como objetivo unificar a luta dos movimentos populares e responder à ofensiva dos setores conservadores, que passaram a investir fortemente contra os direitos sociais. Segundo o site do movimento, eles utilizam as redes sociais como uma plataforma para ajudar em outros atos como audiências, aulas públicas e marchas.

¹¹ Segundo o site Significados, o “*Petrolão* é o nome dado para um esquema de corrupção e desvio de fundos que ocorreu na Petrobras, a maior empresa estatal brasileira”. O escândalo relacionava vários partidos políticos, como PT, PP e o PMDB. SIGNIFICADO de *Petrolão*. 2017. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/petrolao/>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

As duas *fan-pages* apresentam um padrão semelhante de cunho político, que tem por finalidade difundir informações e reivindicações, para buscar apoio e mobilização para uma causa. Além de criar espaços para discussões, troca de informação, mobilização para ações e protestos on-line e off-line (em locais físicos, como ruas, praças, escolas).

1.3 Interface Política e Internet

Para compreender o que motivou a escolha das *fan-pages* dos movimentos sociais em questão é preciso compreender o momento político que o Brasil estava vivenciando, juntamente com o desdobramento das pesquisas recentes da área de comunicação política na Internet para que, desse modo, possamos iniciar as discussões sobre ciberativismo.

1.3.1. Breve contextualização

A eleição presidencial de 2014 ficou marcada como uma das mais acirradas (OLIVEIRA, 2016), uma vez que a presidente Dilma Rousseff (PT) foi eleita no segundo turno com 51,63% dos votos válidos (54.501.118) contra 48,36% de Aécio Neves (51.041.155). No entanto, outros fatores contribuíram para que esse pleito fosse imprevisível e com grandes reviravoltas, como a morte do então candidato Eduardo Campos (PSB), em 13 de agosto de 2014, tendo sua vice, a ex-senadora Marina Silva como candidata à vaga, sendo a favorita até meados de setembro.

Para Oliveira (2016, p.194-195), a eleição de 2014 pode ser dividida em 10 momentos importantes para se entender a crise política gerada logo após o pleito, são eles: (1) Dilma Rousseff assume o governo em 2010 e torna-se favorita para a reeleição pelo Partido dos Trabalhadores (PT). Durante seus primeiros quatro anos, a presidente investiu na ampliação das políticas sociais, manutenção da estabilidade econômica, combate à corrupção; (2) A partir de 2013, começam a aparecer os primeiros sinais de crise - alta inflação e queda do crescimento econômico - e a onda de protestos ocorrida em junho de 2013. O protesto, que aconteceu principalmente nas grandes metrópoles, era contra o aumento abusivo do transporte coletivo e uma série de reivindicações pautadas principalmente na melhoria dos serviços públicos. Tais manifestações geraram uma queda na popularidade da presidente; (3) Para retomar sua popularidade, Dilma reforçou os investimentos em novas políticas públicas (Mais Médicos, obras de mobilidade urbana etc.), proposta de reforma política; (4) Homologação das candidaturas e a realização da Copa do Mundo de Futebol sem impactos para o cenário

eleitoral; (5) Morte trágica de Eduardo Campos (PSB) e a grande ascensão de Marina Silva como candidata à presidência da república. (6) Desconstrução da candidatura de Marina Silva pelos demais candidatos. Além disso, após a morte de Eduardo Campos, a candidata apresentou contradições políticas, mudando o plano de governo sobre homofobia e assumindo uma postura neoliberal em relação ao modelo econômico de um eventual governo. O resultado foi uma queda nas pesquisas, que levou Marina a disputar a vaga com Aécio Neves; (7) O candidato do PSDB, Aécio Neves, torna-se favorito das eleições de 2014, ficando apenas 8% atrás de Dilma no primeiro turno; (8) Disputa torna-se acirrada no segundo turno, caracterizando uma verdadeira guerra eleitoral; 9) A publicação da *Revista Veja* três dias antes eleição causou mais uma reviravolta. A capa da mesma denunciava que Dilma e Lula sabiam do esquema de corrupção na Petrobras. “A candidata do PT classificou a atitude da revista como golpe eleitoral. O caso ganhou repercussão na grande imprensa e o PSDB utilizou a capa da *Veja* como panfleto de campanha” (OLIVEIRA, 2016, p.195); (10) Dilma vence a eleição numa das disputas mais acirradas desde a redemocratização.

Com base no que foi apresentado, podemos destacar a imprevisibilidade na disputa eleitoral, tendo sido esta a eleição mais acirrada desde 1989. Além disso, alguns fatores importantes merecem destaque para se compreender em os discursos que serão analisados nos comentários das *fan-pages*.

O primeiro deles é o chamado antipetismo. Oliveira (2016) caracteriza-o como um fenômeno em que a disputa está entre os que apoiam o PT e aqueles que desejam tirar o partido do poder.

É um sentimento que mescla valores difusos desde a postura de intolerância e aversão a programas sociais e de inclusão social e a regiões ou culturas mais alinhadas com o PT (os nordestinos, por exemplo), aversão à classe C emergente e ao seu poder de compra por parte de segmentos mais elitizados (classe alta e média alta), até posicionamentos supostamente críticos contra os escândalos de corrupção, o aparelhamento do Estado. (OLIVEIRA, 2016, p.195)

O discurso do ódio é outro fator que deve ser levado em consideração, tanto em posições antipevistas quanto favoráveis. O principal motivo do aumento desse discurso foram os sites de redes sociais (OLIVEIRA, 2015). No *Facebook*, por exemplo, cresceu o número de *fan-pages*, como o MBL e a FBP, em que proliferavam esses discursos. Posto que os usuários pudessem manifestar suas opiniões, tendo em vista a facilidade em postar e a falta de mecanismos de controle dentro da Internet, criou-se uma suposta garantia de que nas redes sociais pode-se falar o que quiser, principalmente com ofensas e agressões.

Os dois últimos fatores são: a) a volta da disputa ideológica marcada pela centro-esquerda versus centro-direita. “Dilma e o PT buscaram reaproximação com setores de

esquerda (apoio do PSOL, defesa de bandeira da esquerda, reaproximação dos movimentos sociais), enquanto Aécio e PSDB buscaram unificar os setores mais conservadores” (OLIVEIRA, 2016, p.195); b) após as eleições, o Congresso ficou configurado com um perfil conservador.

Dilma Rousseff assumiu, em 2015, a presidência em um cenário turbulento, marcado por manifestações nas ruas das principais capitais do Brasil. De acordo com Albuquerque et.al (2015), essas manifestações começaram em junho de 2013 contra o aumento no preço da tarifa do transporte público, cujo alvo inicialmente eram as prefeituras municipais e os governos estaduais, afetando a imagem do governo federal.

As manifestações se repetiram em 2014, tendo como tema os gastos com a Copa do Mundo e voltaram em 2015 e 2016 pedindo o *impeachment* da presidente Dilma. Para os autores, o ponto comum entre todos esses atos é que foram organizados através das redes sociais, como um exemplo claro de ciberativismo.

Ainda em 2015, a Câmara dos Deputados, então presidida pelo deputado Eduardo Cunha (PMDB), recebeu cinquenta pedidos de *impeachment*. Dentre esses, o presidente da Câmara acolheu um, em 02 de dezembro, que foi subscrito por três líderes de movimentos populares, dentre eles Kim Kataguirí, líder do *Movimento Brasil Livre*.

No pedido, a presidente Dilma Rousseff foi acusada de crime de responsabilidade fiscal, com base no artigo 85 da Constituição Federal e Lei 1.079/1050. O principal argumento era a violação das leis relativas ao orçamento e ao controle fiscal, como a Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) e a Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF). A infração teria sido cometida mediante a edição de decretos de créditos suplementares sem a aprovação do Congresso Nacional e a realização de operação de crédito com instituição financeira controlada pela União.

A defesa da presidente petista alegou que a edição dos decretos incidia sobre a autorização de gastos, sem impacto nas despesas orçamentárias. Do mesmo modo, declararam que o processo de *impeachment* não tinha legitimidade, pois não havia crime e sim uma tentativa de “golpe parlamentar”.

A votação pela Câmara ocorreu no dia 17 de abril de 2016, tendo como resultado 367 deputados federais favoráveis e 137 contra. O processo seguiu para o Senado Federal que, em votação no dia 12 de maio, decidiu por 55 votos a favor e 22 contra aceitar a abertura do processo de *impeachment*. Sendo assim, Dilma Rousseff foi afastada do cargo temporariamente, tendo seu vice, Michel Temer, assumido interinamente o posto.

Em agosto de 2016, o processo seguiu para sua fase final, em que os senadores votaram em dois pontos ligados à presidente: (1) se eram a favor ou contra a perda do mandato pela presidente; (2) se eram a favor ou contra a perda de seus direitos políticos. No dia 31, Dilma Rousseff foi destituída de seu posto, mas garantiu seus direitos políticos. Michel Temer assumiu oficialmente o cargo de presidente da República.

1.3.2. Ciberpolítica

A partir das perspectivas apresentadas anteriormente, nota-se que a junção Internet e política, que chamaremos aqui de ciberpolítica, contribuiu em alguns momentos decisivos no cenário político brasileiro entre 2014 e 2016, como, por exemplo, as *fan-pages* de movimentos sociais que ajudaram na disseminação do discurso do ódio e na organização das principais manifestações políticas nesse período.

Para Carlomagno (2015), o pleito de 2014 ficou caracterizado pela incorporação maciça das redes sociais como ferramenta política, sendo que o *Facebook* tornou-se a principal rede social para a campanha eleitoral. O autor tece uma linha evolutiva sobre o uso da Internet na política brasileira. Segundo ele, a utilização da rede em campanhas eleitorais começou em 1998, mas com uma presença mínima de ferramentas de participação e interatividade. Em 2002, os candidatos utilizavam websites com o objetivo de apresentar suas propostas, mas ainda não tinham o processo de interação com o eleitor.

Nos pleitos de 2004 e 2006 o e-mail e os blogs começaram a ser utilizados. Em 2008, a grande novidade foi a troca de informação com os internautas, apesar da proibição da legislação eleitoral do uso das redes para campanhas (CARLOMAGNO, 2015). A grande difusão das tecnologias digitais só aconteceu em 2010, quando houve a queda das restrições dos tribunais eleitorais acarretando o amplo uso da Internet pelos candidatos e a campanha presidencial bem-sucedida de Barack Obama, eleito presidente dos Estados Unidos em 2008. A partir de 2014, as redes sociais tornaram-se o principal canal político para buscar informações e manifestar opiniões.

Nesse sentido, Marques (2011) explica que existem três grades fontes de informação política no ambiente digital. A primeira continua sendo a cobertura promovida pela imprensa convencional por meio de sites ligados a grandes grupos midiáticos tradicionais. A segunda é constituída pelos próprios comitês de campanha de cada candidato que alimentam as redes sociais e blogs. E, por fim, a que nos interessa, a atuação dos próprios usuários na rede, principalmente no *Facebook*. Ao curtir, compartilhar ou comentar uma publicação inicial

gerada por um contato, o internauta estará distribuindo uma mensagem para sua própria rede de amigos.

Marques (2016) destaca ainda que, em momentos de tensões políticas, os indivíduos tendem, crescentemente, a se isolar em grupos que reforcem suas visões de mundo. “A tendência é a de que os usuários prefiram se integrar a contatos com quem mais convergem ideologicamente, evitando-se a crítica ou o isolamento social”. (MARQUES, 2016, p.40)

FIGURA 4: COMENTÁRIO 2 – DILMA FORÇA FACEBOOK. MOVIMENTO BRASIL LIVRE. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/MBLIVRE/](https://www.facebook.com/mblivre/)>

FIGURA 5: COMENTÁRIO 01 – DILMA FORÇA FACEBOOK. MOVIMENTO BRASIL LIVRE. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/MBLIVRE/](https://www.facebook.com/mblivre/)>

Podemos pensar no que propõe Marques (2016), ao associarmos as duas publicações retiradas da *fan-page* da MBL. Apesar dos dois comentários terem sido reproduzidos no mesmo dia, 17 de abril de 2016, eles correspondem a matérias diferentes, o primeiro está ligado à matéria *1 milhão de curtidas* e o segundo à matéria *Final da votação: 367 votos pelo impeachment*. O que nos interessa é a padronização do discurso. Por ser um enunciado irônico e com certo “ar de deboche”, ele só seria aceito por quem compartilha da mesma opinião, o que sugere um perfil parecido entre os seguidores da *fan-page*.

Dar vozes a esses internautas, mesmo que com discursos repetidos, é uma das grandes vantagens da interface política da Internet (GOMES, 2005). A rede tornou-se o lugar ideal para as vozes silenciadas pelos tradicionais meios de comunicação, como é o caso dos movimentos sociais. Tal ação é acentuada pelo alto número de jovens que usam a Internet. “Eles têm agora as melhores oportunidades de intervenção no campo político desde que as últimas gerações abandonaram as manifestações de rua e o hiper-engajamento juvenil em organizações da sociedade civil” (GOMES, 2005, p.18). Portanto, a mobilização política é facilitada pelas redes sociais, principalmente por meio do ciberativismo.

1.4 @internet e #ativismo

O estudo do ativismo em rede, ou ciberativismo, está circunscrito ao ambiente da cibercultura. O termo, relativamente novo, foi impulsionado por Sandor Vegh (2003) no livro *Classifying forms of online activism: the case of cyberprotests against the World Bank*. Segundo ele, o ciberativismo é ‘composto de ações pró-ativas para alcançar um determinado objetivo ou de ações reativas contra controles e autoridades impostas¹³’. (VEGH, 2003, p.72)

Desse modo, para Vegh (2003), o ciberativismo é a utilização da Internet por movimentos politicamente motivados com o objetivo de alcançar suas tradicionais metas ou lutas. No Brasil, um dos grandes pesquisados do tema é André Lemos. Para ele, podemos entender ciberativismo como:

práticas sociais associativas de utilização da Internet por movimentos politicamente motivados, com o intuito de alcançar suas novas e tradicionais metas. O ciberativismo busca mobilizar, informar, agir, tendo como suporte essencial de luta as novas tecnologias do ciberespaço. Diversos grupos organizados usam portais para veicular informações relevantes às suas causas, mobilizam pessoas para uma ação em um determinado espaço público e agem de forma eletrônica em diversos protestos ao redor do mundo (LEMOS, 2003, p.02).

¹³ “is comprised of proactive actions to achieve a certain goal or of reactive actions against controls and the authorities imposing them” (VEGH, 2003, p.02).

O objetivo do ciberativismo é utilizar as ferramentas da rede para alterar a agenda pública (ARAÚJO, 2011), pautando, por exemplo, assuntos ligados aos interesses dos movimentos sociais e saindo, portanto, de um micro espaço para um espaço global.

Nesta dissertação, utilizaremos o conceito de movimento social de Castells (2003): “Os movimentos sociais do século XXI são ações coletivas deliberadas que visam à transformação de valores e instituições da sociedade, manifestam-se na e pela Internet” (CASTELLS, 2003, p.215). Para o autor, é a Internet que propicia as características dos movimentos sociais que estão surgindo na Era da Informação. Com isso, ele apresenta duas características:

1. Os movimentos sociais são mobilizados em torno de valores culturais. “A luta para mudar os códigos de significado nas instituições e na prática da sociedade é a luta essencial no processo de mudança social no novo contexto histórico”. (CASTELLS, 2003, p.115)
2. Os novos movimentos sociais vieram preencher a lacuna deixada pela crise das organizações verticalmente integradas, herdadas da Era Industrial, tais como os partidos políticos de massa e os sindicatos.

Em suma, o que Castells (2003) explica é que a Internet se tornou o meio de desenvolvimento dos movimentos sociais no século XXI. Eles são fundados em um contexto local, mas voltados para um impacto nacional ou global, uma vez que precisam da legitimidade e do apoio de grupos locais, mas não podem permanecer localizados, encontrando na Internet um caminho para o alcance global.

Para Pereira (2011), os movimentos sociais contemporâneos lutam em prol da construção e da definição dos significados por meio de discursos públicos. O objetivo desses movimentos é “promover a democratização das relações sociais dentro da sociedade civil, através da redefinição de papéis, normas, identidades (individuais e coletivas) conteúdos e modos de interpretação de discursos existentes na esfera pública” (PEREIRA, 2011, pp.2 e 3).

A rede fornece espaço para que as questões políticas sejam tematizadas, tornando possível a inclusão através da produção e distribuição de informações por movimentos até então silenciados. A Internet ajuda, justamente, nesse processo de interação, uma vez que essa produção parte de diferentes formas - um para um, um para muitos, muitos para muitos, muitos para um.

Neste trabalho, iremos concentrar-nos na forma de ativismo não institucional (PEREIRA, 2011). Ele corresponde a indivíduos ou grupos sociais que se encontram insatisfeitos com a situação política na qual estão inseridos. É o caso dos dois movimentos

sociais, a *Frente Brasil Popular* e o *Movimento Brasil Livre* que, por não acreditarem em algumas instituições políticas, procuram se manifestar pelo meio on-line e partir para ações diretas como, por exemplo, manifestações de rua, passeatas, ocupações, interrupções de entrevistas, entre outros.

Ainda dentro do ativismo não institucional, Pereira (2011) explica que a mobilização para atrair novos ativistas para dentro desses movimentos sociais de cunho político é favorecida nos casos em que os indivíduos já possuem o interesse pelas causas em questão. Assim, o processo de mobilização de novos atores para o ciberativismo irá ocorrer em dois momentos.

No primeiro, ocorre o convencimento da importância de tal temática, a partir disso há um consenso em torno dela. O segundo momento é marcado pelas mobilizações, sejam elas presenciais (manifestações na rua, por exemplo) ou on-line, como os popularmente conhecidos “vomitações”¹⁴ no *Facebook*. A ação teve início logo após o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, onde defensores da permanência do governo PT resolveram protestar, via ciberativismo, no *Facebook* do PMDB, partido de Michel Temer.

Em, praticamente, todas as postagens do partido entre os dias 10 e 12 de maio de 2016, os comentários das publicações foram tomados por figurinhas (ou na linguagem da rede “stickers”) de alguém vomitando, simbolizando enjoo em relação à situação atual da política brasileira e à posse do presidente interino. O exemplo pode ser conferido na imagem abaixo.

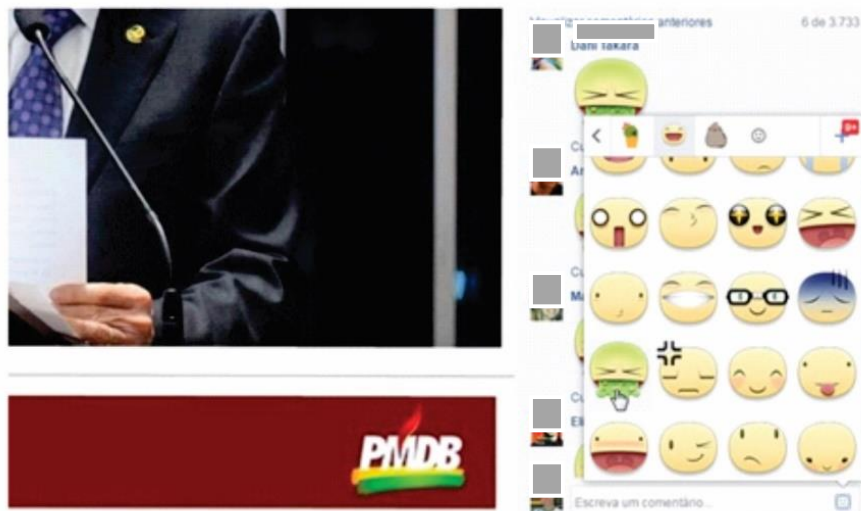


FIGURA 6: “VOMITAÇÃO” NA PÁGINA DO PMDB - O COMENTÁRIO É SOMENTE UMA FIGURINHA DA REDE SOCIAL. FONTE: TECNOMUNDO.

¹⁴ BRASILEIROS fazem 'vomitação' na página do PMDB no Facebook. 2016. Disponível em: <<https://www.tecnomundo.com.br/facebook/104726-brasileiros-vomitaco-pagina-pmdb-facebook.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

1.4.1 –Classificações do ciberativismo

Para Rigitano (2005), só é possível realizar um estudo sobre o ciberativismo se o pesquisador compreender a qual classificação seu objeto pertence. Para tanto, ela utiliza as três categorias de ativismo on-line propostas por Vegh (2003). Vale destacar que os sujeitos podem ser incluídos em uma categoria específica ou desenvolver ações em mais de uma.

O ativismo na rede engloba, segundo Vegh (2003), desde a simples procura e distribuição de informação (conscientização/apoio) até o *hackativismo* (ação/reação). Além da possibilidade de organização e mobilização de indivíduos a partir da rede, em prol de uma causa (organização/mobilização).

1) Conscientização e apoio: a conscientização é alcançada pelo acesso, pela informação que é relevante à causa. Naturalmente, muitas vezes há dificuldade dos eventos. Uma vez que os canais tradicionais de informação podem ser controlados por aqueles cujo interesse é contrário ao dos ativistas, desse modo, a Internet pode servir como uma fonte alternativa de notícias e informações. As notícias e as informações são fornecidas por indivíduos e organizações independentes, concentrando-se principalmente em eventos e assuntos não relatados, sub-relatados ou deturpados nos principais meios de comunicação. 2) Organização / Mobilização: A Internet é usada para a mobilização de três maneiras diferentes. Primeiro, ela pode ser usada para chamar uma ação que normalmente acontece off-line, mas pode ser feito de forma mais eficiente on-line, como uma chamada para entrar em contato com o representante do Congresso por e-mail "A eficiência reside no tempo mínimo que requer para compilar uma mensagem especialmente se forem fornecidos modelos. 3) Ação / Reação: Em uma visão muito simplista, media-instigated a última categoria abrange ataques online cometidos por "hackers". É claro que essa frase, por si só, resume o problema com a compreensão popular desse uso mais proativo e agressivo da Internet para atingir uma meta que pode ser tanto política como financeiramente motivada. Eu descrevo as tendências para demonstrar as diversas manifestações do ativismo on-line e as terminologias ambíguas popularizadas pelos meios de comunicação de massa. (VEGH, 2003, p.72-75).¹⁵

¹⁵ Awareness/Advocacy Public: awareness is achieved by accessing information that is relevant to the cause. Naturally there is often difficulty involved. Since the traditional information channels may well be controlled by those whose interest is counter to that of the activists, the Internet may serve as an alternative news and information source. The news and information are provided by individuals and independent organizations, largely focusing on events and issues not reported, underreported, or misrepresented in the mainstream mass media. 2) Organization/Mobilization: The Internet is used for mobilization in three different ways. First, it can be used to call for an action that normally happens offline, but can be more efficiently done online, such as a call for contacting one's congressional representative through e-mail. The efficiency lies in the minimal time it requires to compile a message especially if templates are provided. 3) Action/Reaction: In a very simplistic, media-instigated view the last category covers online attacks committed by "hackers." Of course, this sentence in itself summarizes the problem with the popular understanding of this more proactive and aggressive use of the Internet

Na primeira categoria, *conscientização* e *apoio*, o autor explica que a Internet funciona como uma fonte alternativa de informação. Nela, os indivíduos e organizações podem divulgar informações e eventos não relatados ou relatados de forma imprópria pelos meios de comunicação tradicionais, como os telejornais. A maioria dos ativistas dessa categoria busca proteger e reivindicar os direitos de segmentos marginalizados.

Utilizando essa categoria, Rigitano (2005, p.254) a subdivide em mais duas: busca de informações e disponibilização e distribuição de informações e/ou denúncias. Para a autora, por meio de buscas na Internet, os ativistas podem encontrar informações direcionadas aos seus objetivos e identificar outros indivíduos com interesses semelhantes.

O propósito das *fan-pages* do MBL e da FBP é de se constituírem como uma fonte alternativa de informação às organizações tradicionais de mídia. Sendo assim, uma das suas razões de ser baseia-se na categoria de conscientização/apoio.

Como exemplo, tomaremos a postagem da página da *Frente Brasil Popular* publicada no dia 19 de maio de 2016:



FIGURA 7: ABRAÇÃO COM DILMA FACEBOOK. FRENTE BRASIL POPULAR. DISPONÍVEL EM:
< [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/ FRENTEBRASILPOPULAR />](https://www.facebook.com/FRENTEBRASILPOPULAR/)

to achieve a goal that can be both politically and financially motivated. I describe trends in order to demonstrate the diverse manifestations of online activism and the ambiguous terminologies popularized by the mass media (VEGH, 2003, p.72-75)

Pela postagem da *Frente Brasil Popular*, que foi compartilhada da *fan-page* do *Mídia Ninja* (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação)¹⁶, é possível acompanhar fotos e informações do encontro entre Dilma Rousseff e mulheres que foram prestigiá-la no Palácio do Planalto, segundo a ótica dos ativistas do movimento *Frente Brasil Popular* presentes no local.

A segunda categoria proposta por Vegh (2003, p.74) é a *organização e mobilização*, a partir da Internet, para uma determinada ação. Segundo o autor, existem três formas de mobilização partindo do uso da rede:

1. Pela Internet, os ativistas convidam pessoas para ações off-line, por meio de envio de e-mails e sites com data, local e horário de uma determinada mobilização;
2. Utilizar a rede para a execução de uma ação que aconteceria off-line, mas que pode ser mais eficaz se for executada nas redes sociais, por exemplo;
3. A Internet é utilizada para ações que só podem ocorrer na rede, como organizar e mobilizar pessoas para uma campanha massiva de envio de *spams*¹⁷ para saturar um servidor.

Em se tratando da segunda categoria proposta por Vegh (2003), é possível encontrar exemplos na duas *fan-pages*. No que diz respeito a mobilizações para ações off-line, as páginas divulgam informações e notícias sobre protestos e outras ações fora da rede. Na descrição da página da *Frente Brasil Popular* é possível notar que o movimento convida seus apoiadores para eventos futuros (imagem 08), tais como a *Marcha das Margaridas* e o *Grito dos Excluídos*.

¹⁶ É um modelo de transmissão dos acontecimentos sem corte e sem censura. As transmissões são feitas em grande parte por celulares e dispositivos 4G, mais na base do improvisado do que de um roteiro pré-definido. Ou seja, uma alternativa de escape para os enquadramentos da mídia tradicional.

¹⁷ De acordo com o site Significado, “spam é um termo de origem inglesa cujo significado designa uma mensagem eletrônica recebida mas não solicitada pelo usuário”. Normalmente, os conteúdos das mensagens são publicitários. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/spam/>>. Acesso em: 15 nov. 2017.



FIGURA 9: CONVOCAÇÃO PARA EVENTOS REALIZADA PELA FRENTE BRASIL POPULAR FACEBOOK. FRENTE BRASIL POPULAR. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/ FRENTEBRASILPOPULAR />](https://www.facebook.com/FRENTEBRASILPOPULAR/)

Já a mobilização para ações que normalmente ocorrem off-line, mas que podem ser mais eficientes se efetuadas on-line, destacamos uma série de comentários da postagem da Frente Brasil Popular intitulada Nota da Frente Brasil Popular e Frente Povo Sem Medo – Não aceitamos o golpe contra a democracia e nossos direitos! Vamos derrotar o golpe nas ruas.



FIGURA 8: COMENTÁRIOS DE CONVOCAÇÃO FRENTE BRASIL POPULAR 01 FACEBOOK. FRENTE BRASIL POPULAR. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/ FRENTEBRASILPOPULAR />](https://www.facebook.com/FRENTEBRASILPOPULAR/)



FIGURA 10: COMENTÁRIOS DE CONVOCAÇÃO FRENTE BRASIL POPULAR 02 FACEBOOK. FRENTE BRASIL POPULAR. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/FRENTEBRASILPOPULAR/](https://www.facebook.com/FRENTEBRASILPOPULAR/) >

Ao observarmos os comentários destacados, percebemos que os ciberativistas utilizam o espaço on-line, os comentários no *Facebook*, para iniciar uma discussão sobre as próximas manifestações e ações a serem executadas pela *Frente Brasil Popular*, como, por exemplo, o do comentarista 14: “*E se organizássemos uma mobilização para angariar fundos para colocar outdoors nas grandes cidades apelando ao senado que vote contra o golpe? Poderíamos chamar empresas de marketing engajadas para participar. O que acham?*”.

Normalmente, esse tipo de abordagem era realizada em reuniões ou plenárias. Com a transferência para as redes, essa ação facilita o diálogo e a discussão, ou seja, ocorre um intercâmbio de informações vindas de diversos lugares, não necessitando da presença física. Nesse sentido, os comentários no *Facebook* ajudam na coordenação de grupos e na formação de uma rede de contatos de indivíduos com objetivos semelhantes.

Por fim, a organização e a mobilização para ações que só ocorrem on-line é exemplificada pela postagem realizada pela MBL no dia 17 de abril intitulada *1 milhão de curtidas – Dia histórico! Por coincidência, no dia da votação*.



FIGURA 11: MBL ATINGE UM MILHÃO DE CURTIDAS FACEBOOK. MOVIMENTO BRASIL LIVRE. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/MBLIVRE/](https://www.facebook.com/MBLIVRE/) >

Esse tipo de ação só pode ocorrer por meio do site de rede social *Facebook*. Isto é, um milhão de pessoas curtindo a *fan-page* do *Movimento Brasil Livre* é um ato que só acontece na Internet, por meio da utilização das redes sociais. O mesmo vale para a lista de pessoas que curtem a página.

A terceira e última categoria direcionada para a classificação de formas de ativismo digital, segundo Vegh (2003), é constituída pelas iniciativas de *ação/reação*. Elas são popularmente conhecidas como *hacktivismo*, ou ativismo *hacker*. Nesse grupo, estão os diversos tipos de atos como invasão e/ou congestionamento de sites e, até mesmo cibercrimes ou ciberterrorismo.

Com relação a essa última classificação das formas de ciberativismo, o *hacktivismo*, as duas páginas não desenvolveram diretamente nenhuma ação de boicote a páginas ou congestionamento de servidores, tendo em vista que as *fan-pages* são direcionadas para divulgação e mobilização.

O autor espanhol David de Ugarte (2007, p. 41-42) também traz uma classificação do ciberativismo. Ele o subdivide em três fatos: (01) discurso: onde os discursos ativistas na rede partem do empoderamento das pessoas por meio de relatos individuais, como nos comentários das páginas em análise; (02) ferramentas: a utilização de mecanismos on-line, como o *Facebook*, possibilita ao indivíduo gerar consensos e transmitir ideias; (03) visibilidade: por meio do discurso e da utilização das ferramentas gera-se a visibilidade que tem como objetivo reconhecer e atrair novos membros para o ativismo on-line.

Ugarte (2007) afirma que existem dois modelos básicos de ciberativismo. O primeiro é voltado para construir um centro, propor ações e difundir ideias, o segundo pretende criar ações efetivas que geram consequências imprevisíveis, como o *ciberataque*.

As duas *fan-pages* em análise se enquadram no primeiro modelo, visto que propõem um tema, ao estilo do ativismo tradicional, no caso do MBL, a favor do *impeachment* e, no caso da *Frente Brasil Popular*, em prol da manutenção do governo petista. Além disso, elegem um antagonista - MBL contra o Partido dos Trabalhadores (PT) e a Frente Brasil Popular contra “forças conservadoras e golpistas” -, traçam medidas para defender, traçam ações para mobilização e convidam as pessoas a aderir ao movimento.

1.5 Apontamentos

Do que vimos neste capítulo, podemos extrair que, conforme as novas ferramentas tecnológicas vão se desenvolvendo, novas maneiras de agir coletivamente também vão sendo

veiculadas. Desse modo, o capítulo se dedicou a apresentar aspectos sobre ciberespaço e seus desdobramentos, como a cibercultura e a ciberpolítica.

Mas, principalmente, voltou-se para a descrição do ciberativismo, por meio do qual observamos que as formas de protestos são mais facilmente organizadas pela Internet. Um dos pontos principais do ciberativismo é lutar contra o desinteresse pela coisa pública, criando alternativas de participação popular por meio de sites, blogs e redes sociais. Por meio desses novos espaços, as pessoas, que não precisam ser de um determinado espaço comum, podem traçar ações on-line ou off-line.

Contudo, a análise realizada até então corresponde a uma descrição de conteúdo e não discursiva. Isso se fez importante para entendermos o contexto sociocultural e a arquitetura informacional no qual os comentários que serão analisados nos capítulos subsequentes estão inseridos.

2. CAPÍTULO II: Da ação à paixão: uma introdução à Semiótica

Neste capítulo, pretendemos fazer um panorama da semiótica de linha francesa desenvolvida pelo linguista lituano Algirdas Julien Greimas. Iniciada na década de 1960, a partir dos estudos estruturalistas, essa semiótica, com seu alto poder interdisciplinar, atende à necessidade de análise da grande diversidade de materiais simbólicos na cultura contemporânea que vão das manifestações textuais mais tradicionais às produções de sentido hoje possibilitadas pela Internet.

A construção de um panorama histórico da semiótica, no nosso caso, a semiótica greimasiana, é algo que demanda um grande esforço teórico, dada a variedade de discussões teóricas e de produções analíticas que, mais do que nunca, demonstram a força dessa abordagem teórica. Cientes dessa empreitada, pretendemos apresentar a semiótica greimasiana a partir de uma retomada conceitual, que objetiva mostrar os avanços do estudo até chegar ao nosso foco de atenção, mais especificamente, os estudos da Semiótica das Paixões. Para esse percurso narrativo dos avanços da semiótica francesa, partimos de considerações presentes na *Semântica estrutural*, de Greimas e no *Dicionário de Semiótica*, de Greimas & Courtés. Devemos também, retomar, no que concerne ao nosso foco, aos trabalhos de autores como Ferdinand de Saussure e Louis Hjelmslev, essenciais para a compreensão da origem dos estudos da semiótica.

Além desses estudos, consultamos obras como *História Concisa da Semiótica*, de Anne Hénault e *Panorama da Semiótica*, de Winfried Nöth, que nos ajudou a compreender a constituição da semiótica francesa enquanto disciplina e sua interligação com os pressupostos do estruturalismo. Por fim, não podemos deixar de ressaltar que atentamos para o trabalho de uma série de autores que discutiram a teoria greimasiana, como por exemplo, Jacques Fontanille, Diana Barros, Glaucia Muniz Lara e Ana Cristina Matte.

2.1 O percurso teórico da semiótica greimasiana

Segundo o *Dicionário de Semiótica* (COURTÉS E GREIMAS, 1979, p.415), a semiótica é uma teoria da significação, cujo objetivo consiste em explicar as condições de produção e de apreensão do sentido. Para os autores, a semiótica tem sua origem na tradição estruturalista saussuriana e hjelmsleviana, mas também na teoria da narratividade de Vladimir Propp, no seu tratamento dos contos folclóricos. De acordo com essas abordagens, o significado resulta da apreensão das diferenças a partir do nível da combinação e da seleção e

na base das relações entre uma estrutura formal e uma estrutura de conteúdo, o que leva a proposição de uma estrutura elementar da significação.

Como observa Fontanille (2015), os estudos da semiótica originam-se já no século XIX, a partir dos estudos da significação, com base nas discussões saussurianas, mais especificamente, no *Curso de Linguística Geral*. Inicialmente, esses estudos se preocupavam com os signos e os sistemas de signos. “Entretanto, hoje, essa disciplina orienta-se fortemente em direção a uma teoria do discurso e volta seu interesse para os conjuntos significantes” (FoNTANILLE, 2015, p.29).

Como Fontanille ressalta, o campo de exercício empírico da semiótica é o discurso e não o signo: a unidade de análise é um texto, seja ele verbal ou não verbal. Assim, toma-se o texto como objeto de significação e, portanto, o foco da análise se volta para os mecanismos que constituem a materialidade discursiva, buscando apreender o que se diz e o como se faz para dizer aquilo que se diz. Noutros termos, atenta-se para o percurso gerativo de sentido do texto.

Como dissemos acima, a semiótica inicia-se com os estudos do linguista genebrino Ferdinand de Saussure (1857 – 1913), considerado o pai da Linguística contemporânea, por assumir como tarefa a criação de uma teoria científica para dar conta da estrutura da linguagem. No *Curso de linguística geral*, uma compilação dos registros de suas aulas produzido por alguns de seus alunos e publicado em 1916 após sua morte, encontra-se o conceito-base de signo linguístico:

O signo linguístico une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (empreinte) psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos; tal imagem é sensorial e, se chegarmos a chamá-la “material”, é somente neste sentido, e por oposição ao outro termo da associação, o conceito, geralmente mais abstrato. O caráter psíquico de nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos nossa própria linguagem. Sem movermos os lábios nem a língua, podemos falar conosco ou recitar mentalmente um poema (SAUSSURE, 2006, p. 80).

O que se acentua na conceituação de signo em Saussure é a natureza social da língua enquanto um sistema de signos. Ou seja, a junção de um significante (imagem acústica, impressão psíquica) e um significado (conceito). Logo:

Signo = Significante + Significado

Assim, ao considerarmos o significado da palavra {cadeira}, assumimos que a esse significado está ligada a uma diversidade material, em conformidade com a estrutura sonora das línguas humanas, como por exemplo, {cadeira}, {chair} e {chaise} (correspondentes em português, inglês e francês) para designarem o mesmo objeto no mundo extralinguístico. É preciso frisar a diferença entre a materialidade da produção sonora e a natureza do significante: os sons definem os elementos motivadores do significante, a imagem acústica que se produz ao ouvir esses sons, para os quais serão atribuídos os conceitos ou significados. Significante e significado são de natureza psíquica.

Interessado na natureza e no funcionamento do sistema linguístico, Saussure se volta para a língua sob a perspectiva do recorte sincrônico, focando um determinado estado da língua em um determinado tempo. Paralelamente, ainda que esse não seja sua preocupação central, ele compreende o caráter diacrônico da língua como o ponto de vista da sua história, o que implica considerar as transformações da língua no tempo.

Com essa rápida descrição, pode-se atentar alguns pressupostos básicos de Saussure (cf. HÉNAULT, 2006, p.54): (01) a língua é um sistema; (02) o signo linguístico é arbitrário, no sentido que uma mesma coisa pode significar várias coisas ou não ter sentido nenhum em outra cultura; (03) a língua é social, compartilhada e a fala é individual; (04) o fenômeno linguístico apresenta duas fases, que só adquirem valor na relação entre uma e outra (significante x significado; forma x substância; língua x fala), visto que o signo atrela um conceito a uma imagem acústica e não uma coisa a uma palavra.

A teoria dos signos de Saussure assume importância para a semiótica ao considerarmos a relação entre dois mundos: o mundo interior dos significados e o mundo exterior da materialidade do signo, responsável pela ocorrência do significante. Dessa maneira, entendemos essa relação como determinada pelo valor do signo, isso quer dizer pela oposição que o significante e o significado mantêm com outros significados da mesma língua. Segundo Hénault (2006), Saussure criou condições intelectuais para a semiótica.

Na continuidade das discussões de Saussure, o linguista dinamarquês L. Hjelmslev estabelece os princípios fundamentais para a proposição de uma nova disciplina, a que chamou de glossemática. A partir dos princípios da matemática, Hjelmslev desenvolve uma abordagem teórica na qual se compreende a linguística como uma espécie de cálculo, em que se analisam as relações formais dos elementos linguísticos no interior da estrutura da linguagem. Nessa abordagem, Hjelmslev apresenta um conceito fundador de função, que será de grande importância para os estudos semióticos.

Ao mesmo tempo que adotamos o termo técnico função, desejamos evitar a ambiguidade do uso tradicional no qual ele designa tanto a relação entre dois termos e um ou mesmo ambos esses termos no caso em que se diz que um termo é “função” do outro. É para eliminar essa ambiguidade que propusemos o termo técnico funtivo e que tentamos evitar dizer, como normalmente se faz, que um funtivo é “função” do outro, preferindo a seguinte formulação: um funtivo tem uma função com o outro (HJELMSLEV, 1975, p. 40).

Uma função é obtida por meio da relação entre funtivos. Com base nisso, Hjelmslev (1975) cria o conceito de função semiótica. “Adotamos os termos expressão e conteúdo para designar os funtivos que contraem a função em questão, a função semiótica [...]”. A partir disso, Hjelmslev institui os dois planos da linguagem: plano da expressão e plano do conteúdo¹⁸, que serão essenciais para a semiótica greimasiana.

Com isso, Hjelmslev avança na teoria de Saussure ao introduzir esses dois conceitos, de acordo com os quais, ao invés de se ter uma relação entre um significante e um significado, teríamos expressão e conteúdo. Desse modo, é possível analisar os sistemas linguísticos sem passar pela noção de língua, o que nos permite abordar diferentes sistemas significativos (a fala, os gestos, a escrita, entre outros modos de significação) que se estruturam de maneira diferente. É a partir dessa perspectiva, de compreender a linguagem por meio de um método estrutural lógico-matemático que se abriu caminho para o surgimento da semiótica francesa.

Hénault (2006), destaca um outro aspecto importante para o surgimento dos estudos da semiótica greimasiana que foram as pesquisas sobre a narratividade, realizadas pelo formalista russo Vladimir Propp. Esses trabalhos de Propp foram marcados retrospectivamente “na severa brigada dos precursores da semiótica”, por meio da sua releitura “feita trinta anos depois, por alguns pesquisadores ocidentais” (HÉNAULT, 2006, 98), entre os quais podemos citar Lévi-Strauss, Roland Barthes e o próprio Greimas.

Parece-nos importante ressaltar sobre o trabalho de Propp o seu estudo sobre uma série de contos do folclore russo. Ao analisar esses contos, o formalista russo observou que todos tratavam do mesmo tema – por exemplo, a afilhada que era perseguida pela madrasta má. Com base nisso, Propp percebeu que as ações dos personagens e o modo como as histórias se desenvolviam eram basicamente os mesmos.

¹⁸ Segundo Baquião (2011), o plano da expressão se divide em dois extratos: forma da expressão e substância da expressão e o plano do conteúdo se desdobra em forma do conteúdo e substância do conteúdo. Por exemplo: - “O plano da expressão da palavra avião: (1) A forma da expressão pode ser representada fonologicamente. É o recorte gráfico da impressão sonora da palavra avião, que, por sua vez, faz parte do sistema fonológico da língua. (2) A substância da expressão, nesse caso, é o som, que se manifesta na pronúncia dos fonemas da palavra avião. A substância da expressão é a manifestação quantificável da linguagem. – O plano do conteúdo da palavra avião: (1) a forma do conteúdo é a noção de avião (jato, planador, *boeing* etc.), que também é transmitida pelas formas da expressão *avion* (francês) e *airplane* (inglês). (2) A substância do conteúdo é o conceito, que é materializado pelo sistema linguístico. No caso de avião, a substância é o conceito de “meio de transporte aéreo”, que se organiza com sentido estável na forma do conteúdo”. (BAQUIÃO, 2011, p.53).

Noutros termos, como observa Silva (2010), Propp considera não apenas que esses contos sejam idênticos, mas também que seus personagens estão “indissociavelmente ligados à sua própria ação. Ou seja, um conto, apesar de poder assumir aspectos superficiais aparentemente livres, organiza-se sempre de acordo com um nível de pressões narrativas”. (SILVA, 2010, p. 13). Deste modo, o estudo da narratividade de Propp permite entender a origem do modelo actancial proposto por Greimas.

2.2 A constituição de uma Teoria Semiótica

Os aspectos apresentados no item anterior nos serão úteis agora para entender a base teórica que Greimas utilizou para o desenvolvimento de sua teoria semiótica. A teoria semiótica greimasiana surgiu no final dos anos 1960, tendo seu apogeu no início da década de 1970 e, como vimos, banhada nas águas do estruturalismo de Saussure e Hjelmslev.

Para Fontanille (2015, p.22), essa semiótica dos anos de 1960, constituída como um ramo das ciências da linguagem e marcada pelo estruturalismo, dotou-se por isso de uma teoria forte, de métodos coerentes, mas apresentando alguns problemas não resolvidos. Entre eles, Fontanille aponta o fato de, devido a essa base estruturalista, a semiótica ter que afastar de suas análises os elementos relacionados ao subjetivismo presente nos textos.

O receio por trás dessa exigência era de que o *eu* do discurso fosse confundido com o *eu psíquico*, o que, como consequência, levava os estudos semióticos a rejeitar, em suas análises, os elementos da subjetividade do discurso e, desse modo, as categorias de pessoa, tempo e espaço. Portanto, nesse início, a semiótica deixou à margem as preocupações com o ser do discurso, configurando-se como uma semiótica da ação.

A partir da década de 1970, a semiótica passou por uma nova fase, onde o que havia sido descartado, especificamente a questão da subjetividade discursiva, começou a ganhar importância, principalmente inspirados pela pragmática e pela linguística da enunciação. Esse movimento inicia-se com o reconhecimento no quadro teórico da existência do *ser* e do *fazer* como formas elementares de enunciado: enunciado de fazer e enunciado de estado - as modalizações. Ressalta-se, no entanto, que, nessa fase, a teoria ainda estava condicionada e restrita a uma gramática narrativa.

Nos anos de 1980 e 1990, a teoria semiótica começou a se preocupar com a questão do sensível no discurso; ou seja, o estudo da afetividade. De acordo com Lara e Matte (2009), o desenvolvimento da semiótica pode ser basicamente descrito em quatro fases: (01) constituição do percurso gerativo de sentido; (02) compreensão da competência modal do

sujeito que realiza a transformação; (3) estudo das modalizações do ser; (04) a semiótica das paixões.

Nas próximas seções exploraremos essas fases de constituição da teoria semiótica. Inicialmente, nosso foco volta-se para uma análise da semiótica da ação, de acordo com as estruturas lógicas do percurso gerativo do sentido, caminho que percorre no plano de conteúdo, os níveis fundamentais, narrativo e discursivos. Para esse tratamento resumido, utilizaremos como base teórica o livro *Teoria Semiótica do Texto*, de Diana Barros, *Semiótica do Discurso*, de Jacques Fontanille, *Dicionário de Semiótica* de Cortés e Greimas e o *Ensaio de Semiótica* de Glaucia Muniz Lara e Ana Cristina Matte.

2.2.1 O texto e o percurso gerativo do sentido

Para Greimas e Courtés (1979), o texto pode ser compreendido como uma cadeia linguística ilimitada. Fontanille (2014), por sua vez, descreve o texto como “aquilo que se dá a apreender, o conjunto dos fatos e dos fenômenos que ele se presta a analisar”. (FONTANILLE, 2014, p.85). O autor acrescenta que, para a maioria dos linguistas, o texto é um objeto material analisável, partindo do seguinte percurso: expressão para conteúdo [E – C]. Esse percurso é denominado percurso gerativo do sentido.

Greimas e Courtés (1979) explicam que o percurso gerativo é um dispositivo a Teoria Semiótica se vale para simular a produção/interpretação de texto.

Isto é, visa explicar todas as semióticas (e não somente as línguas naturais) e a construir modelos capazes de gerar discursos e não frases. Considerando, por outro lado, que todas as categorias, mesmos as mais abstratas, são de natureza semântica, e, por isso, significantes, ela não sente nenhum constrangimento em distinguir, para cada instância do percurso gerativo, subcomponentes sintáticos e semânticos (GREIMAS e COURTÉS, 1979, p. 207).

Eles ainda distinguem três campos autônomos para a construção do percurso gerativo: (1) estruturas semânticas elementares; (02) estruturas narrativas e (03) estruturas discursivas. Sendo que, a primeira corresponde a uma forma mais simples e abstrata, marcada pelas oposições semânticas mínimas, já a segunda organiza a narrativa do ponto de visto de um sujeito, e, por fim, a discursiva tem a narrativa assumida por um sujeito da enunciação.

PERCURSO GERATIVO			
	componente sintáxico		componente semântico
Estruturas sêmio-narrativas	nível profundo	SINTAXE FUNDAMENTAL	SEMÂNTICA FUNDAMENTAL
	nível de superfície	SINTAXE NARRATIVA DE SUPERFÍCIE	SEMÂNTICA NARRATIVA
Estruturas discursivas	SINTAXE DISCURSIVA <div style="text-align: center;"> Discursivização / actorialização / / temporalização / / espacialização </div>		SEMÂNTICA DISCURSIVA Tematização Figurativização

FIGURA 12: ESQUEMA DO PERCURSO GERATIVO PROPOSTO POR GREIMAS (COURTÉS E GREIMAS, 1979, P. 209).

Resumindo, no nível fundamental determinam-se as oposições semânticas que estão na base mesma do texto, marcando as relações semânticas como eufóricas (positivas) ou disfóricas (negativas). Já no segundo nível – o narrativo – caracteriza-se como um nível actancial, marcado pelas relações do sujeito com os objetos e com outros sujeitos. Nesse nível, os conteúdos são transformados pela ação de um sujeito de fazer, por isso chamada de semiótica da ação. Por fim, o nível discursivo, em que se marcam a temporalidade e a espacialidade, as debreagens, a tematização; em suma, as relações entre uma instância da enunciação, responsável pela produção e pela comunicação do discurso, e a instância da sua manifestação, aquela do texto-enunciado.

Lara e Mate (2009), concluem que o percurso gerativo é um movimento cíclico que sai do discurso, passa pelo narrativo até chegar ao fundamental voltando para o discursivo.

O percurso sai do discursivo (nível mais próximo da manifestação e, portanto, aquele com que se defronta o analista num primeiro momento), passa pelo nível intermediário (o narrativo), vai ao fundamental e salta novamente para o discursivo. Nesse sentido, cada nível ilumina o(s) outro(s), num processo de desconstrução, que precede a reconstrução do sentido nos textos. (LARA e MATE, 2009, p.20).

Dessa maneira, os níveis propostos por Greimas e Courtés (1974) analisam o texto como um todo e se situam dentro do plano de conteúdo, bebendo da fonte de Hjelmslev. Assim, todo plano é dotado de uma forma e de uma substância, de modo que quanto mais profundo for o nível, mas simples serão as suas unidades. Por outro lado, quanto mais superficial, mais complexas e concretas serão essas unidades.

Para melhor compreensão, tomaremos o exemplo a seguir retirado da página do Movimento Brasil Livre, correspondente à matéria *1 milhão de curtidas* publicada no dia 17 de abril, mesmo dia da votação realizada na Câmara dos Deputados para abertura do processo de *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff. Será realizada uma breve análise com as categorias: (01) fundamental; (02) narrativa; (03) discursiva.



FIGURA 13: COMENTÁRIO MBL COMENTARISTA 19 FACEBOOK. MOVIMENTO BRASIL LIVRE. DISPONÍVEL EM: <[HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/MBLIVRE/](https://www.facebook.com/MBLIVRE/)>

O comentário do comentarista 19 possui como conteúdo mínimo fundamental a negação do socialismo, do Partido dos Trabalhadores (PT), da esquerda. Nessa negação, afirmam-se os aspectos marcados como negativos (disfóricos). Por outro lado, a afirmação de um possível *impeachment*, marcaria a transformação de um estado disfórico, aquele no qual o sujeito de estado se encontra, para um estado eufórico, aquele em que o sujeito propõe como capaz de realizar os valores da liberdade, da realização de um sonho.

De acordo com as premissas de Greimas e Courtés (1979) e Barros (1994), esse nível de oposição semântica (opressão x liberdade) constitui o nível das estruturas fundamentais. Sendo que essas categorias seriam determinadas como positivas ou eufóricas ou como negativas ou disfóricas. Essa determinação em que se marca o eufórico e o disfórico está vinculado ao conjunto de valores que move o sujeito responsável pelo texto. No comentário em análise, o *impeachment* possui um valor eufórico para o comentarista 19, em contrapartida o socialismo se caracteriza para esse sujeito com um valor disfórico.

No segundo, o nível narrativo, os elementos de oposição semântica são assumidos como valores para o sujeito, devido também à ação de sujeitos. Ou seja, trata-se de transformar, por meio da ação do sujeito, o estado de socialismo em que se encontra para um estado possibilitado pelo *impeachment* e não se trata mais de afirmar ou negar os conteúdos.

No comentário em análise, o comentarista 19 é manipulado por outro sujeito, no caso, o MBL com sua postagem inicial - *1 milhão de curtidas – Dia Histórico! Por coincidência, no dia da votação do impeachment, o MBL atinge a incrível marca de 1 milhão de curtidas. Já somos 1 milhão de guerreiro por um Brasil mais livre*”-. Tal ação acontece por afinidade.

Como foi salientado por Pereira (2011) no primeiro capítulo dessa dissertação, a afinidade é uma das características do ativismo não institucional, onde a mobilização do MBL, nesse caso, para atrair novos ativistas para o movimento, é favorecida quando o indivíduo já possui o mesmo interesse pela causa em questão, o que ocorre com comentarista 19.

Nesse sentido, o comentarista quer cumprir o contrato com o MBL para receber os valores desejados: “a liberdade do país”, “o fim da era PT”. O sujeito parte de um estado de descontentamento com a situação política do Brasil, o que determina para o sujeito um estado disfórico e, por isso, firma um contrato com o MBL em busca da liberdade, da construção de um estado eufórico, que só poderia ser concretizado, de acordo com o sujeito, a partir do *impeachment*.

Na narrativa, portanto, o MBL manipula o sujeito, sobretudo com frases como “*Já somos 1 milhão de guerreiro por um Brasil mais livre*”; “*Junte-se ao MBL!*”, para que o sujeito aja de modo a deixar claro suas vontades, de ser um ativista político em prol de um “*Brasil mais livre*”. Essa manipulação funciona como uma interpelação e pode atuar, dependendo das condições, como uma sedução ou uma provocação. Enquanto sedução mostra a positividade de se participar de um grande grupo, “*Já somos 1 milhão de guerreiro por um Brasil mais livre*”. O MBL seduz o sujeito por lhe atribuir a capacidade de promover as

mudanças necessárias para alcançar o estado desejada. Já como provocação, o movimento diz aos sujeitos que eles não podem ficar de fora, quando todos se envolvem e se comprometem com a mudança possível, daí a fórmula “*Junte-se ao MBL!*”.

A última etapa do percurso gerativo é o nível das estruturas discursivas, onde é analisado o ponto de vista das relações que instauram a instância da enunciação, que é responsável pela produção do discurso. Assim, na postagem do MBL, assim como no comentário do comentarista 19 , são utilizados recursos discursivos para fabricar a ilusão de verdade. Um desses recursos é a utilização da categoria de pessoa, uma desembreagem enunciativa com a finalidade de aproximação. Nesse caso, o uso da primeira pessoa (eu), obtendo-se o efeito de subjetividade, como por exemplo, “*Já somos mais de 1 milhão de guerreiros*”. Além disso, as oposições fundamentais, assumidas como valores narrativos, desenvolvem-se sob a forma de temas, como o tema do capitalismo x socialismo e do tema socioeconômico. Mas também se afirmam pelas figuras do governo Dilma, do partido do PT e do próprio recurso ao *Impeachment*.

Feito essa breve análise, iremos agora exemplificar cada nível separadamente, proporcionando uma visão geral de como é concebido o percurso e suas etapas, partindo do narrativo, em seguida o discursivo e, por fim, o nível fundamental, fazendo assim o percurso do conteúdo à expressão.

2.2.2 O nível narrativo e a construção dos sujeitos

A teoria semiótica greimasiana busca estabelecer elementos para uma análise estrutural da narrativa. De acordo com Greimas e Courtés (1979, p.294) “ a narrativa é utilizado para designar o discurso narrativo de caráter figurativo (que comporta personagens que realizam ações) ”. Os autores observam que o estudo da narrativa dos discursos tem sua origem nas análises de V. Propp e que a partir dessas análises, a semiótica francesa pode propor como hipótese uma organização de formas universais. Noutros termos, pode propor os princípios lógicos de organização narrativa dos discursos. “O discurso narrativo aparece, então, como lugar das representações figurativas das diferentes formas da comunicação humana de tensões e de retornos ao equilíbrio”. (GREIMAS E COURTÉS, 1974, p. 299).

O nível narrativo trata das pressuposições lógicas, de acordo com as quais cada texto possui um ou mais programas que envolvem uma transformação de estado. Isso quer dizer que há um percurso narrativo em que ocorre uma modificação na relação entre um sujeito e um objeto, mas que pode ocorrer também entre um sujeito e um outro sujeito. Lara e Matte

(2009, p.23) ressaltam, além disso, que, na teoria semiótica, sujeitos e objetos não devem ser confundidos com pessoas e coisas.

Barros (1994) faz uma analogia ao espetáculo para explicar a sintaxe narrativa. Para ela, só é possível entender a organização narrativa de um texto se você entender o que compõe um espetáculo, ou seja, seus participantes e o papel que representam na história.

A semiótica parte dessa visão espetacular da sintaxe e propõe duas concepções complementares de narrativa: narrativa como mudança de estados, operada pelo fazer transformador de um sujeito que age no e sobre o mundo em busca dos valores investidos nos objetos; narrativa como sucessão de estabelecimentos e de rupturas de contratos entre um destinador e um destinatário, de que decorrem a comunicação e os conflitos entre sujeitos e a circulação de objetos. As estruturas narrativas, simulam, por conseguinte, tanto a história do homem em busca de valores ou à procura de sentido quanto a dos contratos e dos conflitos que marcam os relacionamentos humanos. (BARROS, 1994, p.16).

Deve-se esclarecer que um estado em uma narrativa se expressa pela relação de junção (conjunção¹⁹ ou disjunção) de um sujeito com um objeto, no qual são investidos determinados valores. Desse modo, o enunciado elementar da sintaxe narrativa é definido pela relação entre dois actantes²⁰: *o sujeito e o objeto*. Os investimentos do sujeito no objeto fazem desse um objeto-valor (algo desejado diretamente pelo sujeito ou o meio pelo qual ele pode obter um outro objeto desejado). Adota-se o uso do termo “actantes” para designar sujeitos e objetos que ainda não receberam investimento semântico, mas que já são considerados unidades formais.

Nessa perspectiva, Greimas e Courtés (1979) descrevem o sistema narrativo a partir de uma dicotomia: *fazer vs. ser*, presumida em uma relação entre *performance vs. competência*. Ele entende que o *ser* está para a qualificação, que descreve a competência do sujeito e o *fazer* está diretamente ligado à ação. Desse modo, ele postula duas instâncias de enunciados elementares: *o enunciado de estado e o enunciado de fazer*.

¹⁹ Greimas e Courtés (1979, p.76) explicam que em semiótica narrativa o nome conjunção designa “paradigmaticamente, um dos dois termos (juntamente com a disjunção) da categoria de junção, que se apresenta no plano sintagmático, como junção (=relação entre o sujeito e o objeto) constitutiva dos elementos de estado”.

²⁰ Para Greimas (1979, p.13) um actante em semiótica está localizado em um nível mais profundo, sendo capaz de explicar a organização dos discursos narrativos (nível da sintaxe) por meio de categorias sintáticas funcionais (sujeito, objeto, predicado etc.). Portanto, segundo Greimas, o conceito de actante substitui o termo personagem, caracterizando não apenas seres humanos, mas também animais, objetos e conceitos. O autor resalta que o termo actante não pode ser confundido com o de ator, que é definido como figura e/ou lugar vazio onde ocorrem tanto as formas sintáticas como as semânticas. De acordo com Fontanille (2015, p. 147), um actante é o resultado de forças e papéis necessários à realização de um processo. Eles podem ser divididos em actantes posicionais ou transformacionais. “Os actantes posicionais estão sob o controle da orientação do discurso, enquanto os actantes transformacionais dependem da estrutura dos predicados de que eles participam” (FONTANILLE, 2015, p. 147). Com isso, utilizaremos nessa seção a formulação de actantes da narração ou do enunciado, que de acordo com Greimas (1974) e Fontanille (2015) podem ser classificados como sujeito/objeto, destinador/destinatário, dependendo do ponto de vista gramatical.

No primeiro, o sujeito mantém uma relação de junção com o objeto. Já no segundo, o sujeito transforma essa relação de junção entre esse sujeito e seu objeto, há uma mudança de estado. Logo, a relação nuclear do enunciado é entendida como uma função lógica em que o sujeito (S_1) modica o estado de outro sujeito (S_2) por meio de uma ação. Desse modo, diz-se que o sujeito S_2 entra em conjunção ou disjunção com seu objeto valor. Barros (1994) atenta ainda para a existência de um programa narrativo (PN). O PN caracteriza-se por ser a combinação hierárquica de um enunciado de fazer e um enunciado de estado, gerando uma unidade elementar da organização narrativa de um texto. Greimas e Courtés (1979), por sua vez, definem um programa narrativo (PN) como um sintagma elementar da sintaxe narrativa.

Segundo os autores, um PN é formado por um enunciado de *fazer* que rege um enunciado de estado. O programa é representado da seguinte forma:

$$\text{PN} = \text{F} [S_1 \rightarrow (S_2 \cap O_v)]$$

$$\text{PN} = \text{F} [S_1 \rightarrow (S_2 \cup O_v)]$$

onde: F = função

S_1 = sujeito de fazer

S_2 = sujeito de estado

O = objeto (suscetível de receber um investimento semântico sob a forma de v : valor)

[] = enunciado de fazer

() = enunciado de estado

\rightarrow = função fazer (resultante da conversão* da transformação*)

$\cap \cup$ = junção (conjunção ou disjunção) que indica o estado final, a consequência do fazer.

FIGURA 14: PROGRAMA NARRATIVO (GREIMAS E COURTÉS 1979, P.353)

Barros (1994) atenta ainda para o fato de que o quadro proposto por Greimas e Courtés (1979) pode ser resumido na seguinte afirmativa: “o programa narrativo ou sintagma elementar da sintaxe narrativa define-se como um enunciado de fazer que rege um enunciado de estado”. (BARROS, 1994, p.20).

Consideremos o exemplo a seguir:

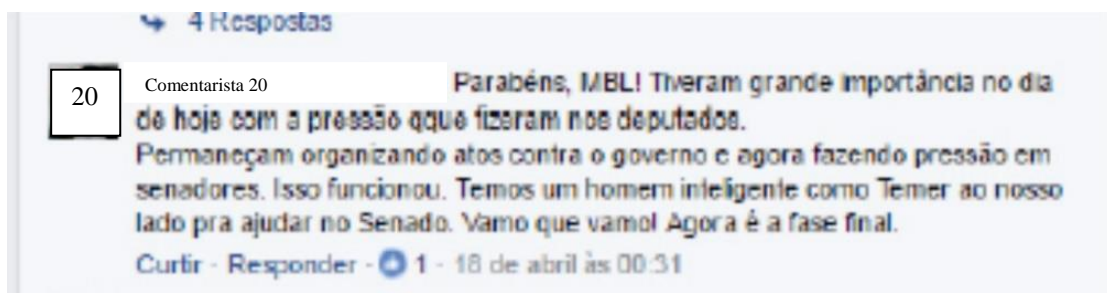


FIGURA 15: COMENTÁRIO MBL COMENTARISTA 20 FACEBOOK. MOVIMENTO BRASIL LIVRE. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/MBLIVRE/](https://www.facebook.com/MBLIVRE/) >

A análise do programa narrativo será embasada no comentário do comentarista 20 realizado na publicação do MBL do dia 17 de abril, intitulada: *Final da votação: 367 votos pelo impeachment! – Junte-se ao MBL*.

Excerto 01 (comentário Imagem 20)

Parabéns MBL! Tiveram grande importância no dia de hoje com a pressão que fizeram nos deputados. Permaneçam organizando atos contra o governo e agora fazendo pressão nos senadores. Isso funcionou. Temos um homem inteligente como Temer ao nosso lado para ajudar no Senador. Vamo que vamo! Agora é a fase final.

$PN_{01} = F(\text{fim do governo PT}) [S_1(\text{MBL}) \rightarrow (S_2(\text{Eduardo Cavallaro}) \cap O_v)]$

Ao considerarmos a proposta de Greimas e Courtés (1979) na análise do comentarista 19, podemos chegar à seguinte premissa: ao publicar a matéria sobre o fim da votação do *impeachment*, S_2 (comentarista 20) é um actante que entra em conjunção com seu objeto valor: o *impeachment* de Dilma Rousseff. Nesse caso, o sujeito de fazer (S_1) é o MBL. É ele o responsável por transformar o estado de S_2 , que antes encontrava-se em disjunção com seu objeto valor. O comentarista 20 recebe do MBL o objeto valor, a abertura do processo de *impeachment*. O sujeito de fazer é o MBL, que exerce a transformação, por meio do ativismo, ao realizar uma pressão sobre os deputados. O sujeito de estado, portanto, é o comentarista 20 que tem sua situação alterada, uma vez que consegue atingir seu objetivo. Além disso, o sujeito de estado continua depositando a responsabilidade por seu objeto-valor no sujeito de fazer (MBL).

Barros (1994), explica que quando o sujeito de estado, nesse caso, o comentarista 20, se apropria positivamente do objeto (*impeachment*), o sujeito que deriva do objeto-valor, nesse caso a presidente Dilma Rousseff, torna-se um sujeito que foi espoliado do objeto de valor: no caso, com o *impeachment*, Dilma Rousseff torna-se espoliada do poder de ser presidente e de tomar as decisões acerca dos rumos do país. Com o *impeachment*, o sujeito de estado, comentarista 20, entra em conjunção com seu desejo de ver Dilma Rousseff fora do poder de decisões acerca dos rumos do país, o que era desejado pelo sujeito. Caracteriza-se, desse modo, um percurso narrativo de função privativa, uma privação, com uma relação narrativa/discursiva de transitividade.

Outro ponto importante para a análise das estruturas narrativas são as modalizações. De acordo com Greimas (1983, p.71), a modalização é a modificação de um predicado por outro. Nesses termos, Calbucci (2009, p.71) observa que, inicialmente, o predicado regente ou

o modo era composto por uma das quatro modalidades fundamentais propostas por Greimas (1989, p.77): /querer/, /dever/, /poder/ e /saber/.

O predicado regido ou descritivo, por sua vez, era estabelecido pela modalidade do /fazer/. Desse modo, surgem as modalidades *deôntica* do /dever-fazer/ e do /poder-fazer/, a *volitiva* do /querer-fazer/ e a *epistêmica* do /saber-fazer/.

É importante ressaltar que na base de todas as modalidades descritas encontra-se o /fazer/, que é essencial para a sintaxe narrativa, uma vez que ela é o alicerce das duas primeiras fases da sequência narrativa canônica:

a manipulação (em que o /dever/ e o /querer/ estão em ação) e a competência (em que agem o /poder/ e o /saber/). Para completar a estrutura modal da sequência narrativa canônica, teríamos a performance, que seria o próprio /fazer/, e a sanção, que na dimensão cognitiva, dependeria das modalidades veridictórias (CALBUCCI, 2009, p.71).

Segundo Lara e Matte (2007), essas são as quatro fases – manipulação, competência, performance e sanção, que formam os “programas narrativos que se encadeiam para formar os percursos que, juntos, compõem o esquema narrativo canônico” (LARA E MATTE, 2007, p.25). Os estudos da modalização do fazer com seus predicados regentes (/querer/, /dever/, /poder/ e /saber/) não só deram origem à semiótica da ação, mas também e, principalmente, contribuíram para o avanço dos estudos narrativos. Consideremos um outro exemplo.

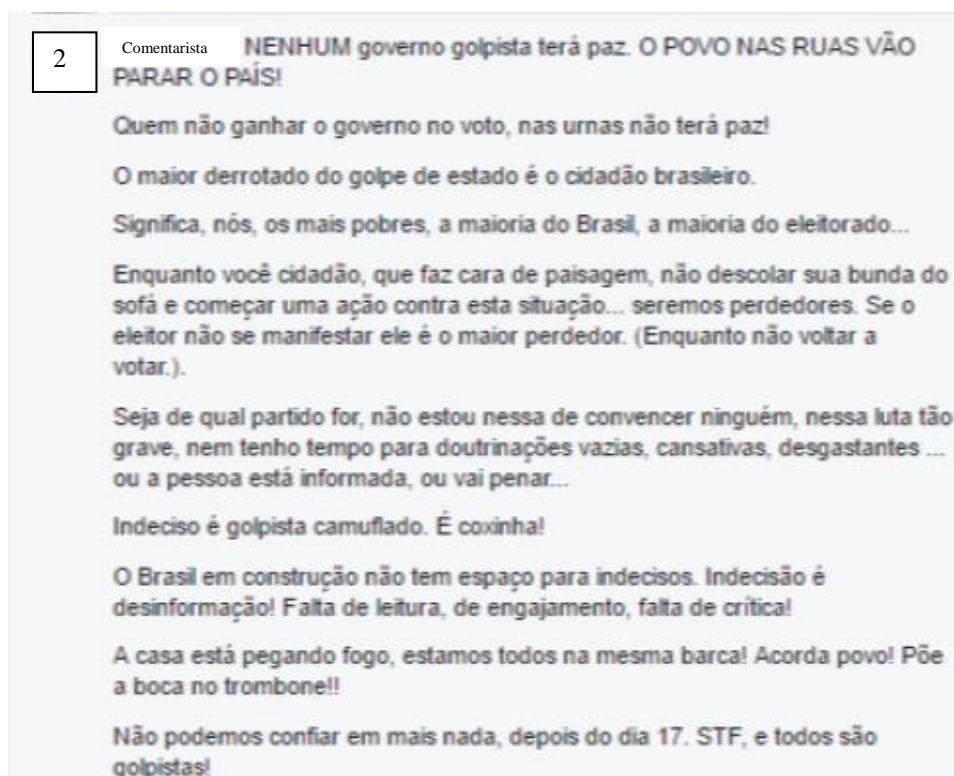


FIGURA 16: COMENTÁRIO FRENTE BRASIL POPULAR – COMENTARISTA 20 FACEBOOK. FRENTE BRASIL POPULAR. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/ FRENTEBRASILPOPULAR/](https://www.facebook.com/FRENTEBRASILPOPULAR/) >

No comentário acima, retirado da publicação da *Frente Brasil Popular*, realizada no dia 20 de abril de 2016, o comentarista 21 instaura o cidadão brasileiro como sujeito do *não querer-fazer* (*enquanto você cidadão, que fez cara de paisagem, não descolar sua bunda do sofá*), e busca qualifica-lo para a ação de ativismo, de sair dessa situação graças ao *poder-fazer* (“*Nenhum governo golpista terá paz o povo nas ruas vão parar o Brasil*”/ “*A casa está pegando fogo, estamos todos na mesma barca! Acorda povo! Põe a boca no trombone!!!*”).

A partir dessas considerações, é importante notar que o comentarista 21 aplica os dois tipos de modalidades necessárias (*querer e poder*). Além disso, ele se classifica como um sujeito atualizado, uma vez que ele /quer/ ou /deve/ fazer e /sabe/ e /pode/ fazer, mas ainda não fez.

Como vimos anteriormente, a modalidade do *fazer* caracteriza o sujeito da ação. A partir disso, a semiótica começa a analisar o modo de existência desses sujeitos. Conforme Lara e Matte (2009), na semiótica, devemos distinguir o protagonista e o sujeito da narrativa, na medida em que o primeiro é:

Um ator do nível discursivo, que corresponde a uma configuração temático-figurativa com uma dinâmica determinada e que centraliza as relações com outros personagens. O sujeito, por sua vez, é um papel actancial do nível narrativo; trata-se de uma posição no texto, em que operações de natureza lógica resumem, com uma certa abstração, as relações entre sujeitos e entre sujeitos e objetos” (LARA e MATTE, 2009, p.35)

As autoras explicam que o sujeito é caracterizado conforme sua relação com o objeto e sua modalização. Assim, eles podem ser (1) potenciais; (2) virtuais; (3) atuais; (4) reais. Podendo assinalar quatro diferentes estados do sujeito:

1. **Sujeito potencializado:** é aquele que /não quer/, /não deve/, /não pode/ e /não sabe/, mas /crê/ quer ou deve fazer (assume uma posição, crença). É, portanto, um sujeito que percebe como iminente a disjunção com o objeto-valor.
2. **Sujeito Virtual ou Virtualizado:** /quer/ ou /deve/ fazer, mas não /sabe/ nem /pode/ fazer. Sujeito em disjunção com o objeto.
3. **Sujeito Atualizado:** /quer/ ou /deve/ fazer, /sabe/ e /pode/fazer. É um sujeito que tem poder de transformar a disjunção em conjunção e, assim, entrar em conjunção com seu objeto.
4. **Sujeito Realizado:** é aquele que já realizou a transformação e está em conjunção com o objeto.

Partindo dos dois exemplos acima, temos o comentarista 20 ($S_{\text{sujeito de estado}}$) como sujeito realizado, uma vez que seu estado final é conhecido. Ou seja, o sujeito do fazer (MBL) ao publicar uma nota atualiza S_1 , que passa a ser um sujeito realizado, uma vez que consegue atingir seu objeto-valor, a abertura do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados.

Por outro lado, o comentarista 21 (S_2) é sujeito virtual, um sujeito que está, agora, em disjunção com seu objeto. Há no comentário de S_2 uma incompatibilidade entre o *querer* e o *saber* ou *poder*. Assim, S_2 quer *fazer*, mas não pode, principalmente, fazer o que quer sozinho. Falta a ele elementos de competência para realizar a ação. Mas, por outro lado, ele conclama o sujeito que pode compartilhar desse *querer* (“Acorda povo! Põe a boca no trombone) a realizar a ação.

Os dois casos exemplificam bem uma das categorias do ciberativismo proposta por Vegh (2003), a organização e a mobilização. Os dois sujeitos utilizam o espaço do comentário para mobilizar mais ativistas em torno do seu objeto-valor. No primeiro caso, o comentarista 20 parabeniza o MBL pela ação já realizada de ativismo e o incentiva a continuar agindo nas manifestações a favor do *impeachment* (“Parabéns MBL! Tiveram grande importância no dia de hoje com a pressão que fizeram nos deputados”), ou seja, uma sanção (“*tiveram grande importância hoje*”), precedida por uma performance (“*com a pressão que fizeram nos deputados*”) e, por fim, a manipulação (“*vamo que vamo*”). Por outro lado, comentarista 21 também convoca novos ativistas (“*Põe a boca no trombone!*”) para lutar em *prol* da manutenção do governo e, portanto, em oposição ao *impeachment* contra a presidenta Dilma Rousseff.

Os valores que acabamos de ver são aqueles que regem as relações entre os sujeitos em uma narrativa. Encontramos um percurso narrativo onde os sujeitos de estados, comentarista 20 e 21, são manipulados por um *querer* e/ou um *dever* por parte do sujeito do fazer, MBL ou a *Frente Brasil Popular* que, dotados de uma competência (*saber e poder fazer*), realizariam a ação (*fazer ser = performance*), permitindo ao sujeito de estado entrar em conjunção ou disjunção com seu objeto-valor.

Greimas (1976, p.26) considera, portanto, a estrutura narrativa como uma notação técnica, dotada de cifras e caracteres simbólicos. Esse modelo formal permite, desse modo, descrever as articulações e transformações lógicas que envolvem as relações entre sujeitos, objetos e valores. A análise desses itens permite criar e compreender a organização da estrutura narrativa dos discursos.

2.2.3. O nível discursivo

Na teoria semiótica greimasiana, o nível discursivo²¹ é a parte mais superficial (que se apresenta na superfície) e concreta do percurso gerativo de sentido. Segundo Greimas e Courtés (1979), esse nível pode ser definido como a utilização das operações de *debreagem*²² e de *embreagem* e se liga à instância da enunciação. Além disso, o nível discursivo diz respeito a aspectos como o modo de constituição dos percursos temáticos e figurativos, das isotopias (planos de leitura) e da ancoragem. Para Barros (1994):

As estruturas narrativas convertem-se em estruturas discursivas quando assumidas pelo sujeito da enunciação. O sujeito da enunciação faz uma série de escolhas, de pessoa, de tempo, de espaço, de figuras, e conta ou passa a narrativa, transformando-a em discurso. O discurso, nada mais é, portanto, que a narrativa enriquecida por todas essas opções do sujeito da enunciação, que marcam os diferentes modos pelos quais a enunciação se relaciona com o discurso que enuncia. (BARROS, 1994, p 53 - 54)

Para a autora, a sintaxe discursiva tem como objetivo (Barros, 1994, p.54) descrever as relações entre o sujeito da enunciação com o discurso-enunciado e também entre enunciador e enunciatário. Greimas e Courtés (1979, p.150) definem o enunciador como “o destinador implícito da enunciação (ou da comunicação). Paralelamente, o enunciatário corresponderá ao destinatário implícito da enunciação”. Para realizar a análise no nível discursivo, vamos considerar duas etapas: a sintaxe discursiva e a semântica discursiva.

2.2.3.1 A sintaxe discursiva

Como foi salientado anteriormente, o sujeito da enunciação se projeta no discurso para gerar o efeito de sentido que deseja. Esses efeitos, segundo Barros (1994) são produzidos com dois objetivos. O primeiro objetivo caracteriza-se pelo um efeito de proximidade ou de distanciamento da enunciação e o segundo objetivo define-se como efeito de realidade ou

²¹ Greimas e Courtés (1979, p.126) enumeram diversos significados para o discurso, mas adotaremos aqui que o discurso é “identificado com o enunciado, sendo que a unidade base do enunciado é a frase, portanto, o discurso será, então, considerado como o resultado (ou operação) da concatenação de frases”. Já Fontanille (2015, p.29) explica que o campo de exercício empírico da Semiótica é o discurso, e não o signo: a unidade de análise é um texto, seja ele verbal ou não verbal, justificando assim a semiótica estar numa significação em ato. Barros (1994, p.85) define discurso como “o plano do conteúdo do texto, que resulta da conversão pelo sujeito da enunciação, das estruturas sêmió-narrativas em estruturas discursivas”.

²² Lara e Matte (2007, p.26) explicam que a “*debreagem* (ou *desembreagem*) é a operação pela qual se projetam no enunciado utilizando as categorias de pessoa, espaço e tempo (eu-aqui-agora)”. Sendo que a *debreagem* enuncia é marcada pelo uso da terceira pessoa, caracterizando um distanciamento e a *desembreagem* enunciativa com o uso da primeira pessoa, gerando uma proximidade, gerando, portanto, efeitos de sentidos de objetividade e subjetividade, respectivamente.

referência. A finalidade de ambos é criar a ilusão de verdade e, conseqüentemente, promover a persuasão do destinatário.

O distanciamento ocorre quando se tem por objetivo final produzir o efeito de objetividade e de imparcialidade. O principal procedimento para tal é a utilização do discurso em terceira pessoa, no tempo do “então” e no espaço de “lá”, caracterizando, portanto, a debreagem enunciativa, o que implica o apagamento das marcas da subjetividade. Ressalta-se que o uso da primeira pessoa, bem como das marcas de tempo e espaço vinculadas à primeira pessoa, constitui um sistema caracterizado pela debreagem enunciativa e, portanto, fabrica o efeito de subjetividade na narração dos fatos vividos e/ou narrados por quem viveu ou experienciou os acontecimentos, o que evidencia sua parcialidade na narração ou descrição dos fatos.

The image shows a Facebook post from the page 'Frente Brasil Popular'. On the left, there is a circular graphic with the text 'SE VOCÊ NÃO LUTAR SUA APDSENTADORIA VAI ACABAR!' and 'FRENTE BRASIL POPULAR' below it. The post itself is titled 'Nota da Frente Brasil Popular e Frente Povo Sem Medo' and is dated '17 de abril de 2016'. The text of the post reads: 'Não aceitamos o golpe contra a democracia e nossos direitos! Vamos derrotar o golpe nas ruas! Este 17 de abril, data que lembramos o massacre de Eldorado dos Carajás, entrará mais uma vez para a história da nação brasileira como o dia da vergonha. Isso porque uma maioria circunstancial de uma Câmara de Deputados manchada pela corrupção ousou autorizar o impeachment fraudulento de uma presidente da República contra a qual não pesa qualquer crime de responsabilidade. As forças econômicas, políticas conservadoras e reacionárias que alimentaram essa farsa têm o objetivo de liquidar direitos trabalhistas e sociais do povo brasileiro. São as entidades empresariais, políticos como Eduardo Cunha, réu no STF por crime de corrupção, partidos derrotados nas urnas como o PSDB, forças exteriores ao Brasil interessadas em pilhar nossas riquezas e privatizar empresas estatais como a Petrobras e entregar o Pré-sal às multinacionais. E fazem isso com a ajuda de uma mídia golpista, que tem como o centro de propaganda ideológica golpista a Rede Globo, e com a cobertura de uma operação jurídico-policial voltada para atacar determinados partidos e lideranças e não outros, Por isso, a Frente Brasil Popular e a Frente Povo Sem Medo conclamam os trabalhadores e trabalhadoras do campo e da cidade, e as forças democráticas e progressistas, juristas, advogados, artistas, religiosos a não saírem das ruas e continuar o combate contra o golpe através de todas as formas de mobilização dentro e fora do País. Faremos pressão agora sobre o Senado, instância que julgará o'.

FIGURA 17: NOTA DA FRENTE BRASIL POPULAR DIA 17 DE ABRIL FACEBOOK. FRENTE BRASIL POPULAR. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/FRENTEBRASILPOPULAR/](https://www.facebook.com/FRENTEBRASILPOPULAR/) >

The image shows a Facebook post from the page 'Frente Brasil Popular'. The post has 2,770 shares and 232 comments. Three comments are highlighted with colored boxes:

- Red box:** "Já temos que começar as manifestações em todos os Estados! As forças sociais que se encontram em Brasília deveriam acampar em frente ao Senado!" (We already have to start the demonstrations in all states! The social forces that are in Brasília should camp in front of the Senate!).
- Purple box:** "Temos que fazer algo contra o Congresso Nacional, aproveitar essa onda geral de revolta contra todos os políticos e pedir eleições gerais, é uma vergonha Cunha, é um Traidor o Temer, é outro safado o Renan não podemos deixar eles entrarem no poder, mobilização já e o tema é Cunha na Cadeia e Fora Temer Judas" (We have to do something against the National Congress, take advantage of this general wave of revolt against all politicians and demand general elections, it's a disgrace Cunha, it's a traitor Temer, it's another scoundrel Renan we can't let them enter power, mobilization now and the theme is Cunha in Jail and Out Temer Judas).
- Orange box:** "E se organizássemos uma mobilização para angariar fundos para colocar outdoors nas grandes cidades apelando ao senado que vote contra o golpe? Poderíamos chamar empresas de marketing engajadas para participar. O que acham?" (And if we organized a mobilization to raise funds to put billboards in big cities appealing to the senate to vote against the coup? Could we call engaged marketing companies to participate. What do you think?).

FIGURA 18: COMENTÁRIOS DA FRENTE BRASIL POPULAR DIA 17 DE ABRIL FACEBOOK. FRENTE BRASIL POPULAR. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/ FRENTEBRASILPOPULAR />](https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular/)

Na publicação da *Frente Brasil Popular*, do dia 17 de abril, intitulada *Nota Frente Brasil Popular e Frente Povo Sem Medo*, observamos o efeito de proximidade, tanto na matéria como nos comentários. Na nota, sublinhamos os verbos *aceitar* e *fazer*. No contexto das frases, eles se encontram conjugados, respectivamente, na primeira pessoa do plural do presente (*aceitamos*) e na primeira pessoa do plural do futuro do presente (*faremos*). Uma marcação de primeira pessoa do plural inclusiva por situar aquele que fala e outro no mesmo plano da ação de *aceitar* ou *fazer*.

Outro item destacado é a interjeição “Vamos”, na frase “Vamos derrotar o golpe nas ruas!”. Nessa conjuntura, o enunciador procura agir sobre o enunciatário reforçando a ordem-convite de ir para as ruas manifestar contra o golpe. É claro que reconhecemos nesta interjeição a forma imperativa do verbo *ir*. Com isso, nesta frase, “vamos” não se caracteriza apenas como um encorajamento de sair às ruas para executar o ato, mas esse enunciado indica também, em conjunto com o verbo principal (*derrotar*), a ação e o objetivo de praticar, nesse caso, o ativismo.

Já o efeito de distanciamento pode ser observado na publicação realizada no dia 18 de abril pela *Frente Brasil Popular*:

The image shows a Facebook post from the page 'Frente Brasil Popular' (@FrenteBrasilPopular), dated April 18, 2016. On the left, there is a profile picture with a colorful geometric pattern and the text 'SE VOCÊ NÃO LUTAR SUA APOSENTADORIA VAI ACABAR!' and 'FRENTE BRASIL POPULAR'. Below the profile picture is a navigation menu with options like 'Página inicial', 'Sobre', 'Fotos', 'Curtidas', 'Vídeos', 'Eventos', 'Notas', and 'Publicações'. The main post content includes a quote from the German magazine 'Die Zeit' about the impeachment vote in Brazil being 'more like a carnival' and an 'insurrection of hypocrites'. Below the text is a photograph of a legislative assembly in a state of chaos, with people shouting and holding signs. The post has 862 reactions and is titled 'Imprensa europeia vê carnaval e "insurreição de hipócritas" na votação do impeachment | Brasil |...'. The source is cited as 'DW.COM'.

FIGURA 19: NOTA FRENTE BRASIL POPULAR – IMPRENSA EUROPEIA VÊ CARNAVAL EM VOTAÇÃO FACEBOOK. FRENTE BRASIL POPULAR. DISPONÍVEL EM: <[HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/ FRENTEBRASILPOPULAR />](https://www.facebook.com/FRENTEBRASILPOPULAR/)

A *Frente Brasil Popular* utiliza uma matéria do site alemão *Die Zeit*, por meio da debreagem enunciativa. Ao publicar a matéria, a FBP simula um distanciamento da enunciação, evitando arcar com a responsabilidade do que é dito, uma vez que transmite a opinião do outro, o saber da fonte, no caso do correspondente Thomas Fischermann.

De certa maneira, a escolha não foi ao acaso, e o que a FBP pretendia era produzir comentários a favor, como podemos observar nos itens demarcados abaixo.

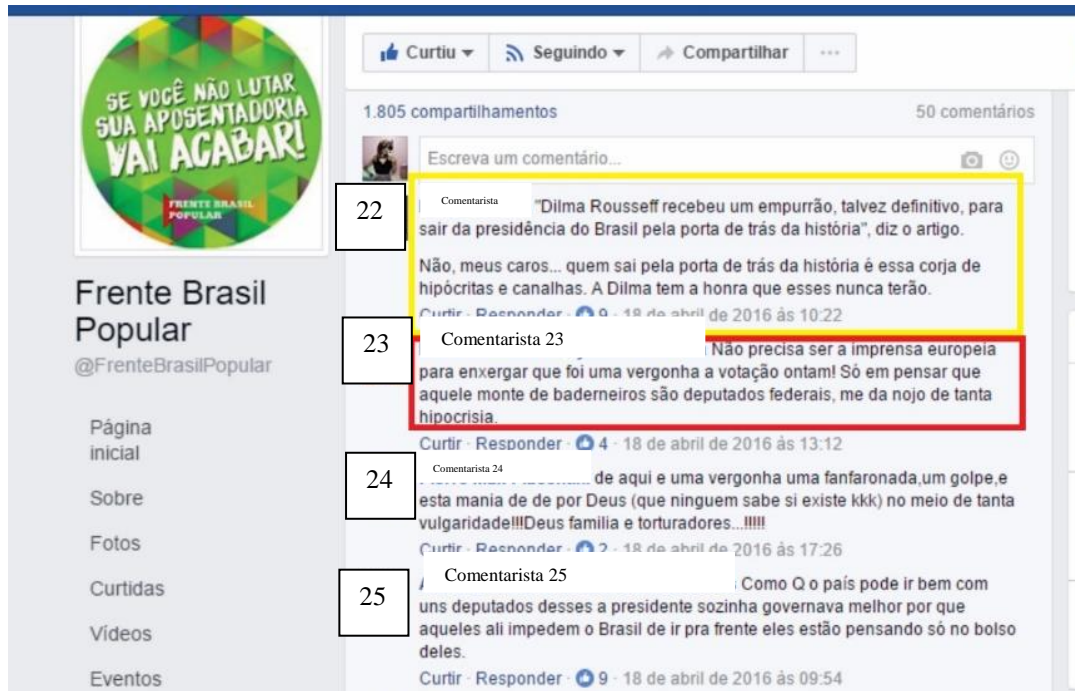


FIGURA 20: COMENTÁRIO FRENTE BRASIL POPULAR FACEBOOK. FRENTE BRASIL POPULAR. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/FRENTEBRASILPOPULAR/](https://www.facebook.com/FRENTEBRASILPOPULAR/) >

Apenas nos comentários, ou seja, quando as pessoas dialogam com a matéria apresentada, aparecem as marcas de primeira pessoa e as pessoas, os enunciatários, marcam sua posição, como ocorre no caso do comentarista 23:

Excerto 02 (Comentário Imagem 20):

Não precisa ser da imprensa europeia (sic) para enxergar que foi uma vergonha a votação ontam (sic)! Só em pensar que aquele monte de baderneiros são deputados federais, me da nojo (sic) de tanta hipocrisia.

Desse modo, a *Frente Brasil Popular* pode se isentar da opinião e ceder a voz à fonte e principalmente aos comentaristas. Mas, como observamos, isso caracteriza uma estratégia para se produzir um efeito de objetividade por parte do enunciador, pois a escolha e o compartilhamento dessa matéria demonstram o posicionamento e a marca de sua subjetividade. Além disso, não se pode esquecer que a página tem como objetivo “mobilizar e organizar setores populares em torno de uma plataforma mínima para derrotar as forças conservadoras e defender as liberdades democráticas”. (FRENTE BRASIL POPULAR, 2016)

A imagem 19 também sinaliza um exemplo de efeito de realidade ou de referente. No momento em que ela dá voz à fonte, copiando na íntegra o que foi dito, a *Frente Brasil Popular* reafirma a realidade do fato.

Por efeito de realidade ou de referente entendem-se as ilusões discursivas de que os fatos contados são coisas ocorridas, de que seus seres são de carne e osso, de que o discurso enfim, copia o real. Na sintaxe do discurso, os efeitos de realidade decorrem, em geral, da desembreagem interna. Quando, no interior do texto, cede-se a palavra aos interlocutores, em discurso direto, constrói-se uma cena que serve de referente ao texto, cria-se a ilusão de situação real de diálogo. (BARROS, 1994, p.59)

Barros (1994) explica que os efeitos de realidade ou de referência são comumente encontrados na semântica discursiva e não na sintaxe, sendo denominados de ancoragem. A ancoragem vincula o discurso a pessoas, espaços e datas que o enunciatário identifica como reais. Um exemplo é a Nota publicada pela *Frente Brasil Popular*, do dia 20 de abril.



FIGURA 21: NOTA FRENTE BRASIL POPULAR – DIA 20 DE ABRIL FACEBOOK. FRENTE BRASIL POPULAR. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/FRENTEBRASILPOPULAR/](https://www.facebook.com/FRENTEBRASILPOPULAR/) >

Podemos observar que o item sublinhado (“*reunidos nesta quarta-feira, dia 20 de abril*”) caracteriza uma ancoragem, pois os leitores reconhecem como reais o momento (quarta-feira, 20 de abril), que especifica e concretiza o espaço. Esses elementos ancoram o texto na história, criando a ilusão de referência e, a partir desse movimento, torna-se verdadeiro todo o texto que se ancorar nesse referencial constituído pelo próprio texto; ou seja, torna-se verdadeiro tudo que estiver ligado a esse referente. Segundo Barros (1994, p.61), o mesmo tipo de ancoragem acontece com a fotografia que “assegura a crença ideológica-cultural no seu caráter analógico de cópia do real”, tendo em vista a sua natureza

de “cópia do real” e, obviamente, na medida em que não se considera o ponto de vista daquele que fotografa o “real”. A autora propõe que:

No estudo das projeções da enunciação, é necessário examinar os efeitos de sentido do discurso e os procedimentos utilizados em sua produção. Ou seja, não basta reconhecer que este é um discurso em primeira pessoa, mas é preciso, pela análise completa do texto, explicar as razões dessa escolha e quais os efeitos que, com essas opções, se obtêm. (BARROS, 1994, p.62)

Nesse ponto, é importante realçar que as análises realizadas anteriormente são apenas uma das etapas para a construção do sentido do texto, uma vez que as projeções da enunciação possibilitam analisar o discurso como objeto produzido por um sujeito que procura atingir um certo fim, levando em consideração, segundo Barros (1994, p.62), o contexto sócio-histórico e a formação ideológica em que o texto está inserido.

Além disso, para um exame mais completo do nível discursivo, que não é o foco deste trabalho, seria necessário analisar as relações argumentativas entre enunciador e enunciatário. O que destacaremos é que o enunciador é definido como o destinador-manipulador que cria valores no discurso e leva o enunciatário a crer e a fazer (Barros, 1994). Ou seja, o enunciador teria o fazer persuasivo e o enunciatário o fazer interpretativo do objeto-discursivo. Podemos, então, afirmar que o enunciador não constrói discursos verdadeiros ou falsos. Ele cria efeitos de verdade ou de falsidade, para que os textos-enunciado sejam interpretados como verdadeiros ou falsos.

2.2.3.2 A *semântica discursiva*

A semântica discursiva compreende as manifestações temáticas e figurativas das estruturas narrativa subjacentes. Desse modo, o sujeito da enunciação, por meio dos temas e figuras, proporciona a coerência semântica do discurso que, por sua vez, irá gerar efeitos de sentido e de realidade.

De acordo com Fiorin (1989, p.91), as *figuras* são classificadas como termos que remetem a elementos do mundo natural como: correr, vermelho, sol. Por outro lado, os *temas* são categorias que organizam, classificam, ordenam esses elementos: vergonha, elegância, orgulho. Barros (1994), por sua vez, acrescenta que:

Tematizar um discurso é formular os valores de modo abstrato e organizá-los em percursos. Nos discursos temáticos enfatizam-se os efeitos de enunciação, isto é, de aproximação subjetiva ou de distanciamento objetivo da enunciação, em detrimento

dos efeitos de realidade, que dependem fortemente dos procedimentos de figurativização. Já a figuração é a instalação das figuras, (...) quando se passa do tema à figura; a iconização é o investimento figurativo exaustivo final, isso é, a última estampa da figurativização, com o objetivo de produzir ilusão referencial”. (BARROS, 1994, p.71 - 72)

Há que considerar, ainda, na semântica discursiva, o conceito de isotopia. Como observa Barros (1994, p.74), a isotopia é a linha sintagmática do discurso, bem como a explicitação de sua coerência semântica. Ou seja, ela é a responsável por assegurar a coerência semântica do discurso. Tomemos o exemplo a seguir:



FIGURA 22: COMENTARISTA 26– MBL FACEBOOK. FRENTE BRASIL POPULAR. DISPONÍVEL EM: <
[HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/FRENTEBRASILPOPULAR/](https://www.facebook.com/FRENTEBRASILPOPULAR/)>

Excerto 03 (Comentário da Imagem 22):

As elites conservadoras querem retomar o controle do país, enquanto os pobres estavam sendo beneficiados, não suportaram, mais aceitaram. Agora eles deixando de ganhar suas propinas, ai não. Então a elite conservadora usa todas as armas que pode manipular, inclusive o STF (sic).

Considere o comentário anterior sobre a publicação da *Frente Brasil Popular*, do dia 20 de abril, que trata do adiamento pelo Supremo Tribunal Federal (STF) acerca da nomeação de Lula ao cargo de ministro da Casa Civil. Uma análise semiótica desse texto nos permite identificar dois percursos temático-figurativos que se opõem: riqueza x pobreza. A riqueza é

figurativizada pelas “elites conservadoras”, representada como uma classe que busca se beneficiar acima de qualquer coisa.

Já a pobreza, pode ser identificada na figura do *pobre*. Nessa representação, afirma que “pobres estavam sendo beneficiados” pelos projetos desenvolvidos durante o governo do Partido dos Trabalhadores. Assim, há uma articulação entre o contexto paradigmático (temas e figuras) e o sintagmático (isotopias), conferindo coerência ao texto. Cabe destacar que as figuras e os temas (LARA E MATTE, 2007, p.81) são culturais, como já afirmava Greimas.

2.2.4. O nível fundamental

O nível fundamental é a primeira etapa do percurso gerativo. Optamos por deixá-lo por último, uma vez que é o nível mais simples e, porque estabelece o sentido mínimo do texto, no qual se definem as relações de euforia e disforia. Para Scoporo (2011), citando Greimas, o nível fundamental é o mais simples e o mais abstrato e emerge a partir de oposições semânticas. Barros (1994) explica que:

no nível das estruturas fundamentais, procura-se construir o mínimo de sentido que gera o texto, a direção em que caminha e as pulsões e tîmias²³ que o marcam. Assim, construídas, as estruturas fundamentais convertem-se em estruturas narrativas, a narrativa torna-se discurso, o plano de conteúdo casa-se com o da expressão e faz o tempo, o texto dialoga com outros muitos textos, e essa conversa o situa na sociedade e na história”. (BARROS, 1994, p.79)

Para compreender o funcionamento do nível fundamental, temos o quadrado semiótico, proposto por Greimas, ao qual se atribui a responsabilidade pelo modelo lógico que organiza a estrutura elementar. Greimas compreende o quadrado semiótico como a “representação visual da articulação lógica de uma categoria qualquer”. (GREIMAS e COURTÉS, 1974, p.364). Assim, o quadrado é uma reunião de dois tipos de oposições binárias.

²³ Segundo Greimas e Courtés (1974, p.463) a tímica “articula-se em *euforia/disforia* (tendo *aforia* como termo neutro) e desempenha um papel fundamental, conotando como eufórica uma dêixis do quadrado semiótico e como disfórica a dêixis oposta, ela provoca a valorização positiva e/ou negativa de cada um dos termos da estrutura elementar da significação.

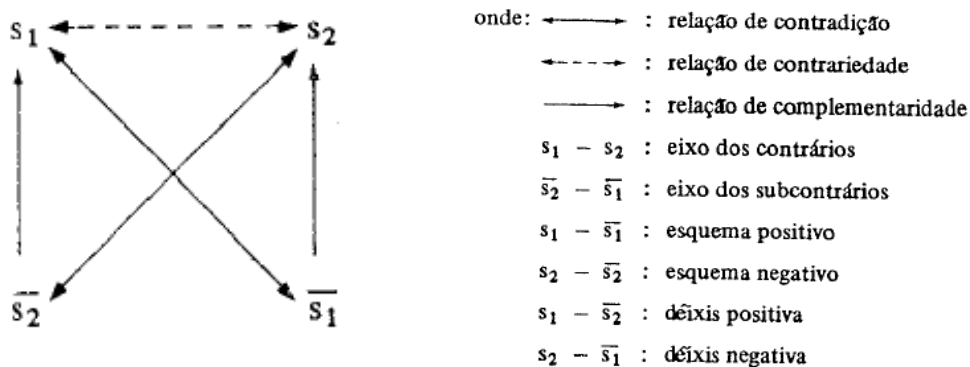


FIGURA 23: QUADRO SEMIÓTICO (GREIMAS E COURTÉS, 1974, P.365)

O quadrado semiótico trata de dois termos contrários (S_1 e S_2), que pela operação de negação, transformam-se nos subcontrários (não- S_1 e não- S_2), que mantêm relação com S_1 e S_2 , respectivamente, uma relação de contradição. Já S_1 e não S_2 e S_2 e não S_1 mantêm entre si uma relação de complementaridade.

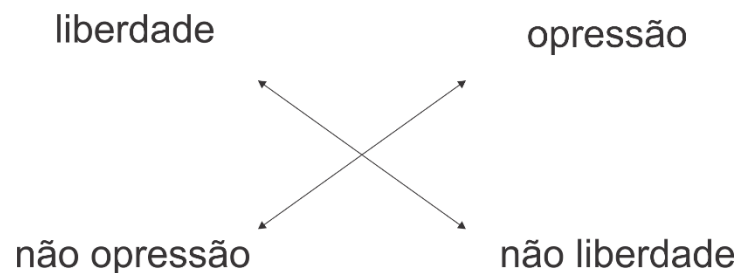
Para Greimas (1974), o quadrado semiótico é um modelo que pode ser utilizado para organizar qualquer categoria em qualquer nível do percurso gerativo, mas ganha uma importância maior no nível fundamental. Uma vez que, nesse nível, o quadro é o elemento sintático principal.

Considere, para efeito de exemplo, o modo como a *Frente Brasil Popular* se define em sua *fan-page*.

Excerto 04:

Militantes em defesa da democracia e de uma nova política econômica (...). Para tanto, precisamos disputar a sociedade e as ruas e por isso é necessário construir uma frente popular e mobilizar a sociedade, incentivando as mobilizações da Marcha das Margaridas, de 20 de agosto em todo o país, o Grito dos Excluídos de 7 de setembro e inúmeras outras iniciativas que estão em curso nos estados. A ofensiva das forças conservadoras assume diversas formas, entre elas a tentativa de derrubar, sabotar e também impor ao governo o programa dos que foram derrotados nas eleições presidenciais de 2014, seja com um programa de ajuste que gera desemprego e recessão, seja com uma "agenda Brasil" que destrói os direitos inscritos na Constituição de 1988, ou no exemplo da lei supostamente antiterrorismo cujo alvo real é a mobilização social. Para derrotar as forças conservadoras, defender as liberdades democráticas e os direitos, implementar outra política econômica e reformas estruturais, é preciso mobilizar e organizar os setores populares em torno de uma plataforma política mínima.

Nesse recorte para análise, a oposição fundamental é composta pela categoria *liberdade democrática vs. forças conservadoras*. Sendo a última categoria, as forças conservadoras, o termo disfórico (aquele que possui valor negativo para o sujeito) e a primeira, liberdade democrática, o termo eufórico (aqueela que possui valor positivo para o sujeito). No modelo lógico, considerando o quadrado semiótico, essa oposição poderia ser representada da seguinte forma:



Devemos levar em consideração ainda os complementos no quadrado semiótico, pois são eles que constituem as estruturas de mediação. “Liberdade” e “não opressão” são complementares, pertencendo ao mesmo gênero, já que ambas são opostas a “opressão”. Do mesmo modo, opressão” e “não liberdade”, ambos opostos a “liberdade”, fazem parte do mesmo gênero, sendo também complementares.

Em relação à “não opressão” e “não liberdade”, eles seriam subcontrários, ambos produzidos pela negação dos contrários. É possível, por tanto, a partir de “opressão”, compreender a posição de “liberdade”, por meio da mediação de “não opressão”. Da mesma maneira, a partir de “liberdade”, podemos situar a posição de “opressão” graças à mediação da posição de “não liberdade”.

Portanto, as categorias semânticas, liberdade x opressão, cujas as relações são representadas no quadro semiótico, constituem o ponto de partida da geração do discurso. Logo, o percurso figurativo concretiza o tema /Liberdade x opressão/, de acordo com o qual a liberdade pode ser figurativizada “defesa da democracia” e “nova política econômica”. Já opressão são figurativizadas por “programa dos que foram derrotados nas eleições presidenciais de 2014”.

Esses temas concretizam os esquemas narrativos: há uma manipulação em que o sujeito Frente Brasil Popular busca fazer com que o sujeito setores populares a /querer-fazer/ e a reconheceram o /dever-fazer/ para conseguir seu objeto-valor (a liberdade democrática).

Na sequência, a partir de uma dada competência, o sujeito adquire o poder-fazer e o saber-fazer por meio do ativismo (construir uma frente popular e mobilizar a sociedade). Acontece a performance e o sujeito entra em conjunção com o objeto desejado, a promoção de ações ativistas, (Marcha das Margaridas e o Grito dos Excluídos). Resumidamente, é no nível fundamental, que se constitui o mínimo de sentido que gera o texto.

2.3 Apontamentos

Nesse breve apanhado da Semiótica de linha francesa proposta por Greimas, foi possível notar sua forte ligação com o estruturalismo. O percurso gerativo de sentido, por exemplo, faz uso de um sistema formal, regido por caracteres simbólicos, tratando, desse modo, a significação em sua forma fixa e descontínua.

O percurso proposto por Greimas privilegia o sujeito da ação, por isso, esse período foi denominado por nós, logo no início do capítulo, como semiótica da ação. A partir daí, considera-se que o percurso propõe: a) a potencialização do sujeito, que passa por b) uma virtualização e c) uma atualização, antes de alterar seu estado de disjunção para a d) realização. Em outras palavras, o sujeito a) percebe e reconhece sua disjunção com um determinado objeto, b) *quer* ou *deve* alterar esse estado, c) mune-se dos saberes e do poder necessários para efetuar essa mudança, d) realiza essa mudança (conjunção) ou não realiza essa mudança (disjunção) com o objeto-valor. A título de exemplo, podemos retomar nossas análises-exemplo dos comentários e observar que:

1. Nos comentários realizados na página do *Movimento Brasil Livre*, os sujeitos estavam em disjunção com o governo da então Presidente Dilma Rousseff. A partir disso, eles encontraram na página do MBL uma maneira de expressar seu descontentamento, ao mesmo tempo em que manifestavam sua posição gerando um ativismo e dando um poder ao MBL de transformar a situação, passando para um estado de conjunção, com a aprovação do *impeachment* da presidente.
2. O contrário acontece nos comentários da *Frente Brasil Popular*. Eles estavam em conjunção com o governo e, conseqüentemente, em disjunção com o *impeachment* de Dilma Rousseff, mas com o resultado da votação eles são espoliados do seu objeto-valor, o governo e as ações petistas, bem como a possibilidade de aumentar o investimento nas causas sociais. Como isso, esses sujeitos entram em disjunção com o novo estado, aquele que promove o *impeachment* e que deriva do afastamento da presidente.

No entanto, essa semiótica formalizada não leva em consideração as propriedades sensíveis e afetivas dos sujeitos com relação aos objetos semióticos. E é justamente esse aspecto que passa a nos interessar: mais especificamente, a passagem do inteligível para o sensível, da ação para a paixão, tema do nosso próximo capítulo.

CAPÍTULO III: AS PAIXÕES NAS *FAN PAGES* MBL E FBP

Devido ao viés estruturalista, dada sua origem remontar aos estudos estruturalistas cuja base se funda em Saussure e Hjelmslev, mas também, como vimos, na análise formalista das narrativas folclóricas russas de Vladimir Propp, a semiótica de Greimas, em sua primeira vertente, desenvolve uma abordagem teórica que privilegia os “estados de coisas” em detrimento dos “estados de alma” do sujeito.

Nesse sentido, foram privilegiados os estudos que se voltavam para o *fazer*, deixando de lado o *ser* do discurso. Esse percurso do *fazer* caracteriza a ação do sujeito na conquista do seu objeto-valor. Desse modo, o modelo dessa semiótica da ação desconsidera as articulações do sensível no discurso, o que implica dizer que as análises deixam de lado os componentes afetivos dos actantes, mais especificamente, os efeitos passionais que explicam as condutas dos sujeitos, modalizadas pelos seus estados de alma.

Considerando a natureza dos discursos políticos que constituem nosso *corpus*, bem como o radicalismo que eles assumiram no período sob análise, pareceu-nos difícil, senão impossível, uma análise adequada desses discursos sem levar em conta os componentes afetivos dos sujeitos. Assim, para nós foi necessário refletir sobre a semiótica da ação, objeto do segundo capítulo, para que pudéssemos empreender a abordagem proposta por Greimas e Fontanille, na *Semiótica das Paixões*, na tentativa de apreender a dimensão passional nos discursos no espaço do ciberativismo, que surge a partir da semiótica da ação, para termos uma maior compreensão do funcionamento desses discursos.

Neste capítulo, a teoria será apresentada juntamente com o desenvolvimento da análise dos textos que compõem nosso objeto de estudo. Nosso material de análise compõe-se da matéria seguida dos quatro primeiros comentários, apontados como os mais relevantes pelo *Facebook*. Nosso material concentra-se no período de 17 de abril de 2016, data da votação da abertura do processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados, até o dia 22 de abril de 2016, visita da presidente aos Estados Unidos. Além do dia 12 de maio, que corresponde ao afastamento de Dilma Rousseff. Foram sete matérias publicadas em cada *fan-page*, conforme exposto no quadro a seguir:

MOVIMENTO BRASIL LIVRE	FRENTE BRASIL POPULAR
<p>Dia histórico! Por coincidência, no dia da votação do impeachment, o MBL atinge a incrível marca de 1 milhão de curtidas nessa página.</p> <p>Data 17/04/2016</p>	<p>Nota da Frente Brasil Popular e Frente Povo Sem Medo</p> <p>Data: 17/04/2016</p>
<p>FINAL DA VOTAÇÃO: 367 VOTOS PELO IMPEACHMENT!</p> <p>Junte-se ao MBL mbl.org.br/participe</p> <p>Data 17/04/2016</p>	<p>O site do semanário alemão Die Zeit afirma que a votação na Câmara "mais parecia um carnaval"</p> <p>18/04/2016</p>
<p>Lula falhou. É o fim do PT.</p> <p>18/04/2016</p>	<p>ABRAÇAÇO COM DILMA</p> <p>19/04/2016</p>
<p>Tchau, querida!</p> <p>19/04/2016</p>	<p>STF mostra mais uma vez a sua covardia e decide adiar, sem data marcada</p> <p>20/04/2016</p>
<p>17 DE ABRIL - O IMPEACHMENT EM BRASÍLIA!</p> <p>Vencemos. O impeachment de Dilma Rousseff está mais forte do que nunca e já passou pelo mais difícil.</p> <p>20/04/2016</p>	<p>Nota da Frente Brasil Popular</p> <p>Vamos continuar a luta contra o golpe!</p> <p>20/04/2016</p>
<p>Começa o ato em NY!!!</p> <p>22/04/2016</p>	<p>#NoCoup New York contra o golpe no Brasil.</p> <p>21/04/2016</p>
<p>O afastamento da Dilma direto do escritório do MBL! Vencemos!</p> <p>12/05/2016</p>	<p>O Brasil não anoitecerá: Nota da UNE sobre afastamento de Dilma Rousseff.</p> <p>12/05/2016</p>

Em nossa análise, a fim de distinguir as paixões adotaremos o registro das paixões lexicêmicas apresentadas por Barros (1990), presentes no Anexo 01.

3.1 Das marcas da subjetividade à noção de paixão

A inserção do tema da subjetividade e da afetividade no campo da semiótica greimasiana não foi um movimento direto, espontâneo e livre de problemas. Antes de se propor o estudo das articulações sensíveis do discurso, o que se vinha produzindo em

semiótica caracterizava-se como um estudo do descontínuo²⁴ da ação, que priorizava os modelos narrativos.

Em tal semiótica da ação, (...) o fazer do sujeito narrativo encontra-se assim reduzido, num nível mais profundo, ao conceito de transformação, isto é, uma espécie de pontualidade abstrata, esvaziada de sentido, que produz ruptura entre dois estados. O desenvolvimento narrativo pode, então, justificar-se como segmentação de estados que se definem unicamente por sua ‘transformabilidade’. O horizonte de sentido que se perfila por detrás de tal interpretação é o do mundo concebido como descontínuo (Greimas e FONTANILLE, 1993, p.10).

O que Greimas e Fontanille (1993) descrevem é que a semiótica, nesse nível, considera a narrativa como uma busca de valores, ou seja, como simulacro da ação do homem no mundo. Como se sabe, essa abordagem atenta para o sujeito do *fazer*. A ação tem seu regime baseado na transformação descontínua que, como observa Fontanille (2015), unia as situações *inicial e final*. De modo que se, inicialmente, o sujeito ambicioso é pobre, depois da ação, ele se torna rico. Contudo, esse movimento parece automático, na medida em que não se considera aquilo que move o sujeito a querer transformar sua situação inicial.

Para Barros (1995, p.85), a teoria da ação, além disso, tinha como limitação sua aplicabilidade, uma vez que as análises se voltavam para as narrativas da chamada pequena literatura. Afinal, a semiótica do fazer não oferecia condições para dar um tratamento adequado à complexidade dos personagens movidos mais pelas emoções do que pela ação, ou nos quais as emoções motivavam a ação do sujeito. Com isso, os estudos semióticos começaram a se interessar pela competência modal do sujeito que realiza a transformação.

Como salientado no segundo capítulo, para o sujeito realizar a ação ele precisa estar modalizado pelo *querer/dever/saber e/ou poder fazer*. Assim, o modalizador, no caso, o predicado, rege outro predicado, o modalizado, dando ao sujeito uma competência modal. Nesse ponto, Fiorin (2007, p. 2) acrescenta que, como a modalidade do fazer caracteriza o

²⁴ A categoria contínuo/descontínuo, terminologia usada no tratamento dos morfemas, foi emprestada da linguística pela semiótica. Dentro da semiótica, essa categoria pode ser compreendida a partir de duas especificações, que estão presentes no verbete correspondente aos termos contínuo/descontínuo no *Dicionário de Semiótica* (1983, p. 110) 1) a projeção do descontínuo no contínuo é a primeira condição da inteligibilidade do mundo; 2) toda grandeza é considerada contínua anteriormente à sua articulação, isto é, à identificação das ocorrências-variantes, que permitem constituir-las em classes (as únicas que podem ser consideradas como unidades descontínuas); 3) a oposição contínuo/descontínuo reaparece também sob a forma de uma categoria aspectual, que articula o aspecto durativo: chama-se ,então, o aspecto descontínuo de iterativo ou frequentativo. A partir dessas três considerações e também do uso dessas expressões por semioticistas como Greimas, Fontanille e Zilberberg, compreende-se o discurso descontínuo como aquele que se projeta sobre o contínuo, instaurando imperfeições, interrupções, lacunas, enquanto o discurso contínuo é o espaço-tempo livre de empecilhos e interrupções, no qual os sujeitos sensíveis fluem livremente. O discurso descontínuo é, portanto, o discurso inteligível da narratividade (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 15), enquanto o contínuo é aquele que corresponde ao universo sensível em que a semiótica tenta se engajar a partir da década de 80.

sujeito da ação, a semiótica começa a analisar o modo de existência dos *sujeitos virtuais* (querem ou devem fazer), dos *sujeitos atualizados* (sabem e podem fazer) e dos *sujeitos realizados* (fazem).

Como se pode perceber, todavia, os estudos das modalizações continuaram interligados à ação, pois as análises prezavam pelas condições necessárias para a realização da ação.

Agora, não se preocupa mais apenas em explicar as relações entre sujeito e objeto, mas entre sujeitos, o que leva a uma concepção de narrativa com uma sucessão de estabelecimentos e rupturas de contratos. Aqui começa todo um exame dos procedimentos de manipulação. Estudam-se as provocações, o desafio, a tentação, a sedução (...). Por outro lado, começa-se a aprofundar a investigação dos mecanismos da sanção, seja ela cognitiva ou pragmática. Os percursos da manipulação e de sanção constituem a dimensão cognitiva da narrativa e enquadram sua dimensão pragmática. (FIORIN, 2007, p.2)

Há um grande salto ao introduzir a dimensão cognitiva da narrativa na Semiótica, todavia, ela ainda estava limitada em relação à sua aplicabilidade. Em outros termos, ela analisava textos em que acontecia uma ação, levando em consideração a transferência de objetos ou de estruturas diversas de manipulação e de sanção. Considerava-se o “estado de coisa” em seus quadros de percursos narrativos, tais como aquele da *manipulação* (a firmação do contrato entre destinador-manipulador e sujeito), da *competência* (o *ser* do fazer ou a doação de competência modal ao sujeito – *querer, dever, poder* ou *saber-fazer*), da *performance* (a própria ação do sujeito) e da *sanção* (o destinador-julgador interpreta a ação do sujeito e a sanciona positiva ou negativamente).

Para Lara e Matte (2009), ao lado do sujeito que vivencia o “estado de coisas” (passagem do da pobreza à riqueza, por exemplo) há um sujeito que vivencia o “estado de alma”. “Um objeto desejável (modalizado pelo *querer ser*), mas tomado como impossível (modalizado pelo *não poder ser*), leva o sujeito a experimentar paixões como a frustração” (Lara e Matte, 2009, p. 137). Ou seja, leva em consideração a transformação do próprio ser do sujeito, de seus estados de alma.

Com o desenvolvimento da teoria semiótica, portanto, surgiram inquietações voltadas para a modalização do *ser* e não apenas para a modalização do *fazer*. A partir das décadas de 1980 e 1990, Greimas iniciou seus estudos sobre as paixões. Em 1991, ele lança, em coautoria com Fontanille, o livro *Semiótica das Paixões* – obra teórica tomada como base para a feitura deste capítulo.

Para Greimas (1983), a paixão é entendida, inicialmente, pela semiótica, como “efeitos de sentidos de qualificações modais que alteram o sujeito de estado, o que significa que é vista como uma modalidade do ser ou um arranjo delas, sejam elas compatíveis ou

incompatíveis” (GREIMAS, 1983, p. 225-46). Sendo que, as combinações modais que dão origem aos efeitos passionais são provisórias e determinadas pela cultura.

Em *Semiótica das Paixões*, Greimas e Fontanille (1993, p.21) descrevem que as paixões aparecem no discurso como portadoras de efeitos de sentido muito particulares, sendo determinadas pela organização discursiva das estruturas modais do *querer/dever* e do *saber/poder*. Assim, “as paixões não são propriedades exclusivas dos sujeitos (ou do sujeito), mas propriedades do discurso inteiro” (GREIMAS E FONTANILLE, 1993, p.21).

Para que as paixões possam ser compreendidas em um discurso elas devem estar na disposição do todo de uma estrutura modal e não apenas de parte dessa estrutura modal. Ou seja, para ganhar sentido em um discurso, as paixões devem estar interligadas na organização das estruturas modais que se encontram no decorrer do texto, sejam elas por meio da escolha lexical, da elaboração de frases e da escolha dos conectivos.

Para Greimas e Fontanille (1993), quando se estudam as generalidades da paixão não se pode ignorar a importância da língua natural, pois é ela que representará a história cultural de como as paixões estiveram envolvidas nas combinações modais possíveis, além da tensividade fórica.

As paixões só têm existência discursiva graças ao uso comunitário ou individual, seu estudo não pode limitar-se às generalidades a os “noemas” semânticos e sintáticos que a constituem, a língua natural é a esse respeito como que a testemunha do que a história de uma cultura reteve como paixões dentre todas as combinações possíveis. A partir daí, é interrogado o dicionário considerado aqui como um discurso sobre o uso de dada cultura, (...) ou seja, o estudo dos lexemas. (Greimas e Fontanille, 1993, p.101).

Designar a paixão por lexemas foi um dos primeiros procedimentos de análise das paixões. Fontanille (2015, p. 214), nos lembra que em sua maioria, os lexemas eram nominais (“orgulho”), adjetivos (“mesquinho”), adverbiais (“orgulhosamente”) ou verbais (“inquietar-se”). Para o autor, esses lexemas “são signos e, enquanto tais, são resultados de um uso. (...) Eles são depositários de uma história e de uma cultura” (FONTANILLE, 2015, p. 214).

Apesar da lexicalização ser importante para o estudo das paixões, como Fontanille observa, o que se objetiva é uma semiótica do discurso, portanto, ficar nesse nível caracterizaria um estudo do signo, ficando limitado a palavras que designam as paixões em detrimento do texto e do discurso. No entanto, observa-se que a análise da *Semiótica das Paixões* opera a partir da análise pragmática das definições das palavras que se referem a paixões, na medida em que a cultura influencia o modo como elas devem ser consideradas.

Tomemos o comentário abaixo:

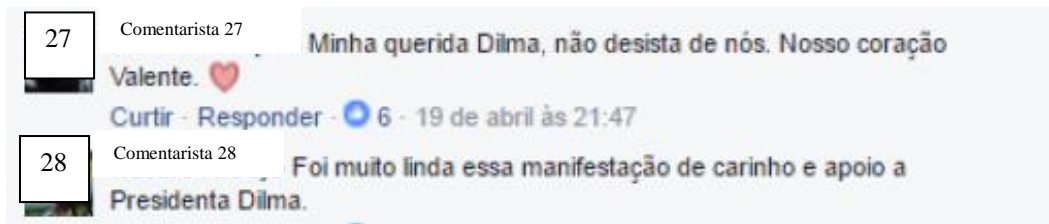
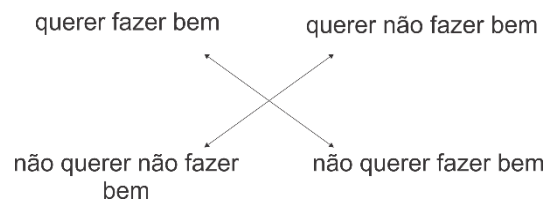


FIGURA 24: ABRAÇAO COM DILMA. FACEBOOK. FRENTE BRASIL POPULAR. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/FRENTEBRASILPOPULAR/](https://www.facebook.com/FRENTEBRASILPOPULAR/)

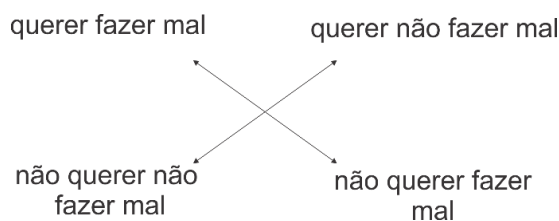
O comentário refere-se à publicação da *Frente Brasil Popular*, intitulada “Abraço com Dilma”, referente ao dia 19 de abril. A matéria que originou os comentários refere-se à manifestação de apoio que Dilma Rousseff recebeu no Palácio do Planalto, onde cerca de 400 mulheres participaram do “Abraço pela Democracia”.

Para identificar o percurso da paixão devemos partir do lexema passional, que nesse caso corresponde ao afeto. Segundo o dicionário *Michaelis*, o afeto é “sentimento de afeição ou inclinação por alguém; amizade, paixão, simpatia”. Tanto o comentarista 27, como o 28 deixam transparecer uma ligação carinhosa com Dilma Rousseff ao utilizar, por exemplo, expressões como “minha querida”, “foi linda”, “apoio a presidenta”, “nosso coração Valente”.

O afeto é uma paixão benevolente, tendo seu quadrado semiótico apresentando da seguinte forma:



Segundo Barros (1990, p.68), o afeto também pode ser analisado no percurso passional da malevolência, sendo modalizado por um */querer não fazer mal/*, que gera aos sujeitos uma simpatia e inclinação com o objeto valor.



Dessa maneira, os comentaristas 27 e 28 desejam o bem */querer fazer bem/* a Dilma Rousseff. As duas comentaristas possuem uma paixão que se caracteriza como um sentimento

que pressupõe que alguém deseja o bem do outro de tal maneira que cria uma ligação, uma simpatia com o objeto-desejo.

Na evolução da teoria da Semiótica das Paixões, ao se abrir mão das palavras da paixão, ou seja, dos lexemas, tornou-se necessário atentar para o funcionamento das formas e dos esquemas que possibilitam os efeitos de sentido passionais no discurso. Em *Semiótica das Paixões*, Greimas e Fontanille (1993, p. 155) traçam um esboço do esquema patêmico, um percurso gerativo da paixão, tomando como exemplo a avareza. Os autores observam, contudo, que esse percurso gerativo da paixão, cujo esquema resumido apresenta-se logo abaixo, pode ser estendido a outras paixões.

Constituição → disposição → sensibilização → emoção → moralização

Como observam Greimas e Fontanille (1993), a constituição determina o ser do sujeito, caracteriza-se como uma predisposição às paixões possíveis presente no mundo, que afetará esse sujeito sob a influência do sistema de valores que regula a importância dos objetos do mundo. Presume-se, assim, a existência de uma pressão externa de natureza diversa capaz de assegurar a emergência do sujeito apaixonado, tomado pela necessidade de operar no mundo em que vive. A disposição pressupõe que o sujeito sofre a influência de seus estados emocionais e, portanto, coloca esse sujeito em relação com o processo de sensibilização, não só sua capacidade de sentir o mundo, as coisas, mas também suas relações com o outro. A sensibilização, como observam os autores, é a transformação tímica do sujeito, submetendo-o ao jugo das paixões e dos sentimentos no que diz respeito a sua relação com o mundo de suas experiências. Pela sensibilização e diante de sua vivência no mundo, os sujeitos se emocionam, sofrem, sentem e reagem.

A emoção, por sua vez, resulta da manifestação das paixões no percurso que vai da predisposição dos sujeitos a influências do meio. Ao passar pelas determinações dos sistemas de valoração, esses sujeitos ficam expostos aos sentimentos diante do mundo vivido. (cf. Greimas e Fontanille (1993, p. 155). Nesse percurso, a moralização “intervém em fim de sequência e recai sobre o conjunto da sequência, mas mais particularmente no comportamento observável”. A moralização traz em si, portanto, tanto o traço terminativo como o acabado, permitindo a construção de um papel final.

Fontanille (2015) apresenta um outro esquema passional, baseado no anterior, a partir do qual se tem por objetivo organizar as etapas lógicas dos percursos passionais. É esse esquema que assumiremos em nossas análises.

despertar afetivo – disposição – pivô passional – emoção- moralização

O despertar afetivo sinaliza a etapa em que o actante é abalado por uma presença que afeta seu corpo. A disposição rege o momento em que se dá a formação da imagem passional, cena ou cenário que promoverá no sujeito o prazer ou o sofrimento. Já o pivô passional remete ao movimento da transformação passional. “É somente ao longo do pivô passional que o actante conhecerá o sentido da perturbação (despertar) e da imagem (disposição) que o afetam” (FONTANILLE, 2015, p.131).

A emoção é o resultado do pivô passional, no qual o corpo do actante reage à tensão que ele sofre. Cabe destacar que paixão e emoção são correlatos diferentes. Segundo Fontanille e Zilberberg (2001, p.299), a paixão²⁵ é uma configuração discursiva, que seria, antes de mais nada, “um acontecimento em sentido estrito, isto é, uma transformação apreendida e reconhecida por um observador”. Já a emoção exige apenas um corpo que sente. Vejamos:

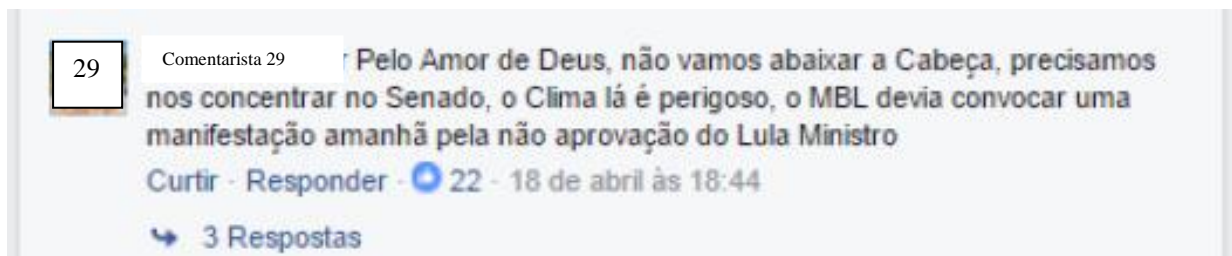


FIGURA 25: COMENTÁRIO COMENTARISTA 29. FACEBOOK. MOVIMENTO BRASIL LIVRE. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/MBLIVRE/](https://www.facebook.com/MBLIVRE/) >

A interpelação “Pelo Amor de Deus”, proferida pelo comentarista 29, no início de seu comentário, retirado da publicação do MBL “Lula falhou. É o fim do PT”, publicado no dia 18 de abril pelo MBL, faz com haja a manifestação do seu estado de espírito, expressando sua emoção. É um recurso textual que nos auxilia a encontrar a paixão em foco, no caso, a aflição. A emoção, diferente da paixão, segundo Greimas e Fontanille (1990), é o limiar entre o individual e o coletivo. É a partir da emoção que o sujeito comentarista 29

²⁵ Uma paixão, no viés tensivo, é antes de mais nada uma configuração discursiva, caracterizada ao mesmo tempo por suas propriedades sintáticas – é um sintagma do discurso – e pela diversidade dos componentes que reúne: modalidade, aspectualizada, temporalidade etc. Em um primeiro nível de definição da paixão ela parece que (1) as dimensões envolvidas seriam de dois tipos: modais e fóricas; (2) que as modalidades implicadas se referem tanto à existência quanto à competência; (3) que a forma conjuga essencialmente a intensidade e a extensidade, com seus efeitos induzidos por projeção no espaço e no tempo, os efeitos de tempo e de ritmo (FONTANILLE E ZILBERBERG, 2001, pp.297/298).

desenvolve o sentimento, a paixão da aflição. De modo bem simplista, podemos concluir que a paixão tem nome: *amor, ódio, esperança*, já a emoção é uma perturbação que só ganha forma e passa a ser dizível quando está associada a uma paixão.

Por fim, o último item do esquema passional de Fontanille (2015) é a moralização. É nesse nível que a paixão pode ser avaliada, mensurada e julgada. Vejamos alguns exemplos.:

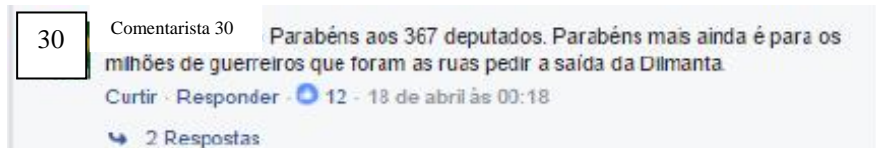


FIGURA 26: COMENTÁRIO COMENTARISTA 30. FACEBOOK. MOVIMENTO BRASIL LIVRE. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/MBLIVRE/](https://www.facebook.com/MBLIVRE/) >

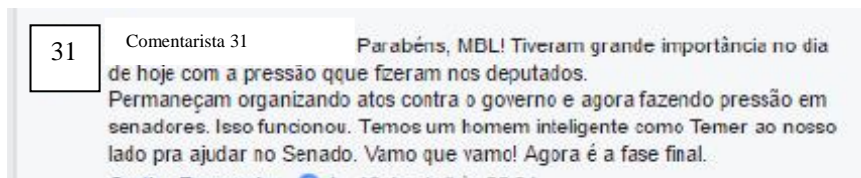


FIGURA 27: COMENTÁRIO COMENTARISTA 31. FACEBOOK. MOVIMENTO BRASIL LIVRE. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/MBLIVRE/](https://www.facebook.com/MBLIVRE/) >

Os dois comentários foram retirados do texto-enunciado do MBL, “Final da votação: 367 votos pelo impeachment”, publicado no dia 17 de abril de 2016 e corresponde ao final da votação da abertura do processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados. A satisfação com o resultado marca a paixão nos comentários.

De acordo com o dicionário *Michaelis*, a satisfação é “(1) Ato ou efeito de satisfazer(-se). (2) Sensação agradável que sentimos quando as coisas correm de acordo com nossa vontade; alegria, contentamento, prazer”. Assim, os dois comentaristas sentem-se satisfeitos com o resultado da votação na câmara, sendo modalizados, assim pelo /saber poder/.

A satisfação, segundo Barros (1990), decorre da felicidade, onde os sujeitos são modalizados por um /saber poder ser/. Nesse caso, tanto o comentarista 30 e 31 sabem /ser possível/ entrar em conjunção desejada, nesse caso o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff.

O despertar afetivo dos dois sujeitos surge com a insatisfação com o governo de Dilma Rousseff, quando os mesmos são abalados, são afetados. Vejamos os seguintes excertos:

Excerto 05 (Comentarista 30):

“(...) foram as ruas pedir a saída da Dilmanta”

Excerto 06 (Comentarista 31):

“(...) Permaneçam organizando atos contra o governo. (...) Vamo que vamo! Agora é a fase final”.

A publicação não deixa claro o ponto em que surge a insatisfação inicial, mas pressupomos tal paixão, principalmente por meio de escolhas lexicais como “pedir a saída da Dilmanta”/ “organizar atos contra o governo”. Já a disposição surge quando os comentaristas imaginam o cenário da satisfação, que ainda não foi atingida. Para atingir tal paixão eles depositam o /poder fazer/ no MBL, no caso do comentarista 31, (*“Parabéns MBL, tiveram grande importância no dia de hoje”*) e nos deputados e nos ativistas, caso de Rogério Camilo (*Parabéns aos deputados (...) e aos milhões de guerreiros que foram as ruas*).

O pivô passional, momento da transformação passional, ocorre com a votação na Câmara dos Deputados, que sancionou um resultado eufórico para os dois comentaristas. A emoção manifesta-se justamente ao escrever os comentários, parabenizando a MBL, os deputados e a população que foi à rua pedir a saída de Dilma Rousseff. A moralização ainda está ocorrendo, mas, por enquanto, ela está sendo positiva, pois os sujeitos estão em conjunção com seu objeto-valor.

Faz-se necessário um aprofundamento na seguinte passagem do comentarista 31:

Excerto 07 (Comentarista 31)

“Parabéns MBL! Tiveram grande importância no dia de hoje com a pressão que fizeram nos deputados. Permaneçam organizando atos contra o governo e agora fazendo pressão em senadores. Isso funciona”.

Nota-se que ao enunciar para o MBL, o comentarista 31, antes tido como um sujeito de estado insatisfeito, um /saber não poder ser/ que sofre a transformação para um sujeito satisfeito /saber poder ser/. Tal transformação só foi possível, devido a ações de um sujeito manipulado/destinatário, a quem cabe/coube um *fazer* a transformação, no caso, o MBL. Portanto, o destinador procura agir sobre o destinatário impondo-lhe uma obrigação, instituindo as modalidades deôntica do /dever-fazer/ e, afirmando-lhe um /poder-fazer/, que passa a ser instaurado pelo ciberativismo.

Ou seja, não basta que o comentarista 31 reconheça a competência do destinatário, o MBL. É preciso que ele manipule o destinatário para que esse /queira-fazer/ e afirme que ele, enquanto destinatário desse *fazer*, possui um /saber-fazer/. Fica claro por esse enunciado que

o objeto-valor, obtido com a vitória na Câmara dos Deputados, mais especificamente, a aprovação do prosseguimento do processo de *impeachment*, afirma esse /poder-fazer/ e o /saber-fazer/ do MBL. O movimento tanto pode como soube fazer pressão sobre os deputados (“com a pressão que fizeram nos deputados”).

No entanto, após sancionar positivamente a ação do MBL, o comentarista 31 diante de um /querer ser/ volta-se para o MBL, impondo-lhe um /dever-fazer/ (“permaneçam organizando atos contra o governo”) reafirmando-o como sujeito de *poder-saber fazer*. Essa modalidade deôntica apresenta-se por meio da modalização do verbo “permanecer” no imperativo.

A paixão satisfação também é notada nos comentários do texto-enunciado intitulado “Tchau querida”, publicado pela MBL no dia 19 de abril, que trata da instauração, pelo Senado, do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff e seu afastamento do cargo por até 180 dias. Nos comentários analisados constatamos a paixão da satisfação.

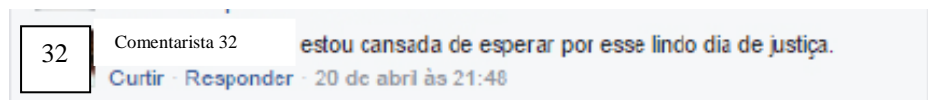


FIGURA 28: COMENTÁRIO COMENTARISTA 32. FACEBOOK. MOVIMENTO BRASIL LIVRE. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/MBLIVRE/](https://www.facebook.com/MBLIVRE/) >

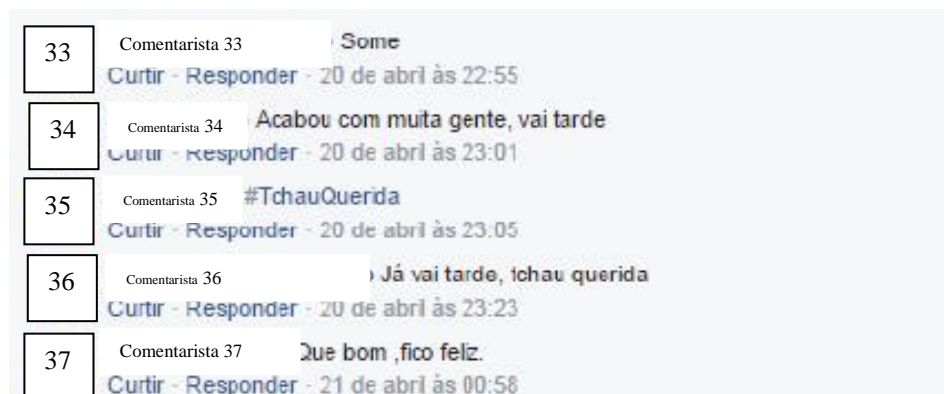


FIGURA 29: COMENTÁRIOS MBL TCHAU QUERIDA. FACEBOOK. MOVIMENTO BRASIL LIVRE. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/MBLIVRE/](https://www.facebook.com/MBLIVRE/) >

O despertar afetivo dos comentaristas surgiu quando o Senado aprovou a abertura da instauração do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, ocorrendo, então, a sensibilização do sujeito. Já a disposição surge quando o Senado autoriza o afastamento em 180 dias da presidente, dando nitidez ao percurso que se seguirá e promovendo a construção de um cenário que entrará em consonância com o objeto-valor: a saída de Dilma Rousseff.

O pivô passional ocorre quando o MBL publica a notícia sobre o afastamento da então presidente, sendo possível para os sujeitos tomarem consciência de seu sentido, seu

caminho até o objeto valor. Já a emoção, enquanto resultado perceptível do pivô passional, são as demonstrações de satisfação dos sujeitos, ao utilizar o espaço *comentário* para se manifestar. Segundo Fontanille, é nesse momento que o sujeito demonstra o “acontecimento passional tanto para si mesmo quanto para os outros”. (FONTANILLE, 2008, p. 132). A moralização caminha para um lado positivo, o da satisfação, onde os sujeitos começam a entrar em conjunção o seu objeto-valor, no caso, o *impeachment* de Dilma Rousseff. Já a moralização ainda não está concluída.

Destacamos ainda o uso da *hashtag* “tchau querida” (*#tchauquerida*) no comentário de Rick Galvão. Segundo Gobbi (2013, p.170), as *hashtag* são “mensagens curtas (*tags*), utilizadas principalmente como uma espécie de moderador nos fóruns de discussão. Qualquer combinação de caracteres liderados por um sinal sustenido é uma *hashtag*”. Gobbi afirma que as redes sociais deram início a chamadas *tags* afetivas, com as quais o sujeito pode compartilhar sua vontade, seus desejos, emoções e paixões.

A *hashtag #tchauquerida* surgiu após a divulgação de áudios grampeados pela polícia federal, nos quais o ex-Presidente Lula despediu-se da Presidente Dilma com um “tchau, querida!”. Além disso, durante a votação na Câmara dos Deputados a expressão foi utilizada de maneira irônica e em tom de deboche por alguns deputados e posteriormente *#tchauquerida* ficou entre as *hashtag* mais mencionados nas redes sociais após à aprovação do afastamento da presidente Dilma.

Tomando como base que as *hashtags*, como salienta Gobbi, são demonstrações de emoções e que elas agrupam pessoas por meio de sentimentos passionais, entendemos que a utilização irônica da *#tchauquerida*, manifesta ira, raiva e ódio e, nesse caso, especificamente, satisfação ao ver a presidente ser afastada. A utilização da figura de linguagem (a ironia), nesse contexto de cunho político, objetiva a inferiorização da pessoa tida como “querida”. Deixa-se de tratar da pessoa jurídica Presidente da República e passa-se a tratar da pessoa física Dilma Rousseff, ou seja, afasta-se do âmbito da crítica à gestora para o debochar da mulher.

Podemos identificar o esquema passional também nessa publicação realizada pela *Frente Brasil Popular*, do dia 20 de abril de 2016. O texto-enunciado traz uma matéria compartilhada do site UOL com o seguinte título “STF adia julgamento sobre nomeação de Lula como ministro da Casa Civil”. Todos os comentários analisados mostram a decepção com a decisão do Supremo Tribunal Federal de adiar o julgamento de nomeação de Lula como ministro da Casa Civil.



FIGURA 30: COMENTÁRIO COMENTARISTA 38. FACEBOOK. FRENTE BRASIL POPULAR. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/FRENTEBRASILPOPULAR/](https://www.facebook.com/FRENTEBRASILPOPULAR/) >

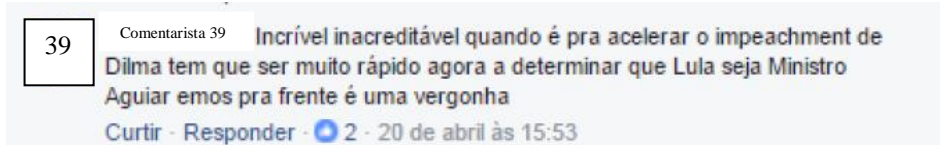


FIGURA 31: COMENTÁRIOS COMENTARISTA 39. FACEBOOK. FRENTE BRASIL POPULAR. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/FRENTEBRASILPOPULAR/](https://www.facebook.com/FRENTEBRASILPOPULAR/) >

De acordo com o dicionário *Michaelis*, a decepção é “sentimento de descontentamento ou frustração quando o que se esperava não ocorre ou quando ocorre o que não se esperava; desapontamento, desilusão”. Para a semiótica, a decepção ocorre em relação aos sujeitos e não ao objetos, assim os dois comentaristas sentem-se desgosto com o resultado do Supremo Tribunal Federal.

O despertar afetivo, no esquema passional, nesse caso, é quando o STF adia o julgamento de nomeação do ex-presidente Lula. Nesse momento, os sujeitos são abalados, indo do relaxamento à tensão. Na disposição, os dois comentaristas criam uma imagem passional da decepção, construindo um ressentimento, desesperança que indicam o sentimento que estão vivendo, tais como os lexemas “vergonha”, “absurdo” e “lamentável”

O pivô passional é o comentário tecido pela *Frente Brasil Popular*:

Excerto 08 (*Frente Brasil Popular*)

“STF mostra mais uma vez a sua covardia e decide adiar, sem data marcada, o julgamento para avaliar se Lula poderá ou não tomar posse como Ministro da Casa Civil. Essa é mais uma demonstração do poder judiciário, panfletário e parcial”.

Nesse momento, os dois sujeitos têm sua presença transformada. Ou seja, eles passam a ter um estado passional identificável com a decepção. Como consequência, surge a emoção, os corpos dos comentaristas reagem à tensão que eles sofreram colocando suas percepções nos comentários, manifestando, assim, o acontecimento passional tanto para si como para outrem. A moralização segue um esquema de amplificação, que parte para a ênfase e a generalização, ou seja, tanto o comentarista 38 como o 39 ajudam a incentivar e difundir a paixão decepção na comunidade em que estão inseridas, no caso a *Frente Brasil Popular*. Assim, a moralização seria mais um julgamento coletivo.

Fontanille (2015, p.110) explica que todo esquema passional é composto de vários esquemas tensivos, que vão da tensão ao relaxamento e vice-versa. Esses esquemas podem ser

definidos a partir da variação entre o sensível (intensidade) e o inteligível (extensidade), onde o aumento da intensidade leva à tensão e o aumento da extensão conduz ao relaxamento. Observemos o exemplo abaixo:

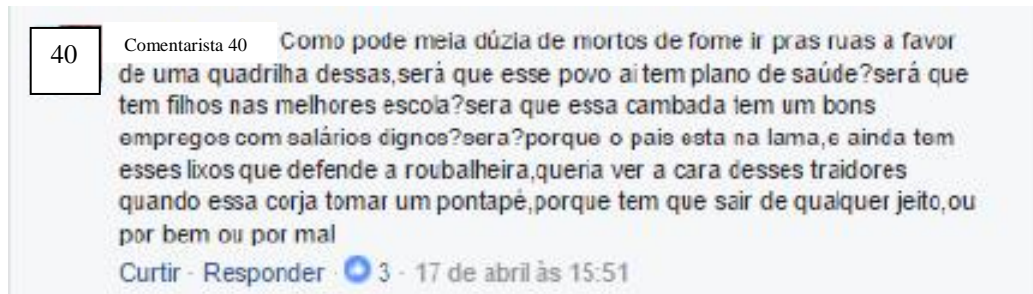


FIGURA 32: COMENTÁRIO COMENTARISTA 40. FACEBOOK. MOVIMENTO BRASIL LIVRE. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/MBLIVRE/](https://www.facebook.com/MBLIVRE/) >

O recorte anterior foi retirado da publicação do MBL intitulada: *Dia histórico! Por coincidência, no dia da votação do impeachment, o MBL atinge a incrível marca de 1 milhão de curtidas nessa página*, do dia 17/04/2016. O comentário noticia o posicionamento do enunciador/destinador, comentarista 40 em busca do objeto-valor fim do governo Dilma Rousseff e de seus apoiadores. Dessa maneira, fica predominante um discurso de aversão aos apoiadores de Dilma Rousseff, como se nota no excerto abaixo:

Excerto 09 (Comentarista 40)

“Como pode meia dúzia de mortos de fome ir pra ruas a favor de uma quadrilha dessas? (...) porque o pais esta na lama, e ainda tem esses lixos que defende a roubalheira, queria ver a cara desses traidores quando essa corja tomar um pontapé, porque tem que sair de qualquer jeito, ou por bem ou por mal”.

O lexema aversão, segundo o dicionário de Língua Portuguesa *Michaelis*, significa: “repulsa em relação a algo ou a alguém; abominação, antipatia, repugnância ...”. O comentarista 40 sente repulsa, antipatia em relação aos manifestantes pró-Dilma (“*como pode meia dúzia de mortos de fome ir pra ruas a favor de uma quadrilha dessas*”).

O percurso passional da aversão parte de um estado de *espera*, um *querer estar* em conjunção com o objeto valor. No entanto, o sujeito comentarista 40 tem o contrato de confiança com o governo Dilma Rousseff quebrado, pois a mesmo tinha o /poder-fazer/ melhorias no país, em áreas como educação, saúde e economia, mas, na perspectiva do enunciador, não o fez (“*será que esse povo tem plano de saúde? Será que tem filhos nas*

melhores escolas? Será que essa cambada tem bons empregos com salários dignos? Será? Porque o país esta na lama).

Com a quebra do contrato, a paixão da aversão, enquanto malevolente, torna-se uma paixão tensa da falta, em que o comentarista 40 */quer fazer mal/* aos apoiadores de Dilma Rousseff e a própria presidente. Isso fica claro em sua fala final “*queria ver a cara desses traidores quando essa corja tomar um pontapé, porque tem que sair de qualquer jeito, ou por bem ou por mal*”.

No percurso canônico passional, o despertar afetivo do comentarista 40 ocorre com um aumento da intensidade, há uma agitação quando ela percebe que havia manifestantes nas ruas em defesa do governo Dilma (*como pode meia dúzia de mortos de fome ir pra ruas a favor de uma quadrilha*). Após tal percepção, a comentarista deixa sua inquietude de lado e passa a imaginar cenários passionais, apontando falhas nos manifestantes, gerando a disposição.

Como pivô passional, ou seja, sua transformação, o comentarista passa a conhecer sua perturbação (despertar) e a imagem que a afeta (disposição), sendo atingida por um papel passional identificado: a insatisfação com o país. Isso pode ser observado com sua declaração de que “*o país está na lama*”, mas também com o seu desapontamento ao notar que “*ainda tem esses lixos que defendem a roubalheira*”.

Sua declaração “*queria ver a cara desses traidores quando essa corja tomar um pontapé, porque tem que sair de qualquer jeito, ou por bem ou por mal*”, pode ser considerada resultados perceptíveis da emoção, pois são produtos resultantes das emoções sentidas pelo comentarista 40 diante de uma situação, que para ela, seria inesperada devendo, portanto, ter consequências extremas. A moralização, nesse sentido, ajuda na explosão da paixão, mostrando sua aversão aos manifestantes pró-Dilma.

Nesse comentário podemos identificar um esquema tensivo de ascendência, que conduz a uma tensão final. Portanto, parte do relaxamento e vai em direção a uma tensão, gerando um crescimento progressivo da aversão aos manifestantes. Teríamos, portanto, o seguinte diagrama:

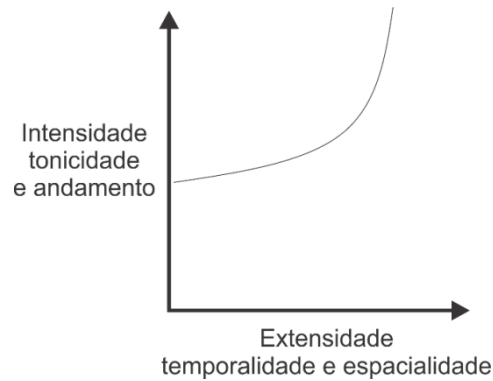


FIGURA 33: GRÁFICA DE ASCENDÊNCIA.
ELABORADA PELA AUTORA DA
DISSERTAÇÃO

Inicialmente, temos um aumento da intensidade, quando o sujeito comentarista 40 inicia seu discurso de maneira enérgica, diante de uma situação inesperada para o sujeito derivada do fato de que ainda existirem apoiadores do governo, tendo como resultado uma tensão, que até aquele momento ainda não tinha sido resolvida.

Outro ponto para se observar é a recorrência do verbo *ser* conjugado no futuro do presente do indicativo (será). Esse recurso de linguagem permite que o comentarista utilize a mesma palavra, “será”, repetida, sucessivamente, no início de cada nova oração, objetivando dar mais ênfase, tornando sua mensagem mais expressiva. Esses traços semânticos ensejam o caráter disfórico do universo de valores relacionados aos apoiadores de Dilma Rousseff, constituídos como antissujeitos.

No dia 18 de abril, a *Frente Brasil Popular* publica uma matéria de um site europeu com o título “Imprensa europeia vê carnaval e insurreição de hipócritas na votação do impeachment”. A paixão vergonha sobressai nos comentários, como podemos ver abaixo:

41

Comentarista 41 **Dilma Rousseff recebeu um empurrão, talvez definitivo, para sair da presidência do Brasil pela porta de trás da história”, diz o artigo.**

Não, meus caros... quem sai pela porta de trás da história é essa corja de hipócritas e canalhas. A Dilma tem a honra que esses nunca terão.

Curtir · Responder · 9 · 18 de abril às 10:22

42

Comentarista 42 **Não precisa ser a imprensa europeia para enxergar que foi uma vergonha a votação ontam! Só em pensar que aquele monte de baderneiros são deputados federais, me da nojo de tanta hipocrisia.**

Curtir · Responder · 4 · 18 de abril às 13:12

[Ver mais comentários](#)

2 de 50

FIGURA 34: COMENTÁRIOS FRENTE BRASIL POPULAR – IMPRENSA EUROPEIA. FACEBOOK. FRENTE BRASIL POPULAR. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/FRENTEBRASILPOPULAR/](https://www.facebook.com/FRENTEBRASILPOPULAR/) >

Conforme o verbete do dicionário *Michaelis*, a vergonha é “(1) sentimento de humilhação ou de desonra; vexame. (3) manifestação de desconforto mediante uma atitude indecente ou indigna; rubor”. O percurso sujeito envergonhado divide-se em dois momentos. No primeiro, ele constrói uma imagem de si que julga que o representa verdadeiramente. No segundo, essa imagem é abalada, deixando o sujeito em uma situação de desconforto, como ocorre nos comentários da imagem 41.

A vergonha, portanto, trata de uma paixão definida pela combinação do *querer ser*, *não poder não ser* e *saber não ser*. Os comentaristas partem de um */querer ser/*, um estado de relaxamento, com a votação eles entraram em um estado de */não poder não ser/*, gerando uma ansiedade e inquietação. Por fim, eles entram em um estado de frustração e insatisfação, */saber não ser/*, que resultará em vergonha da representação do Brasil fora do país. Assim, se antes os comentaristas tinham orgulho da imagem que o Brasil tinha no exterior, após a votação esse estado transforma-se em vergonha, pois a mídia o retrata de maneira vergonhosa, ruim. Logo, a vergonha trata-se da incompatibilidade entre o */querer ser* e o */não poder não ser/* de um lado e o */saber não ser/* de outro.

O percurso de variação de tensividade sai do relaxamento (*querer ser*), para a distensão (*não poder não ser*) até chegar a tensão (*saber não ser*), gerando uma carga tensiva ascendente. Os sujeitos semióticos já partem de uma intensidade inicialmente elevada com a publicação da matéria pela *Frente Brasil Popular*, mas que tende a subir com os comentários.

Dessa maneira, os comentaristas 41 e 42 estavam satisfeitos com a permanência da Dilma Rousseff no poder. Já a frustração ocorre quando há a votação no Congresso pedindo o afastamento da ex-presidente e a aflição se dá por medo do futuro. Esse esquema gera lexemas, tais como *vergonha*, *insatisfação*, *tristeza*, *aflição*, *agonia*.

Portanto, há uma falta de confiança nos que votaram pró- *impeachment*, produzindo uma malevolência, que é descrita pelo *querer fazer mal*, causando *hostilidade*, *aversão* aos que votaram a favor do *impeachment*. Contudo, percebemos no comentário 01, a benevolência, que a situação de confiança, quando o sujeito afirma que “...Dilma tem a honra que esses nunca terão”. Com isso, sujeito comentarista 41 é modalizado por um *querer fazer bem* ou um *querer não fazer mal* à Dilma Rousseff, revelando paixões como afeição, simpatia e inclinação.

3.1.1 Paixões simples e complexas – entendendo os arranjos modais

Para Barros (1990, p.61), é importante distinguir entre paixões simples e paixões complexas. Para ela, as paixões simples recaem sobre o objeto, implicando em um único arranjo modal da relação sujeito-objeto. São paixões resultantes da modalização pelo /*querer-ser*/. Nesse arranjo modal em que o sujeito procura a conjunção com um determinado objeto aparecem paixões como desejo, anseio, ambição, cobiça, cupidez, avidez e a curiosidade. Arranjos modais tais como o /*não-querer não-ser*/ produz paixões como avareza, mesquinhez, usura, sovínice; ao passo que o /*querer não-ser*/ gera o desprendimento, a generosidade, a liberalidade, a prodigalidade. Paixões como a repulsa, do medo, da aversão e do desinteresse, por sua vez, resultam do /*não-querer ser*/.

Para distinguir essas paixões simples, Barros (1990, p.61) sugere que se observe a maior ou menor intensidade do “*querer*”; um critério que requer, por exemplo, que se considere se o desejo manifesto é ardente, excessivo ou violento; ou que se atente para os tipos de valores desejados, que podem ser:

pragmático-descritivo na cobiça, na cupidez, na avareza, em que se desejam bens materiais; descritivo e modal, na ambição, em que se quer tanto ter quanto poder; indiferentemente pragmático ou modal, na inveja ou no anseio; cognitivo na curiosidade, que se define pelo querer-saber (BARROS, 1990, p.61).

Outros parâmetros de classificação das paixões simples são a explicitação do desdobramento polêmico, a intenção de conservar o estado de conjunção ou, ainda, a intenção de transformar a disjunção em conjunção. O desejo, presente nos comentários abaixo, ajuda a exemplificar as paixões simples.

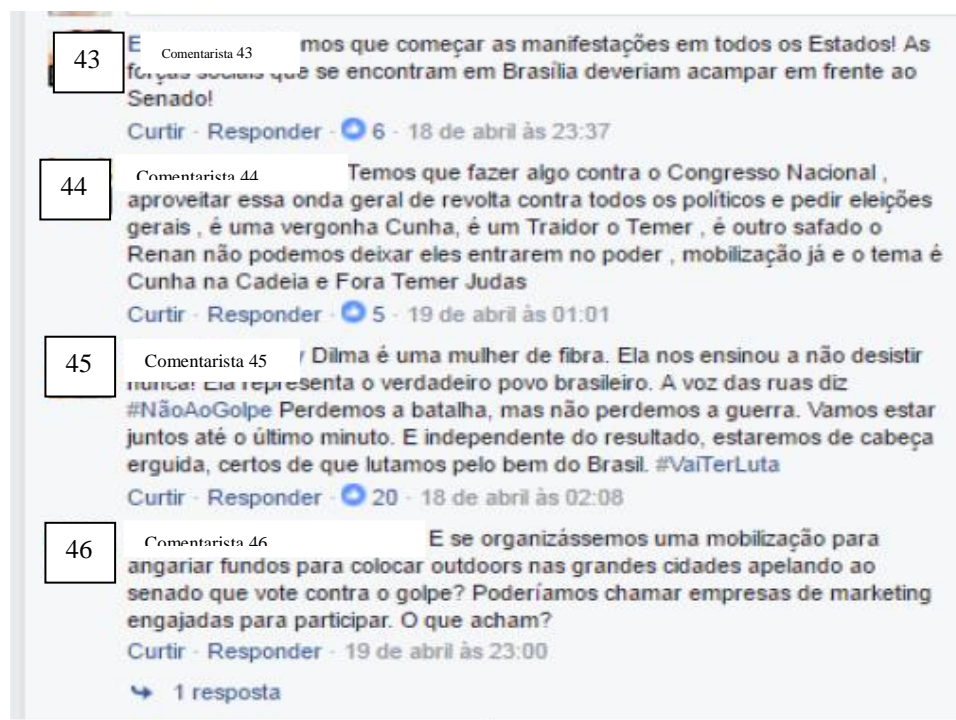


FIGURA 35: COMENTÁRIOS FRENTE BRASIL POPULAR – NOTA. FACEBOOK. FRENTE BRASIL POPULAR. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/FRENTEBRASILPOPULAR/](https://www.facebook.com/FRENTEBRASILPOPULAR/) >

Os comentários foram retirados da publicação da *Frente Brasil Popular* intitulada “Nota da Frente Brasil Popular e Frente Povo Sem Medo contra o golpe”. Publicada no dia 17 de abril, a nota repudia a votação da abertura do processo de *impeachment* contra a Presidente Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados.

De acordo com o dicionário *Michaelis*, o lexema desejo é definido como “*ato ou efeito de desejar; aquilo que se procura alcançar quando se faz alguma coisa*”. O desejo, portanto, é tido como uma busca em alcançar um dado objeto-valor. Segundo Barros (1990, p.61), o desejo é uma paixão simples decorrente da modalização pelo */querer-ser/*. Os comentaristas buscam um arranjo modal (*querer-ser*) em relação ao objeto, no caso o não-*impeachment* da Presidente Dilma Rousseff. Não havendo, portanto, uma variação tensiva ou uma mudança de percurso modal. Observem-se:

Excerto 10 (Comentarista 43):

(...) começar as manifestações em todos os Estados!

Excerto 11 (Comentarista 44)

(...) mobilização já e o tema.

Excerto 12 (Comentarista 45):

certos de que lutaremos pelo bem do Brasil.

Excerto 13 (Comentarista 46):

e se organizássemos uma mobilização para angariar fundos.

Os quatro comentaristas tanto desejam *ter* a vitória, quanto acreditam *poder* lutar para alcançar essa vitória, por meio de ações ciberativistas on-line e off-line. Vegh (2003) salienta que esses sujeitos dos comentários são ciberativistas que usam o espaço online para planejar e executar manifestações. É o que o autor classifica como organização e mobilização de ciberativistas com o objetivo de utilizar a rede como um meio para execução de ações que anteriormente eram realizadas online, mas agora são facilitadas pelos sites de redes sociais, como o *Facebook*.

Ao observar enunciados como “*Vamos derrotar o golpe nas ruas*”, “*Já temos que começar as manifestações em todos os Estados*”; “*Temos que fazer algo contra o Congresso Nacional, mobilização já.*”, “*E se organizássemos uma mobilização para angariar fundos*”, notamos que a *Frente Brasil Popular*, ao publicar seu texto-enunciado tenta persuadir os adeptos da página e fazê-los se sentirem pertencentes àquele lugar.

Na verdade, esse é o objetivo tornarem esses sujeitos ativistas da causa. Logo, percebemos que a *Frente Brasil Popular* (S₁) é um actante que está em vias de conjunção com o objeto *impeachment* da Presidente e pretende sair desse estado via manifestações. Assim, na realidade, as manifestações seriam o elemento que daria a FBP o *poder-fazer* para realizar a performance de manter Dilma Rousseff no poder. O desejo é o que impulsiona esses ciberativistas, isso pode ser percebido em verbos no imperativo como “vamos” (verbo ir no imperativo afirmativo) e “temos” (verbo ter no presente do indicativo) ou marcado por figuras como “mobilização já”, “não desistir nunca”, “estaremos de cabeça erguida”, na *hashtag* “#vaiterluta”.

Já as paixões complexas são resultado de um encadeamento paixões que formam um percurso. Para Barros (1990), esse percurso conta com uma variação tensiva, entre tensão passional e relaxamento. A frustração, por exemplo, é classificada como uma paixão complexa, como podemos notar nos percursos passionais dos comentários abaixo, retirado da 12 de maio, da *Frente Brasil Popular*, com o título “A noite de 11 para 12 de maio não será como a de primeiro de abril de 1964”. A publicação traz uma nota, fazendo menção a Ditadura Militar brasileira, que se iniciou no dia 1º de abril de 1964, repudiando o afastamento de Dilma Rousseff da presidência da República.

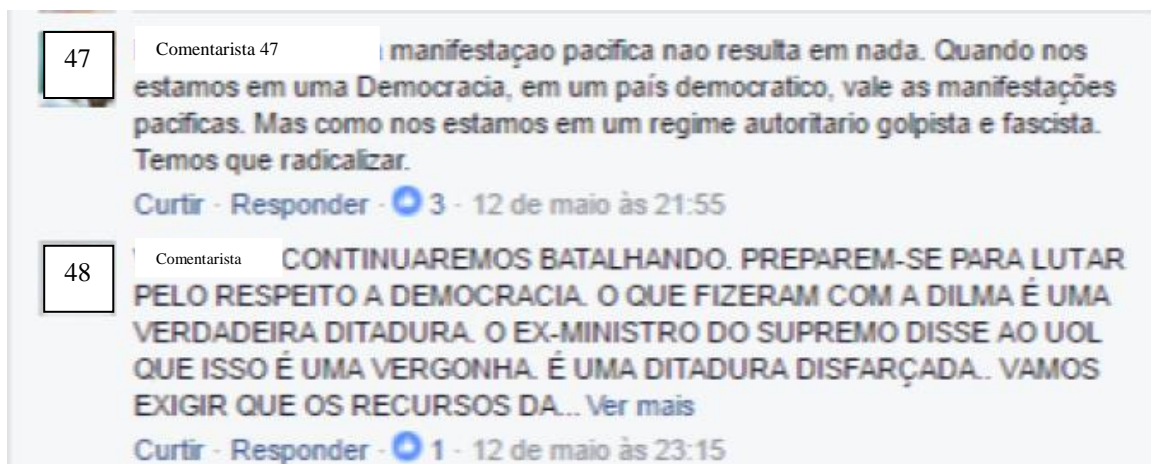


FIGURA 36: COMENTÁRIOS FRENTE BRASIL POPULAR - A NOITE DE 11 PARA 12 DE MAIO NÃO SERÁ COMO A DE PRIMEIRO DE ABRIL DE 1964. FACEBOOK. FRENTE BRASIL POPULAR. DISPONÍVEL EM: <
[HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/ FRENTEBRASILPOPULAR />](https://www.facebook.com/FRENTEBRASILPOPULAR/)

Nesses dois comentários, os sujeitos estão frustrados com a decisão de afastamento de até 180 dias da presidente Dilma Rousseff. De acordo com o dicionário *Michaelis*, a frustração é um “ato ou efeito de frustrar(-se); malogro, decepção, falha”.

A frustração é uma paixão derivada da infelicidade, de um */saber não poder ser/* articulado a um */querer ser/*, onde os comentaristas 47 e 48, já sabem ser impossível entrar em conjunção com o objeto-valor desejado, o não *impeachment* de Dilma Rousseff. Ou seja, possuem uma variação tensiva que vai do relaxamento (saber poder ser), passando pela distensão (saber não poder não ser) até chegar à tensão (saber não poder ser), que gera a frustração. Conforme notamos no quadrado semiótico abaixo:

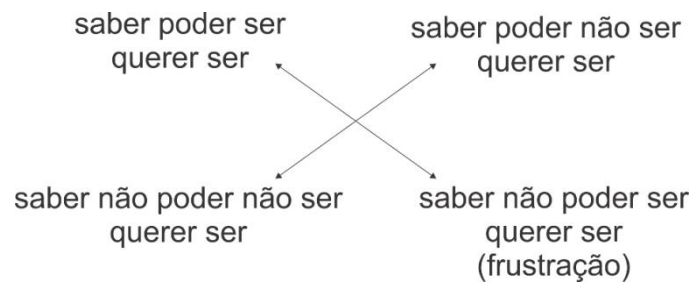


FIGURA 37: QUADRADO ELABORADO PELA AUTORA, BASEADO EM BARROS (1990)

A frustração dos comentaristas 47 e 48 pode ser compreendida como o estado resultante da impossibilidade de realizarem o seu desejo, isto é, a manutenção do governo Dilma no poder, que foi frustrado pela oposição à presidente. Desse modo, os sujeitos estão privados da satisfação de alcançar seus desejos, entrar em conjunção com seu objeto-valor.

Ela constrói um percurso que possui, pelo menos, dois momentos. No caso dos comentaristas, o caminho segue o da felicidade e da satisfação (espera relaxada), em que o sujeito acreditava e esperava (*quer-ser* e *saber-poder-ser*) entrar em conjunção com os valores desejados. Nesse caso, a frustração, propriamente dita, surge quando os sujeitos sabem ser impossível a realização de seus anseios, mas continuam a desejar, como no enunciado do comentarista 47 “*continuaremos batalhando. Preparem-se para a lutar pela democracia*”. Ou seja, há um percurso modal percorrido, uma sucessão de estados de alma que levam à frustração o que há mostra uma paixão complexa.

As paixões complexas derivam, portanto, de uma organização narrativa patêmica, partindo de um estado de espera até atingir ou não o objeto desejado. Para Greimas (1981), o estado inicial do sujeito no desenvolvimento de um percurso passional pressupõe uma situação de espera, na qual se estabelece uma relação entre o sujeito nesse estado inicial e uma imagem-fim. Isto é, a expectativa que o sujeito tem em relação a todo o percurso passional. Ela é definida por dois arranjos modais *querer-ser* e o *crer-ser*.

O sujeito de espera deseja entrar (*querer-ser*) em conjunção ou em disjunção com seu objeto-valor, porém ele não pretende fazer nada para transformar seu estado inicial, uma vez que estabelece uma relação de confiança e acredita/espera (*crer-ser*) que um outro sujeito fará essa transformação de estado que ele deseja. Estabelece assim um contrato imaginário, ou como diria Greimas (1983), uma construção de simulacros – objetos imaginários que, mesmo assim, determinam as relações intersubjetivas.

Em *Semiótica das Paixões*, Greimas e Fontanille (1993, p. 59), explicam, que “o sujeito tensivo desdobra-se em um ‘outro’ e interioriza o corpo outro como ‘intersujeito’ com base da fíducia”. Por isso, como dissemos anteriormente, o sujeito de espera não pretende fazer nada para entrar em conjunção ou em disjunção com seu objeto valor, pois, do contrário, ter-se-ia uma paixão simples e não complexa.

Nas paixões analisadas por Greimas e Fontanille (1991), a *cólera*, por exemplo, é compreendida como uma ruptura da imagem-fim do sujeito com o percurso realizado. Já a *avareza* é vista como uma suspensão do percurso de acumular para ter. Para os autores, o avarento, apesar de ter o que desejava, continua almejando acumular mais e mais, pois está ligado a uma autoimagem de não-suficiência. Contudo, o sujeito só será classificado como avarento se a sociedade na qual ele está inserido o ato de acumular for considerado um valor negativo em si mesmo.

Para explicar o estado de espera Barros (1990, p.62) apresenta o seguinte diagrama baseado nos programas narrativos:

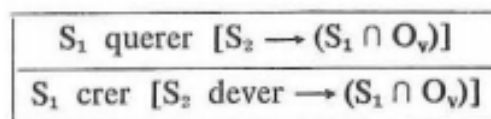


FIGURA 38: ESQUEMA ESTADO DE ESPERA BARROS (1990, p.62).

No modelo acima, S_1 representa o sujeito de espera²⁶ e S_2 o sujeito do fazer com quem S_1 conta para entrar em conjunção com seus objetos de valor: logo, S_1 crê que S_2 deve fazê-lo. O contrato fiduciário estabelecido sob o regime da modalização pelo crer leva o sujeito a imaginar um fim determinado para o percurso que mudará sua relação com o objeto,

²⁶ Barros explica que “o sujeito do crer e o sujeito do ser, em /crer-ser/, não são obrigatoriamente os mesmos, pois, /crer-ser/ se entende tanto como ‘crer que o outro é’, quanto como crer nas suas próprias qualificações” (BARROS, 1990, p.62)

independentemente da natureza do objeto: abstrato ou concreto. Imaginar essa possibilidade de mudança de estado organiza todas as escolhas e as atitudes durante o percurso.

Nota-se que a espera ocorre por dois eixos, em que no primeiro, da espera de valores, o sujeito quer entrar em conjunção com um valor. Já no segundo o sujeito crê poder contar com a transformação de estado provocada pelo sujeito de fazer, portando temos uma espera fiduciária. Logo, as paixões complexas podem ser de dois tipos: aquelas que surgem quando o sujeito busca a junção com seus valores, por espera de valores²⁷ e aquelas que aparecem como derivadas do contrato fiduciário entre os sujeitos.

A partir da paixão de espera de valores, passa-se a analisar as configurações passionais resultantes do estado inicial. E o */saber-poder/* garante essa variação passional. A paixão aflição, por exemplo, oriunda da modalização do */saber poder-ser/*, é uma paixão de espera de valores, como podemos ver no comentário retirado do texto-enunciado “Lula falhou. É o fim do PT”, publicado no dia 18 de abril pelo MBL.

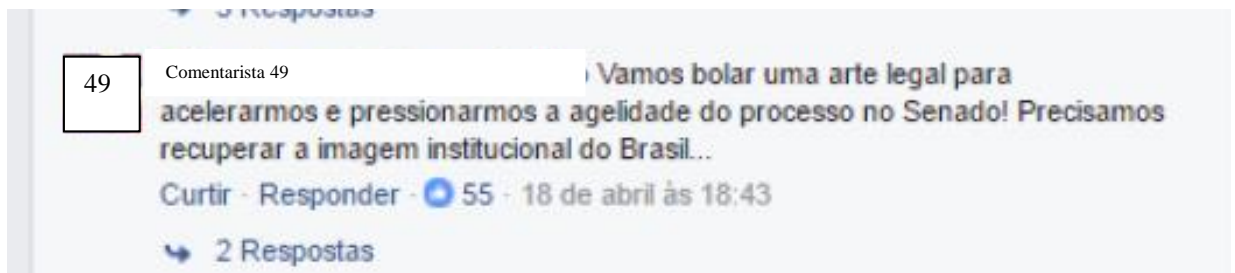


FIGURA 39: COMENTÁRIO COMENTARISTA 49. FACEBOOK. MOVIMENTO BRASIL LIVRE. DISPONÍVEL EM: <[HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/MBLIVRE/](https://www.facebook.com/MBLIVRE/)>

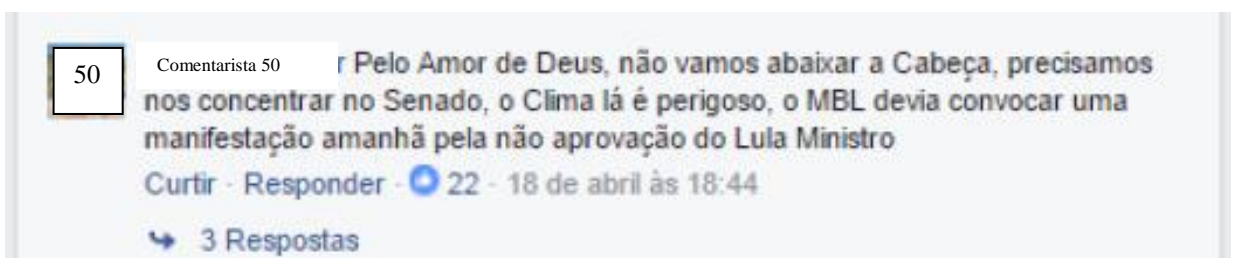


FIGURA 40: COMENTÁRIO COMENTARISTA 50. FACEBOOK. MOVIMENTO BRASIL LIVRE. DISPONÍVEL EM: <[HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/MBLIVRE/](https://www.facebook.com/MBLIVRE/)>

²⁷ Para Barros (1990) as paixões por espera de valores podem ser confundidas com as paixões simples, porém as paixões simples resultam da modalização do objeto-valor */querer-ser/*. Já as paixões complexas têm por característica o maior ou menor grau de */querer-ser/* e pelo saber das possibilidades de execução do desejo pelo sujeito de espera. “O */saber poder-ser/* modaliza a espera” (BARROS, 1990, p.62-63).

Para entender a paixão aflição, buscamos sua definição no dicionário *Michaelis*: “grande sofrimento; afligimento, agonia, angústia, desassossego, indisposição, inquietação”. É exatamente a inquietação, a ansiedade dos dois comentaristas em relação ao processo de *impeachment* da Presidente Dilma Rousseff, que os move a focar em novas manifestações direcionadas ao Senado, como notamos abaixo:

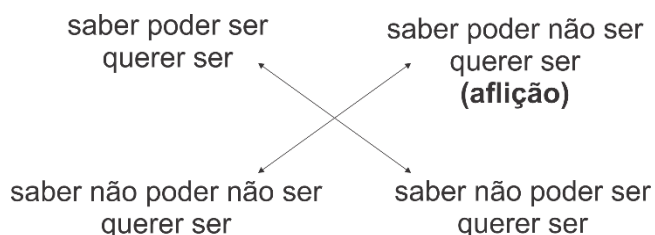
Excerto 13 (Comentaristas 49)

Vamos bolar uma arte legal para acelerarmos e pressionarmos a agilidade do processo no Senado!

Excerto 14 (Comentarista 50):

Pelo amor de Deus, não vamos abaixar a cabeça, precisamos nos concentrar no Senado.

A aflição é marcada por um /saber poder não ser/. Como podemos ver no quadrado semiótico abaixo:



Assim, tanto o comentarista 49 como o 50, são sujeitos que *querem ser*, mas *sabem-poder-não-ser*. Eles sabem o que desejam, a aprovação do *impeachment* de Dilma Rousseff no Senado, mas, no momento, a conjunção desejada é incerta e insegura. Portanto, os dois sujeitos estão ligados ao mesmo estado patêmico: a aflição.

Observamos nos dois comentários ações ciberativistas:

Excerto 15 (Comentarista 49):

Vamos bolar uma arte legal para aceleramos e pressionamos a agilidade do processo no Senado!

Excerto 16 (Comentarista 50):

o MBL deveria convocar uma manifestação amanhã pela manhã pela não aprovação do Lula Ministro.

Como menciona Vegh (2003), esse tipo de comentário se refere a mobilização e a organização. Desse modo, os ciberativistas utilizam o espaço comentário para organizarem ações que poderiam ter sido executadas no meio *offline*, mas tornam-se mais eficientes e mais rápidas se executadas *online*, como é caso do excerto de Pedro Coelho.

Já no segundo excerto notamos o terceiro item proposto por Vegh (2003) na mobilização e organização. Nele os ativistas utilizam o espaço de fala do comentário para convidar, organizar ou preparar ações que acontecerão exclusivamente offline, como a manifestação nas ruas, como pede o comentarista 50.

A aflição, analisada nos comentários, leva aos sujeitos a um /querer-ser/ ciberativista, acreditando ter um /poder-fazer/, não só do ponto de vista passional, vivenciando paixões, como a raiva e o ódio, mas também na dimensão pragmática, onde esses sujeitos possuem os instrumentos necessários à ação (as manifestações online, o ciberativismo) e sabe como utilizá-los para atingir seus objetivos (manifestações nas ruas).

A exultação é outra paixão modalizada pelo /saber poder ser/. Podemos encontrá-la em nos comentários do texto-enunciado do MBL, “*O afastamento da Dilma direto do escritório do MBL! Vencemos*”. A publicação refere-se a um vídeo do escritório da MBL no qual é possível ver a comemoração do resultado da votação do afastamento de Dilma Rousseff.

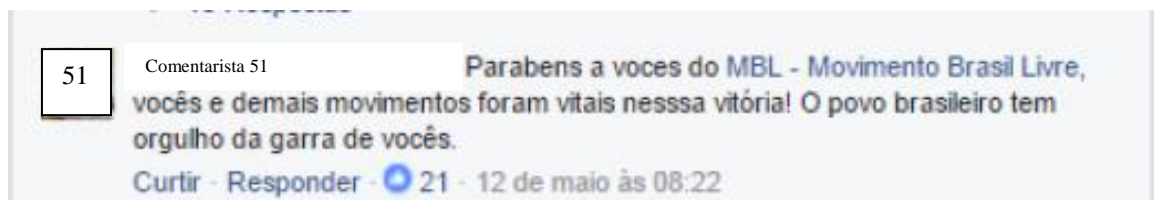


FIGURA 41: COMENTÁRIO COMENTARISTA 51. FACEBOOK. MOVIMENTO BRASIL LIVRE. DISPONÍVEL EM: <[HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/MBLIVRE/](https://www.facebook.com/MBLIVRE/)>

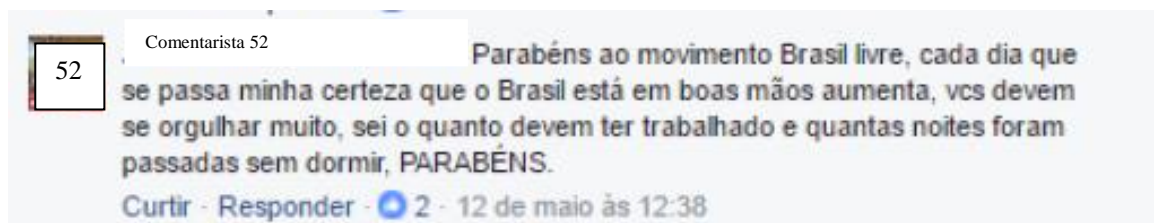


FIGURA 42: COMENTÁRIO COMENTARISTA 52. FACEBOOK. MOVIMENTO BRASIL LIVRE. DISPONÍVEL EM: <[HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/MBLIVRE/](https://www.facebook.com/MBLIVRE/)>

A exultação é, de acordo com o dicionário *Michaelis*, “exultar, sentir extremo contentamento, alegria intensa; alegrar-se, regozijar-se”. A exultação é um /saber poder ser/

em relação ao objeto desejado, é um /saber/ possível o *impeachment* de Dilma Rousseff, graças ao /fazer crer/ da MBL.

Nos comentários, os comentaristas 51 e 52, são os sujeitos de estado em busca de um objeto-valor, *impeachment* de Dilma Rousseff, que é considerada seu antissujeito. Nos percursos dos sujeitos, eles são modalizados pelo destinador, que é figurativizado pela MBL, com o poder e o *saber-fazer*.

Excerto 17 (Comentarista 51):

Parabéns a vocês MBL, vocês e demais movimentos foram vitais nessa vitória! O povo brasileiro tem orgulho da garra de vocês.

Excerto 18 (Comentarista 52):

Parabéns ao Movimento Brasil Livre (...), vocês devem se orgulhar muito, sei o quanto devem ter trabalhado.

Assim, os sujeitos sabem ser possível entrar em conjunção com seu objeto de desejo, partindo, passando, possivelmente, de uma aflição para o alívio e daí a felicidade e a exultação. A recorrência de termos como “parabéns”, “vitória”, “orgulho” ensejam o caráter eufórico do universo de valores relacionados ao MBL. Nota-se que os comentaristas elegem o MBL como o grande vencedor da situação. É como se ele fosse o responsável por julgar e condenar Dilma Rousseff. Há uma transferência de poder, não cabendo a vitória ao Senado, mas sim ao ciberativismo desenvolvido pelo MBL.

Na publicação do MBL intitulada *17 de ABRIL – o impeachment em Brasília*, publicada em 20 de abril de 2016, o texto-enunciado do movimento faz menção ao dia da votação do processo de *impeachment* na Câmara dos Deputados. Basicamente, o texto ressalta a importância do MBL em todo esse processo e principalmente nas manifestações nas ruas. Apesar do grande entusiasmo do MBL, os comentaristas demonstram uma inquietação, um cuidado com tal comemoração. Como podemos notar abaixo:

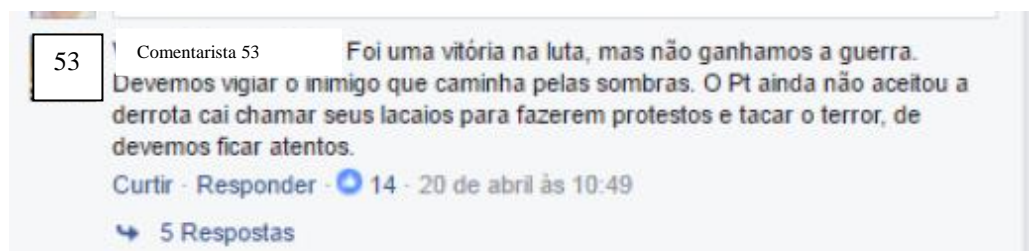


FIGURA 43: COMENTÁRIO COMENTARISTA 53. FACEBOOK. MOVIMENTO BRASIL LIVRE. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/MBLIVRE/](https://www.facebook.com/MBLIVRE/) >

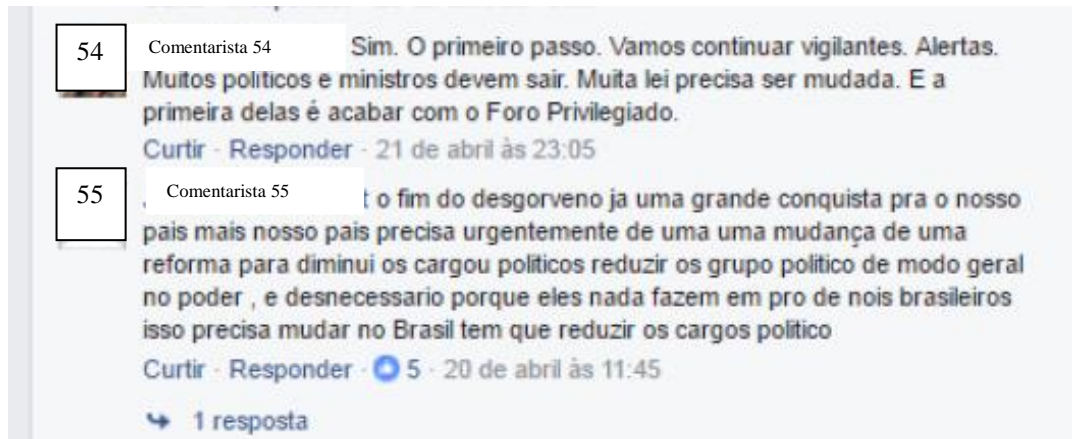


FIGURA 44: COMENTÁRIOS MBL - 17 DE ABRIL – O IMPEACHMENT EM BRASÍLIA. FACEBOOK. MOVIMENTO BRASIL LIVRE. DISPONÍVEL EM: <[HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/MBLIVRE/](https://www.facebook.com/MBLIVRE/)>

A inquietação também é modalizada pelo */saber poder não ser/*, pertencendo ao grupo das paixões de espera de valores. Conforme o verbete do dicionário *Michaelis*, inquietação é um “estado de nervosismo, que tira a paz e o sossego; inquietude, preocupação, tormento”. Nos três comentários acima percebemos a preocupação com a situação do país, é um */saber poder não ser/*. Tanto o comentarista 53, como o 54 e 55 possuem um */saber/* incerto, inseguro em relação à conjunção desejada, o *impeachment* de Dilma Rousseff, como notamos nas passagens abaixo:

Excerto 19 (Comentarista 53):
Foi uma vitória, mas não ganhamos a guerra.

Excerto 20 (Comentarista 54)
Vamos continuar vigilantes. Alertas.

Excerto 21 (Comentarista 55)
O fim do desgoverno já uma grande conquista pra o nosso país mais nosso país precisa urgentemente de uma mudança.

No que se refere às etapas percurso passional, propostas por Fontanille (2015), pressupomos que o despertar afetivo ocorre com a votação na Câmara dos Deputados gerando a comemoração, antecipada, do MBL sobre o *impeachment* de Dilma Rousseff. É nesse momento que o sujeito é abalado, afetado, ou seja, ele sofre uma agitação (publicação do MBL) que conta com uma alta intensidade.

Na disposição, os três comentaristas pressupõem um cenário ainda turbulento, mostrando outras ações que seriam necessárias para a situação política no Brasil (“*foi uma vitória na luta/ muitos políticos e ministros devem sair. Muita lei precisa ser mudada/ precisamos urgentemente de uma reforma política*”).

No pivô passional, os sujeitos conhecem o sentido da perturbação, ou seja, o despertar, e da imagem, disposição, que os afetam. Os três comentaristas sentem uma presença ameaçadora dos aliados de Dilma Rousseff. Essa presença promove um cenário ainda de tensão, que gera uma reação dos comentaristas, manifestando o acontecimento passional, como em “*devemos vigiar o inimigo*” ou em “*vamos continuar vigilantes*”.

Por fim, na moralização, ainda não concluída, temos um sujeito inquieto, que é definido por diferentes gradações do */saber poder ser/*, como a ansiedade, a agonia e a ânsia. Assim, um */saber poder não ser/* orienta o fazer-interpretativo dos sujeitos e constrói uma imagem de incerteza e insegurança da situação proposta pelo MBL. Em relação a tensividade, temos um percurso de variação que vai do relaxamento à tensão. Segundo Barros (1990), como a inquietação é derivada da aflição, seu percurso segue o esquema: satisfação – insatisfação- aflição.

A análise do segundo grupo de paixões de espera – *espera fiduciária* – refere-se ao contrato fiduciário simulado, onde o sujeito *crê poder* contar com a transformação proporcionada pelo sujeito do *fazer*. Portanto, são paixões modalizadas pelo */crer-ser/*, que resultam das relações contratuais estabelecidas pelos sujeitos envolvidos. São as paixões epistêmicas derivadas, segundo Barros (1990, p.64) da confiança ou da decepção no outro. Vejamos alguns exemplos contidos nos comentários:



FIGURA 45: COMENTÁRIO MBL – COMENTARISTA 56. FACEBOOK. MOVIMENTO BRASIL LIVRE. DISPONÍVEL EM: <[HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/MBLIVRE/](https://www.facebook.com/MBLIVRE/)>

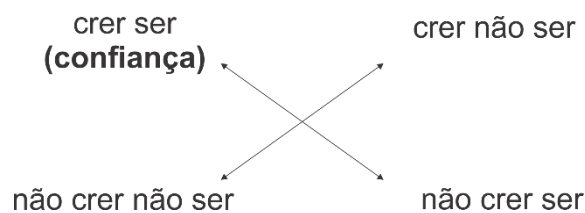


FIGURA 46: COMENTÁRIO MBL – COMENTARISTA 57. FACEBOOK. MOVIMENTO BRASIL LIVRE. DISPONÍVEL EM: <[HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/MBLIVRE/](https://www.facebook.com/MBLIVRE/)>

Publicada no dia 22 de abril com o título “*Começa o ato em NY!!!*”, pelo MBL, os comentários da postagem levam a paixão da confiança (querer ser + crer ser). A matéria refere-se a uma transmissão ao vivo dos atos contra a presidente Dilma Rousseff em Nova

York, onde ela faria um pronunciamento na Organização das Nações Unidas (ONU). Os comentários da postagem levam à paixão da confiança.

No dicionário *Michaelis*, confiança é “a credibilidade ou conceito positivo que se tem a respeito de alguém ou de algo; crédito, segurança”. Segundo Barros (1990, p.64), a paixão de confiança pode ocorrer de três maneiras, pelo caráter imaginário (simulacro), a confiança em si mesmo e a confiança no sujeito do fazer. Assim, tanto o comentarista 56, quando o 57, depositam credibilidade, elas /creem/ no MBL para /poder-fazer/ o certo. O quadrado semiótico da confiança, pode, portanto, ser representado da seguinte maneira



Desse modo, entendemos que os dois comentaristas são sujeitos de espera, modalizados pelo *querer ser* e pelo *crer ser*. Eles esperam (*querer ser*) entrar em conjunção com o objeto-valor, *impeachment* de Dilma, mas não farão nada para transformar seu estado inicial, uma vez que esperam/acreditam (*crer ser*) que o MBL fará essa transformação de estado que ambos desejam. Tais fatos podem ser percebidos nos excertos abaixo:

Excerto 22 (Comentarista 56):

Representem-nos!!! Exponham o outro lado da história!! Desmascarem esta bandida!!!

Excerto 23 (Comentarista 57):

Parabéns, para vocês que estão ai em NY nos representando, falem a verdade desse senhora indecente e imoral mentirosa!!!

A utilização dos verbos no imperativo como “representem-no”, “desmascarem” e “falem” nos enunciados dos dois comentaristas demonstram que, ao darem um efeito de sentido de ordem ao sujeito do fazer, eles depositam sua confiança de um *poder fazer* no MBL. Nas paixões de confiança o sujeito da espera idealiza, projeta sua confiança no sujeito do fazer, assumindo assim um simulacro imaginário. Assim, os comentaristas 56 e 57, enquanto sujeitos de espera, mantêm um contrato de confiança, em grande parte imaginária e unilateral, com a MBL.

A partir desse contrato, os comentaristas depositam no sujeito do fazer um *dever fazer*, ou seja, o MBL deve cumprir sua parte no contrato, mesmo que não saiba da existência do mesmo, e “desmascarar” Dilma Rousseff em Nova York. Estabelece-se, portanto, um contrato de espera fiduciária, por meio do qual os comentaristas 56 e 57 crêem poder contar com a transformação de estados executada pelo MBL, projetando sua confiança no sujeito do fazer. Com base apenas nesses comentários, não conseguimos saber se houve ou não, posteriormente, uma quebra do contrato fiduciário, gerando uma decepção (crise fiduciária), por exemplo.

Em relação a tensividade, temos uma passagem da tensão ao relaxamento, indo da insegurança (*querer ser/ crer não ser*) para a segurança (*querer ser / não crer não*) – confiança (*querer ser / crer ser*).

No que tange ao ciberativismo, podemos identificar a primeira categoria proposta por Vegh (2003) sobre o ciberativismo: conscientização e apoio. Nela, o MBL assume o papel de porta-voz oficial da informação, relatando dados que não foram divulgados pelos meios de comunicação tradicionais

No texto-enunciado dessa análise, os usuários encontram a postagem intitulada “Começa o ato em NY”, com um vídeo postado pelos administradores da página explicando que os manifestantes a favor do *impeachment* da presidente Dilma Rousseff estão reunidos em frente ao prédio da Organização das Nações Unidas (ONU).

Segundo o MBL, o intuito da postagem é transmitir informações “reais” sobre o discurso da então presidente, sem permitir filtros da mídia estrangeira, uma vez que os ativistas ali presentes não correriam o risco de ter seu discurso mediado e ou alterado pela mídia tradicional. Observem novamente o comentário abaixo:

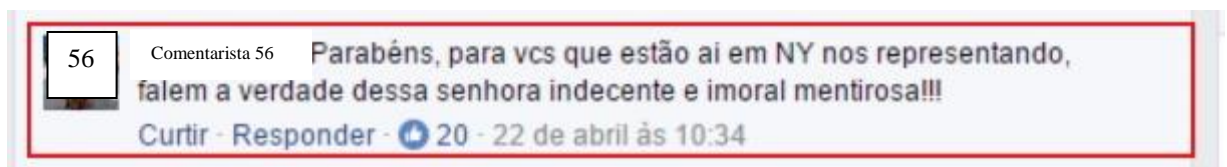


FIGURA 47: COMENTÁRIO MBL – COMENTARISTA 56. FACEBOOK. MOVIMENTO BRASIL LIVRE. DISPONÍVEL EM: <[HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/MBLIVRE/](https://www.facebook.com/MBLIVRE/)>

Nele é possível perceber a concretização da categoria de conscientização e apoio, visto que ela pede que os ativistas mostrem o “outro lado da história”, ou seja, as informações de acordo com seu posicionamento. Além disso, os comentários, tanto do comentarista 56 como do 57, expressam o desejo de que os ativistas presentes em Nova York representem os

ativistas que estão na rede. É como se estivessem acontecendo simultaneamente duas manifestações, sendo uma on-line e outras off-line.

As publicações das quais analisamos os comentários abaixo foram retiradas da *fan page* do *Movimento Brasil Livre*. A primeira foi publicada no dia 20 de abril, intitulada “Nota da *Frente Brasil Popular* – Vamos continuar a luta contra o golpe”, em que a FBP afirma que não aceitará o golpe imposto pelos deputados e senadores, que lutará para o não *impeachment* de Dilma Rousseff. Os comentários relacionados à publicação para análise são:



FIGURA 48: COMENTÁRIO COMENTARISTA 58. FACEBOOK. FRENTE BRASIL POPULAR. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/FRENTEBRASILPOPULAR/](https://www.facebook.com/FRENTEBRASILPOPULAR/) >



FIGURA 49: COMENTÁRIO COMENTARISTA 59. FACEBOOK. FRENTE BRASIL POPULAR. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/FRENTEBRASILPOPULAR/](https://www.facebook.com/FRENTEBRASILPOPULAR/) >

A segunda publicação se refere a ida de Dilma Rousseff a Nova York para o encontro na Organização das Nações Unidas (ONU). Com o título “#NoCoup New York contra o golpe no Brasil. #VaiTerLuta, a matéria foi publicada no dia 21 de abril de 2016.

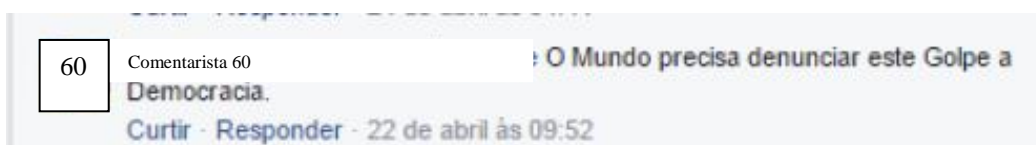


FIGURA 50: COMENTÁRIO COMENTARISTA 60. FACEBOOK. FRENTE BRASIL POPULAR. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/FRENTEBRASILPOPULAR/](https://www.facebook.com/FRENTEBRASILPOPULAR/) >

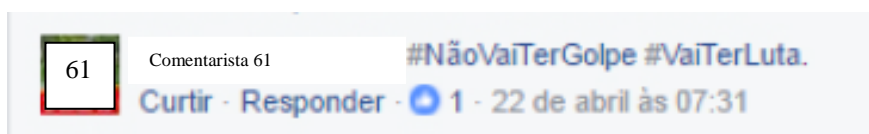


FIGURA 51: COMENTÁRIO COMENTARISTA 61. FACEBOOK. FRENTE BRASIL POPULAR. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/FRENTEBRASILPOPULAR/](https://www.facebook.com/FRENTEBRASILPOPULAR/) >

Nesse caso, todos os comentaristas são sujeitos de espera que depositam sua confiança em um sujeito do fazer, a *Frente Brasil Popular*. Eles creem na FBP para /poder-fazer/ o certo, sob a ótica deles, a lutar para que o golpe não ocorra. Isso fica evidente na repetição das *hashtag* #VaiTerLuta e #NãoVaiTerGolpe, publicada pela *Frente Brasil Popular* ou pelo comentário de Raimundo Leite, “o mundo precisa denunciar este Golpe a Democracia”,

Tem-se aqui mais um exemplo do contrato de confiança. Os sujeitos desejam (*querer ser*) entrar novamente em conjunção com o objeto-valor, governo de Dilma, impedindo o *impeachment*. Contudo, para que isso ocorra eles esperam/acreditam (*crer ser*) que a *Frente Brasil Popular* que fará essa transformação de estados que ambos desejam.

Com o contrato instaurado, imaginário e unilateral, os comentaristas instituem para a *Frente Brasil Popular* um *dever fazer*, ou seja, ela deve cumprir sua parte no contrato, mesmo que não saiba da existência do mesmo, e continuar a promover ações que impeçam o *impeachment* de Dilma Rousseff. Forma-se um contrato de espera fiduciária, onde os sujeitos creem poder contar com a transformação de estados executada pela *Frente Brasil Popular*.

A tensividade da confiança é marcada pelo diagrama a seguir:

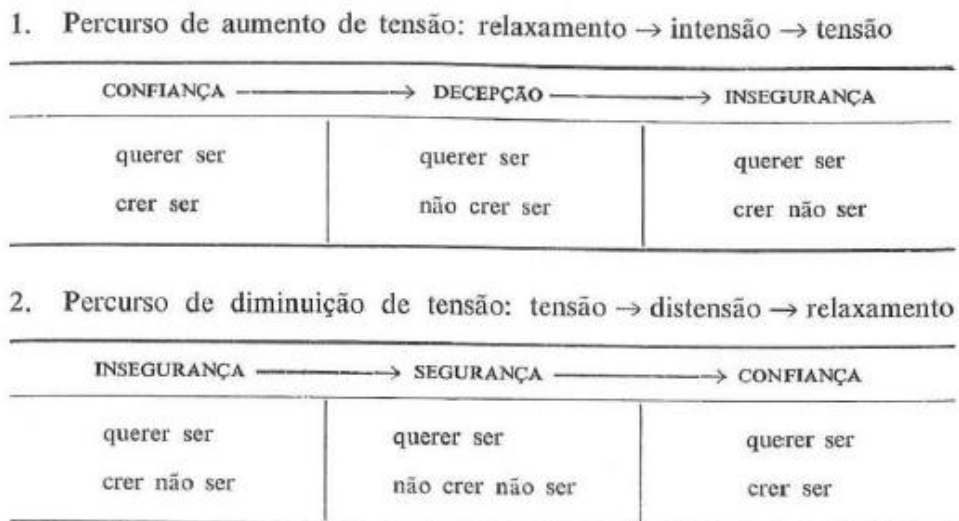


FIGURA 52: DIAGRAMA TENSIVO DA CONFIANÇA PROPOSTO POR BARROS (BARROS, 1990, P.65)

De modo, a tensividade dos comentários segue o segundo percurso, da diminuição da tensão até o relaxamento, indo da insegurança (*querer ser/ crer não ser*) para segurança (*querer ser / não crer não*) para a confiança (*querer ser / crer ser*), conforme foi dito. O primeiro percurso, do aumento da tensão, gera, segundo Barros (1990, p.65) uma crise de

confiança, que ocorre devido ao fato de o sujeito do fazer não compartilhar com o contrato fiduciário instaurado pelo sujeito de espera.

Nos comentários a seguir, por exemplo, publicado pela *Frente Brasil Popular*, do dia 20 de abril de 2016, identificamos a decepção com a decisão do Supremo Tribunal Federal de adiar o julgamento de nomeação de Lula como ministro da Casa Civil. O texto-enunciado traz uma matéria compartilhada do site UOL com o seguinte título “STF adia julgamento sobre nomeação de Lula como ministro da Casa Civil”. Todos os comentários analisados mostram a decepção:

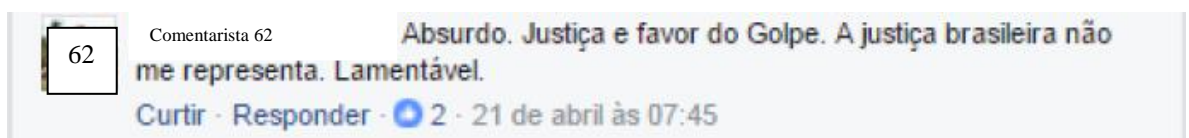


FIGURA 53: COMENTÁRIO COMENTARISTA 62. FACEBOOK. FRENTE BRASIL POPULAR. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/FRENTEBRASILPOPULAR/](https://www.facebook.com/FRENTEBRASILPOPULAR/) >

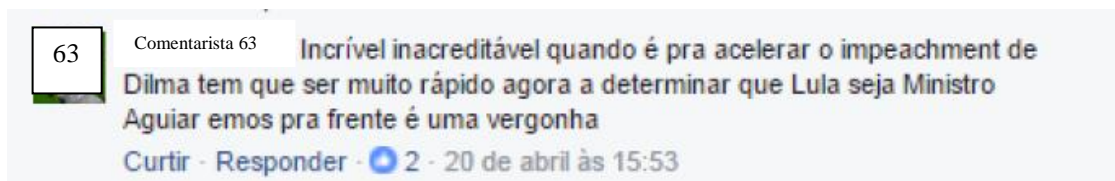


FIGURA 54: COMENTÁRIO COMENTARISTA 63. FACEBOOK. FRENTE BRASIL POPULAR. DISPONÍVEL EM: < [HTTPS://WWW.FACEBOOK.COM/FRENTEBRASILPOPULAR/](https://www.facebook.com/FRENTEBRASILPOPULAR/) >

Essa paixão é resultado de uma crise de confiança originada da incompatibilidade do */crer dever fazer/* com o */saber não fazer/* dos dois comentaristas resultando no */não crer ser/*, a decepção propriamente dita. Ou seja, pressupomos que os comentaristas 62 e 63 eram inicialmente sujeitos confiantes no Supremo Tribunal Federal, porém, após a decisão do adiamento do processo de nomeação de Lula, os dois comentaristas passam a ser sujeitos céticos, descrentes, como é possível ver em passagens como “a justiça brasileira não me representa”, “absurdo”, “inacreditável”.

No caso da quebra do contrato, o sujeito de espera não pode mais contar com o sujeito do fazer para alcançar seu desejo. Assim, o sujeito de espera passa a ser modalizado pelo */não crer ser/* da decepção. “O sujeito crédulo, confiante, passa a sujeito cético, descrente, tanto do sujeito de fazer, quanto dele próprio, sujeito de estado que não soube bem empregar sua confiança” (BARROS, 1990, p.65). A decepção gera novos efeitos passionais, como a insatisfação, a aflição e a insegurança. A insatisfação, por exemplo, está presente no comentário do comentarista 63, que compara a aceleração do processo contra Dilma Rousseff e a demora do processo de Lula.

3.1.3 Algumas considerações sobre a Semiótica tensiva

Para Mendes (2017), a Semiótica Tensiva surge como um complemento à Semiótica greimasiana, uma vez que ela privilegia o contínuo e a afetividade no discurso. Desse modo, ela oferece, portanto, à teoria greimasiana algumas noções como a de gradação, na qual a análise ocorre por meio da diferença (intervalo) em algum grau e não pela oposição. Já em relação à afetividade, a tensividade abrange as conexões entre o sensível e o inteligível, tendo como pressuposto a gramaticalização do afeto, onde um fato semiótico só tem existência Semiótica no e pelo espaço tensivo.

Segundo Zilberberg (2006), a Semiótica Tensiva se fundamenta sobre três vieses: “a *estrutura*, porque formula; o *dever*, porque orienta; o *andamento*, porque dirige a duração do dever” (ZILBERBERG, 2006, p.168). Para o autor, a tensividade é compreendida como o eixo semântico que articula intensidade e extensidade, propiciando a análise de qualquer grandeza linguística.

(i) a tensividade é o lugar imaginário em que a intensidade - ou seja, os estados de alma, o sensível - e a extensidade - isto é, os estados de coisas, o inteligível - unem-se uma a outra; (ii) essa junção indefectível define um espaço tensivo de recepção para as grandezas que têm acesso ao campo de presença: pelo próprio fato de sua imersão nesse espaço, toda grandeza discursiva vê-se qualificada em termos de intensidade e extensidade; (iii) em continuidade com o ensinamento de Hjelmslev, uma desigualdade criadora liga a extensidade à intensidade: os estados de coisas estão na dependência dos estados de alma; essa autoridade do sensível sobre o inteligível (ZILBERBERG 2006, p.168).

Sob essa perspectiva, para o autor, um fato semiótico só tem existência semiótica no e pelo espaço tensivo. Portanto, qualquer ponto dentro do espaço tensivo irá corresponder a um fato semiótico que terá, impreterivelmente, uma valência em termos de intensidade e outra em termos de extensidade.

Para Zilberberg (2006, p.170) a intensidade une o andamento e a tonicidade, já a extensidade, a temporalidade e a espacialidade. A intensidade está ligada à noção de força, energia; ela faz sentir os efeitos passionais. Por outro lado, a extensidade é controlada pela intensidade, mas com uma ressalva, “a extensão desse campo é em primeiro lugar temporal, dado que o tempo humano, o tempo discursivo está sempre além do tempo”. Além disso, as categorias intensas regem as extensas, incidem sobre elas para produzir as “ondulações” do discurso.

a intensidade, como dimensão, rege a extensidade. (...) O andamento rege a duração por uma correlação inversa, na medida em que a velocidade, para os homens, abrevia a duração do fazer: Quanto mais elevada é a velocidade, menos longa é a duração - apresentando-se o ser unicamente como um efeito peculiar à lentidão extrema. Por seu turno, a tonicidade rege a espacialidade; aliás, menos a espacialidade, na opinião de Deleuze, do que a profundidade, por uma correlação conversiva: quanto mais forte é a tonicidade, mais vasto é seu campo de desdobramento (ZILBERBERG, 2006, p.171).

Fontanille (2015, p.77) elabora um diagrama partindo das duas dimensões propostas por Zilberberg:

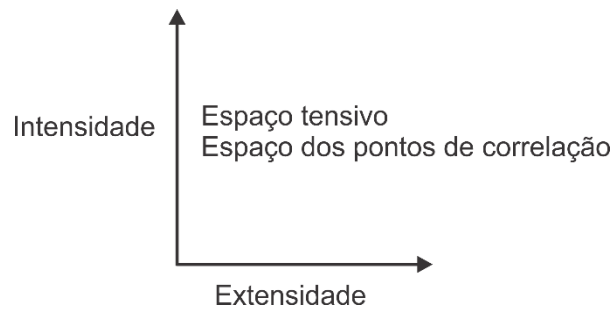


FIGURA 55: DIAGRAMA FONTANILLE SEMIÓTICA TENSIVA (FONTANILLE, 2015 P.77)

Zilberberg (2006) institui dois tipos de correlação entre a intensidade e a extensidade: a relação inversa e conversiva.

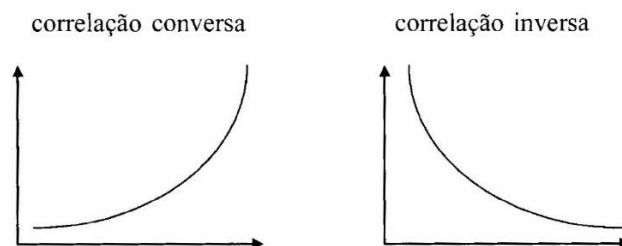


FIGURA 56: TIPOS DE CORRELAÇÃO ZILBERBERG (ZILBERBERG, 2006, P. 172)

Na correlação inversa, quanto maior a intensidade, menor a extensidade. Já na conversiva, quanto maior a intensidade, maior será a extensidade, e vice-versa para ambos os casos. Para Fontanille e Zilberberg (2001,p.77), a correlação conversiva permite uma ligação direta com as grandezas da mesma ordem e a correlação inversa entre grandezas de ordem simétrica.

Tendo ilustrado alguns conceitos fundamentais na Semiótica Tensiva, passamos à definição de acontecimento, fundamental para abordagem tensiva nos comentários do

Facebook. Zilberberg (2011, p.236), em *Elementos de Semiótica Tensiva*, explica que a relação do acontecimento com o discurso é tautológica. Para ele, ao incluir o acontecimento na tensividade é importante destacar: (i) o acontecimento pressupõe o sobrevir²⁸; (ii) assim como na intensidade, o acontecimento deve ter um andamento e uma tonicidade.

Para o autor, descrever o acontecimento só é possível ao inseri-lo no espaço tensivo, por tanto, qualificá-lo em suas dinâmicas intensivas (andamento e tonicidade) e nas dinâmicas extensivas (temporalidade e espacialidade). “O acontecimento é uma valência intensiva complexa e compõe um andamento extremo, o da instantaneidade, e uma tonicidade superior, sempre difícil de formular” (ZILBERBERG, 2011, p.174). Portanto, andamento e tonicidade andam junto perturbando o sujeito via uma “tempestade modal”, ou seja, ele leva a afetividade ao auge.

No que tange a extensidade, no acontecimento a temporalidade e a espacialidade não existem, elas são extintas. Segundo Mendes (2016, p.341), o sujeito, por exemplo, estupefato, vê-se no fundo do poço, num lapso de tempo, retirando sua própria ambiência. Portanto, a extensidade ficaria a cargo do exercício (ou rotina), que se opõe ao acontecimento.

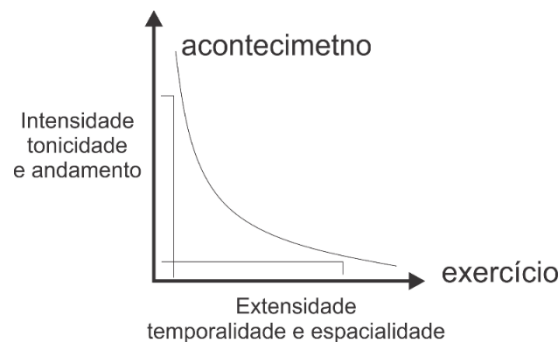


FIGURA 57: GRÁFICO ELABORADO PELA AUTORA DA DISSERTAÇÃO, BASEADO EM ZILBERBERG (2011)

Com base no diagrama, percebemos que o acontecimento está ligado ao surpreendente, ao inesperado e é controlado pela lógica concessiva (embora... mesmo assim). Já o exercício corresponde à questão da narratividade, sendo regido pela lógica da implicativa (se ... então), que embasa toda a Semiótica Clássica (MENDES, 2017).

Zilberberg (2007) institui três modos que configuram o estilo discursivo do acontecimento e do exercício (rotina) : a eficiência; a existência; e a junção. O primeiro modo, eficiência, “designa a maneira pela qual uma grandeza se instala num campo de presença”

²⁸ “Associado ao previr, o sobrevir é um dos dois modos de eficiência, ou seja, uma das duas maneiras pelas quais uma grandeza ingressa no campo de presença e ali se estabelece” (ZILBERBERG, 2011, p.236).

(*Id.*, 2007, p. 18). Assim, se a grandeza se instala lentamente, temos a modalidade do conseguir. Já o contrário, se ela penetra intensamente, há a modalidade do sobrevir.

O modo da existência refere-se a alternância entre a focalização e a apreensão. A focalização, o sujeito tem algo em vista, ele se esforça para atingir um resultado, remete ao conseguir. Por outro lado, a apreensão, remete ao sobrevir, ao estado do sujeito inicialmente, como, por exemplo, espantado, admirado e, dali em diante, marcado pelo que lhe aconteceu.

O último modo, o juntivo, está ligado ao implicativo e ao concessivo.

No caso da implicação, o direito e o fato se respaldam mutuamente. Sua esfera é a da implicação: “se a, então b” e geralmente da causalidade legal. Ela tem como emblema o porque. No caso da concessão, o direito e o fato estão em discordância um com o outro. A esfera da concessão, segundo os gramáticos, é a da “causalidade inoperante”. Ela tem como emblemas a dupla formada pelo embora e o entretanto: “embora a, entretanto não b”¹. (ZILBERBERG, 2007, p.23)

Para o autor (*Id.*, 2007, p. 25), o discurso do acontecimento está ligado ao sobrevir (modo de eficiência), à apreensão (modo de existência) e à concessão (modo junção). O discursivo do exercício ou da rotina, por sua vez, tem sua estrutura nos termos do conseguir, da focalização e da implicação, como mostra o quadro abaixo.

<i>determinados</i> → <i>determinantes</i> ↓	o exercício ↓	o acontecimento ↓
modo de eficiência →	conseguir	sobrevir
modo de existência →	focalização	apreensão
modo de junção →	implicação	concessão

FIGURA 58: DISCURSO DO ACONTECIMENTO (ZILBERBERG 2007, P.25)

Tomando o referido *corpus* dessa pesquisa à luz da Semiótica Tensiva, pudemos notar que os comentários se constituem basicamente como uma estrutura acontecimental. Como salienta Zilberberg (2011, p.49-60), o discurso se constitui de picos e valores, ou seja, de momentos mais ou menos intensos. A parábola a seguir, desenvolvida por Mendes (2017,p.341), representa essa estrutura.

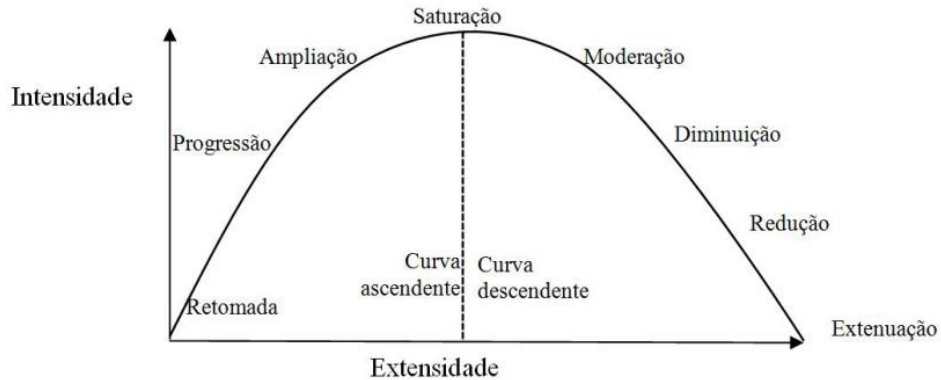


FIGURA 59: PARÁBOLA DESENVOLVIDA POR MENDES – ACONTECIMENTO (MENDES, 2017, P.341)

Assim, na análise dos comentários, tanto do MBL como da *Frente Brasil Popular* percebemos um fato semiótico que adentra o campo de presença do sujeito com uma intensidade elevada, como notamos na primeira publicação de cada página, referente a votação da abertura do *impeachment* de Dilma Rousseff. As publicações e os comentários vão ganhando uma progressão e ampliação até atingir o nível de saturação com os últimos comentários relacionados ao afastamento de Dilma Rousseff.



FIGURA 60: GRÁFICA ACONTECIMENTO SEMIÓTICO. ELABORADO PELA AUTORA DA DISSERTAÇÃO

Portanto, correlato ao acontecimento zilberberguiano, teríamos um gráfico com curva ascendente, com uma duração longa e persistente, com a saturação sendo o ponto máximo da intensidade. Desse modo, cabe dizer que esses comentários, com base no que foi exposto anteriormente, são marcados, em sua grande maioria, pela paixão ideológica daqueles grupos. Segundo Sementille (2017, p.26), as páginas de redes sociais criam um ambiente virtual onde

as pessoas são identificadas por suas preferências e afinidades; são as chamadas “bolhas ideológicas”. Por isso, elas criam uma paixão ideológica, em que, no caso da política, a impressão é de que se está sempre certo, uma vez que os seguidores de cada página possuem contato, primordialmente, com aqueles que compartilham a mesma visão.

Retornando ao acontecimento de Zilberberg (2011), em relação ao tempo, tal como é previsto pelo autor, ele é instantâneo, entrando no campo de presença do sujeito de uma vez só, como por exemplo, a cobertura maciça da votação da abertura de *impeachment* de Dilma Rousseff.

A partir disso nascem microacontecimentos (MENDES, 2017). Ou seja, são matérias e comentários como o das publicações “Começa o ato em NY!”, “Abraço em Dilma”, que são eventos secundários que se relacionam ao evento principal e motivador, que é *impeachment*. Nesse caso, a junção, característica do acontecimento, como denominou Zilberberg (2011), tem bases concessivas.

Portanto, o efeito de sentido da passionalização promovido pelo discurso do acontecimento, ao qual o MBL e *Frente Brasil Popular* produzem, gerando reflexo nos comentários, chega ao seu ápice, à saturação máxima, na última publicação das duas páginas. Por outro lado, uma vez que as redes sociais têm como característica a publicação constante, notamos uma discursivização prolongada do tema *impeachment*, que o faz durar, para além das votações, manifestando-se como uma presença constante no campo do sujeito, o que aponta para o eixo da extensidade.

Desse modo, os comentaristas do MBL criam um contrato fiduciário com seus enunciatários, baseado na credibilidade que o movimento obteve ao contribuir para a conjunção do povo brasileiro com o objeto-valor: *impeachment* de Dilma Rousseff. Já os comentaristas da *Frente Brasil Popular*, também criam um contrato fiduciário com os seus partidários a fim de reverter o quadro, transformando a conjunção com o *impeachment* em disjunção. Há, portanto, em ambos, uma relação de persuasão intrínseca ao sujeito da enunciação, pressupondo um ato epistêmico fundamentado no crer e um ato interpretativo do qual se origina um *saber*.

3.3 Apontamentos

Neste capítulo analisamos as paixões contidas nos comentários do *Movimento Brasil Livre* e da *Frente Brasil Popular*. De uma forma quantitativa, as paixões podem ser enumeradas assim:

MBL	FRENTE BRASIL POPULAR
Aversão	Esperança
Satisfação	Vergonha
Aflição	Afeto
Inquietação	Decepção
Confiança	Confiança
Exultação	Frustração

FIGURA 61: ESQUEMAS DE PAIXÕES. ELABORADA PELA AUTORA

Nota-se que a maioria das paixões são complexas, resultando da sucessão, em vários percursos de diferentes estados passionais. Por exemplo, a satisfação, a frustração e a aflição são paixões derivadas da modalização pelo */querer ser/* articulada com o */saber poder ser/*. Apenas a esperança aparece como uma paixão simples, considerada como efeito de sentido de uma única relação modal do sujeito com o objeto.

Ao compreendermos o percurso passional dos comentários, vemos que o papel das paixões no discurso está relacionado ao esquema narrativo canônico: a manipulação, por exemplo, está ligada à organização da disposição passional do sujeito (despertar afetivo). A manipulação inicial parte do MBL ou da FBP, ao publicarem a matéria e implica novas manipulações entre os comentaristas e seu público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação buscou fazer um estudo das paixões, via Semiótica Discursiva, expressas nos comentários das *fan-pages Movimento Brasil Livre e Frente Brasil Popular*, tendo como objetivo investigar como a paixão mobiliza o ciberativismo nos comentários dessas *fan-pages*, levando o leitor a demonstrar seu posicionamento em relação ao *impeachment* da presidente Dilma Rousseff.

A abordagem proposta evidencia uma área de pesquisa ainda em construção, tanto no sentido da comunicação política on-line, ciberpolítica, quanto da Semiótica das Paixões. As chaves de leitura elaboradas foram essenciais para a compreensão dos apontamentos que serão realizados a seguir, assim como os principais resultados e problematizações para pesquisas posteriores.

Nossa primeira hipótese defendida era de que os comentaristas assumiam um papel de ciberativistas nos comentários das publicações referentes a data de 17 de abril de 2016, dia da votação da abertura do processo de *impeachment* da presidente Dilma Rousseff na Câmara dos Deputados, até o dia 22 de abril de 2016, visita da presidente aos Estados Unidos, além do dia 12 de maio, que corresponde ao afastamento de Dilma Rousseff, a partir da votação no Senado. Tal hipótese pode ser confirmada. O ciberativismo, entendido como a utilização da Internet por movimentos politicamente motivados a fim de alcançar suas tradicionais lutas, foi utilizado tanto pelas *fan-pages* como pelos comentaristas.

Quando nos propusemos a discutir as redes sociais como um novo ambiente comunicacional para o campo da política, colocamos em questão não apenas suas características e evoluções, como foi percebido no início do primeiro capítulo, mas, principalmente, as formas de participação discursiva dos indivíduos nesse novo ciberespaço. Nesse ambiente, há o predomínio do esquema “todos para todos”, ou seja, não existe mais um distanciamento entre enunciador e enunciatário, como nos meios de comunicação em massa (rádio e TV, por exemplo).

No ciberespaço, todos são produtores e compartilhadores de informações e opiniões. Desse modo, as redes sociais, nesse caso mais específico, o Facebook, tornaram-se um campo fértil para que os usuários assumissem, em diversas situações, o controle da produção e do consumo da informação. Isso pôde ser evidenciado em uma das características do ciberativismo, que é a conscientização/apoio, por meio da qual o MBL e a FBP se posicionam como fontes de informações alternativas às organizações tradicionais de mídia.

Percebemos isso em diversas publicações das duas *fan-pages*, mas, principalmente, na publicação referente à visita de Dilma Rousseff à Nova York para um encontro na Organização das Nações Unidas (ONU). As duas páginas anunciaram que fariam uma cobertura alternativa do evento para que todos os seus seguidores pudessem acompanhar a notícia como ela realmente é.

Do ponto de vista semiótico, notamos que em ambos é estabelecido um contrato fiduciário com seu enunciatário, baseado na credibilidade que as *fan-pages* possuem em relação aos seus seguidores. Há uma relação de persuasão do enunciador, que pressupõe um ato epistêmico baseado no *crer* e um interpretativo, no *saber* da parte do enunciatário.

As duas páginas constroem, no decorrer de todas as publicações, a sua “verdade” em relação ao objeto-valor: de um lado, uma posição favorável ao *impeachment* de Dilma Rousseff, e, de outro, favorável à sua permanência do governo. Ao apresentar esses simulacros, elas constroem um *fazer-parecer-verdadeiro*, criando um efeito de verossimilhança, que permite caracterizar as *fan-pages* como de direita e esquerda.

O *Movimento Brasil Livre* (MBL) assinala-se como um enunciador mais de direita, que busca o liberalismo e o republicanismo. Nas publicações analisadas, a MBL euforiza, na narrativa projetada, isotopias moralizantes, como a que defende a tradicional família brasileira, a ordem na política e as privatizações. Já a *Frente Brasil Popular* projeta-se como um enunciador de esquerda, em busca da defesa da democracia e de uma ofensiva contra as forças conservadoras.

A axiologização e a figurativização dessas duas *fan-pages* propiciaram, no interior do simulacro de “verdade” (parecer verdadeiro) a apreensão do posicionamento ideológico de cada enunciador. No caso do MBL, a *Frente Brasil Popular* e seus comentaristas, ganham o papel actancial de antissujeitos, impedindo-os de alcançar o seu objeto-valor: o *impeachment* de Dilma Rousseff. A figurativização exacerbada e a adjetivação excessiva, no sentido irônico e sarcástico em relação à Dilma Rousseff, demonstram o que chamamos no primeiro capítulo de antipetismo. Um fenômeno em que se preza a retirada do PT do poder e uma postura pouco tolerante em relação à inclusão social, principalmente a emergência da classe C aos programas de inclusão social.

O inverso ocorre com a *Frente Brasil Popular*. A mesma tem como antissujeitos o *Movimento Brasil Popular* e enxerga no ativismo deles o empecilho para manter a conjunção com seu objeto-valor: a manutenção do governo. Por isso, as publicações criam uma sensação de urgência e de excesso em relação ao ciberativismo. Nota-se, nos comentários, um grande número de ações que, na classificação de Vegh (2003), são chamadas de organização e

mobilização. Isto é, os comentaristas da *Frente Brasil Popular* utilizam-se daquele espaço para convencer e convidar as pessoas para ações *on-line* e *off-line*.

Notamos o predomínio da desembreagem enunciativa, analisada na sintaxe discursiva do percurso gerativo de sentido, ou seja, o uso da primeira pessoa nos comentários. Isso também comprova uma das características da rede social *Facebook*, que é o mecanismo de individualização, da construção do eu, mas de forma pública, possibilitando ao indivíduo interagir em comunidades que são afins do perfil criado. Esse recurso permite que as *fan-pages* desloquem o papel de ciberativista para os comentaristas, que, ao se posicionarem, criam um efeito de sentido de subjetividade, deixando clara sua parcialidade, por meio da presença de marcas de enunciação no enunciado.

Com isso, a narrativa projetada das duas *fan-pages*, cujo objeto-valor gira em torno do *impeachment* ou da manutenção do governo, propicia uma sensibilização e uma identificação do enunciatário com o enunciador e com os valores que este representa em cada caso. As escolhas enunciativas da MBL e da *Frente Brasil Popular* facilitam essa identificação, por meio de figuras e temas que articulam o binarismo esquerda x direita. Nesse sentido, o ciberativismo está presente tanto no enunciador quanto nos enunciatários, confirmando nossa primeira hipótese.

No que tange à ciberpolítica, notamos que a Internet ampliou a discussão política, por vários motivos, mas principalmente pela diminuição do tempo e do espaço e, principalmente por oferecerem espaços com alcances maiores. No entanto, apesar do alto índice de interação nos comentários analisados, pouco se viu sobre um aprofundamento do debate político, que seria um dos pontos do ciberativismo. O que enxergamos é uma interação em concordância com o papel de ator político construído pelas duas *fan-pages* e não um fórum que possibilitaria um debate mais amplo.

Nossa segunda hipótese era que os comentários na *fan-page* do *Movimento Brasil Livre* iriam construir um discurso de ascendência, partindo da insatisfação para a satisfação, firmando um contrato de confiança com o MBL, tendo seu auge na abertura do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff. Por outro lado, os comentários da *Frente Brasil Popular* seguiriam o caminho contrário, indo da satisfação à insatisfação, com a ruptura do contrato de confiança e um gráfico descendente.

No entanto, tivemos um achado curioso após as análises no terceiro capítulo, sobre Semiótica das Paixões. Não houve propriamente uma quebra de contrato entre os comentaristas da *Frente Brasil Popular* e a *fan-page*. Pelo contrário, ao final da análise, percebemos um fortalecimento desse contrato. Por exemplo, ao observarmos as paixões

encontradas nos comentários, que vão da esperança à frustração, passando pela confiança, pela vergonha, e pela decepção, percebemos que a frustração - /saber não poder ser/ mais /quer ser/ pressupõe uma sucessão de estados de alma e combinações de modalizações.

Notamos, porém, que os comentaristas da FBP não se deixam abater pela frustração, causada pela abertura do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff. Na verdade, eles usam dessa paixão para instaurar outra, no caso a esperança e a confiança. Novamente, eles depositam na *Frente Brasil Popular* a paixão epistêmica do *crer ser*, gerando um novo contrato (ou simulacro de contrato) fiduciário, a expectativa no sujeito do fazer (FBP) para reverter a situação.

Outro ponto que poderíamos observar é que, em âmbito geral, devemos considerar que, em uma democracia, o povo delega um *poder-fazer* a um sujeito operador por meio de eleições diretas. Vistas sob essa ótica, as eleições diretas estabelecem um contrato entre um sujeito de estado que deseja transformar ou manter sua situação. Assim, ao eleger alguém, o sujeito eleitor atribui ao sujeito eleito um *dever-fazer* e um *poder-fazer* em seu nome, o que implica evidentemente, também um *querer-fazer* e um *saber-fazer*.

Ao eleger-se, Dilma Rousseff estabeleceu um contrato fiduciário com seus eleitos, enquanto presidente. A partir desse contrato, os eleitores esperam que aquilo que os motivou a votar seja cumprido. Sob essa ótica, teríamos, portanto, um sujeito contratante que, ao eleger a presidente e delegar-lhe o *poder-fazer*, acredita que o sujeito eleito *pode-fazer* e *sabe-fazer* e, portanto, irá mudar a situação do sujeito de estado. Esse contrato, promovido pelas eleições em um estado democrático, caracteriza-se, portanto, como um contrato de confiança, implicando o compromisso entre os dois sujeitos, o eleitor e o eleito.

Com essas considerações, fica evidente que o MBL construiu um discurso de quebra de contrato, de uma crise de confiança com a presidente Dilma Rousseff e seu partido PT. Diante do rompimento do contrato, em que o sujeito esperava entrar em conjunção com um país bem governado, ocorre a decepção, que vai gerar também um sentimento de frustração. A partir dessa paixão e desse sentimento de frustração/insatisfação com o rompimento do contrato, o MBL construirá o seu discurso e buscará mobilizar as pessoas, como aparece em sua página ao se autodefinir como uma “entidade suprapartidária que visa a mobilizar cidadãos em favor de uma sociedade mais livre, justa e próspera”.

Essa modalização ocorre por meio do ciberativismo. Assim, as tecnologias da cibercultura são utilizadas, como um meio, um instrumento de comunicação, como é o caso da MBL, que utiliza sua *fan-page* do *Facebook* para construção dos seus discursos e a manutenção e a defesa de seus valores.

Notamos que os comentaristas, enquanto ciberativistas naquele espaço, atribuem um *dever-fazer* ao MBL. Ao se filiarem ao movimento e sancionarem positivamente a ação do mesmo, os comentaristas submeteram-se à manipulação do MBL por meio do discurso do rompimento do contrato e, por isso, colocaram-se como sujeitos do *querer fazer*, tematizado pelo *impeachment* da presidente Dilma.

Já a *Frente Brasil Popular* luta pela manutenção do contrato de confiança previamente estabelecido, depositando um */crer-ser/ /querer-ser/* na permanência da presidente Dilma Rousseff no poder. Assim, os comentaristas confiam no *poder-fazer* de Dilma, por meio de um mandato que atenda às suas necessidades e desejos. No entanto, o seu objeto-valor, manutenção do governo no poder, é incerto, inseguro, gerando uma repulsa, uma antipatia em relação às “forças conservadoras”, como comprova sua descrição do *Facebook*:

“a ofensiva das forças conservadoras assume diversas formas, entre elas a tentativa de derrubar, sabotar e também impor ao governo o programa dos que foram derrotados nas eleições presidenciais de 2014, seja com um programa de ajuste que gera desemprego e recessão, seja com uma “agenda Brasil” que destrói os direitos inscritos na Constituição de 1988, ou no exemplo da lei supostamente antiterrorismo cujo alvo real é a mobilização social” (FRENTE BRASIL POPULAR).

Com isso, a *Frente Brasil Popular* tem como objetivo utilizar todo o potencial do *Facebook*, para, por exemplo, expressar livremente suas articulações e reivindicações político-ativistas. O que está em jogo é justamente levar a informação ao alcance planetário e, assim, tentar, por meio do ciberativismo, não entrar em disjunção com seu objeto-valor, governo de Dilma.

No que tange a semiótica tensiva, as análises dos comentários das duas *fan-pages* evidenciaram um esquema de ascendência, com seu ápice no discurso do acontecimento. Dessa maneira, em um movimento ascendente, andamento e tonicidade vão se intensificando e acirrando o impacto do discurso. Nas estruturas narrativas analisadas, esse tipo de esquema conduz ao crescimento progressivo, por exemplo, da ansiedade e do medo na espera do resultado do processo de *impeachment*, que só é visto na última publicação, tendo em vista que essas paixões possuem sua temporalização voltada para o futuro.

Outro ponto a ser observado é que, apesar de o discurso do ódio ter crescido significativamente entre as posições antipestistas e as favoráveis a Dilma (ao PT), essa paixão negativa, não teve tanta recorrência, como se poderia esperar nos comentários analisados. O ódio enquanto um *querer-fazer-mal* e um *poder-fazer-mal* ao outro é entendido como uma paixão que motiva uma vingança ou uma revolta. Fica a hipótese de que, naquele momento,

enquanto o ciberativismo nos comentários era mais importante para a junção com o objeto-valor, o ódio não se sobressaiu. No entanto, pressupomos, para trabalhos futuros, de que a ascensão do ódio nas *fan-pages* acentuou após a saída de Dilma Rousseff da presidência, aumentando a rivalidade entre direita e esquerda.

Outra hipótese que levantamos para próximos trabalhos ligados à área de comunicação on-line e política diz respeito à forma pela qual as *fan-pages* administraram suas contas, uma vez que notamos um número maior de seguidores, publicações e comentários na página do *Movimento Brasil Livre*. Assim, podemos pressupor que o MBL tenha utilizado, de forma mais eficiente, o *Facebook*, assim como houve uma crescente identificação, por parte dos internautas, pelas causas defendidas por ela.

Por fim, para trabalhos futuros na área de Análise do Discurso, compreendemos que adotar a Semiótica Discursiva, mais especificamente, a Semiótica das Paixões, nos possibilitou tratar as paixões como objeto de estudo, compreendo-as no discurso presente nas redes sociais como elementos que instituem posições. No entanto, trabalhar apenas essa materialidade, plano do conteúdo, nas mídias sociais, sobretudo no *Facebook*, deixa um espaço vago. Por isso, acreditamos que investir em ferramentas metodológicas e/ou uma interlocução com uma teoria que amplie os estudos para além da análise interna do texto possibilitará uma compreensão mais rica desses objetos recentes que ganham cada vez mais visibilidade sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

AMARAL, Azevedo. **O estado autoritário e a realidade nacional**. Brasília: UnB, 1981. 161 p. (Biblioteca do pensamento político republicano).

ARAÚJO, Willian Fernandes. **Ciberativismo: levantamento do estado da arte na pesquisa no Brasil**. In: SIMPÓSIO NACIONAL ABCIBER, 5., 2011, Florianópolis. Anais. Florianópolis: Abciber, 2011. p. 1 - 15. Disponível em: <http://abciber.org.br/simposio2011/anais/Trabalhos/artigos/Eixo_7/10.E7/193-300-1-RV.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2017

ASSUNÇÃO, Antônio Luiz et al (Org.). **As letras da política**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015.

BAQUIÃO, Rubens César. **Signo, significação e discurso**. 2011. Disponível em: <<file:///C:/Users/user/Downloads/35250-41524-1-PB.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2017.

BARROS, D. L. P. de. **Teoria semiótica do texto**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____. Sintaxe narrativa. In: OLIVEIRA, Ana Claudia; LANDOWSKI, Eric (Eds.). **Do inteligível ao sensível: em torno da obra de Algirdas Julien Greimas**. São Paulo: Educ, 1995. p. 81-99.

_____. Paixões e apaixonados: exame semiótico de alguns percursos. *Cruzeiro semiótico*, Porto, v.11/12, p.60-73, 1989/1990.

_____. **Teoria do discurso: fundamentos semióticos**. São Paulo: Atual, 1988.

BRAGA, Sérgio; ROCHA, Leandro Caetano; CARLOMAGNO, Márcio Cunha; **A Internet e os partidos políticos brasileiros**. *Cadernos Adenauer*, v. 16, n.3, p. 47-74, 2015.

BRASIL. 2014. **Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social**. Pesquisa Brasileira de Mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. Brasília, SECOM.

BRASILEIROS fazem 'vomitação' na página do PMDB no Facebook. 2016. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/facebook/104726-brasileiros-vomitaco-pagina-pmdb-facebook.htm>>. Acesso em: 20 dez. 2016.

CÁCERES, Jesús Galindo. Arquitectura e ingeniería en comunicación social de las redes sociais en el ciberespacio. El servicio de redes sociais Facebook y el mundo emergente. In: BARBOSA, Marialva et al. **Comunicação em tempo de redes sociais**. São Paulo: Intercom, 2013. p. 93-115.

Calbucci, Eduardo. **Modalidade, paixão e aspecto**. *Estudos Semióticos*. [on-line] Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es>> . Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 5, Número 2, São Paulo, novembro de 2009, p. 70–78. Acesso em: 14 mar. 2017.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** [The internet galaxy: reflections on the internet]. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. 243 p. (Interface).

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 2011. 698 p. (A era da informação: sociedade e cultura; 1).

FACEBOOK. Frente Brasil Popular. Disponível em: <
<https://www.facebook.com/FrenteBrasilPopular/>> Acesso em: 16 nov. 2017

FACEBOOK. Movimento Brasil Livre. Disponível em: <
<https://www.facebook.com/mblivre/>> Acesso em: 16 nov. 2017

FIORIN, José Luiz. **Paixões, afetos, emoções e sentimentos.** Cadernos de Semiótica Aplicada, São Paulo, v. 2, n. 5, p.2-15, dez. 2007.

FIORIN, José Luiz. **Semiótica das Paixões: O Ressentimento.** Alfa, São Paulo, v. 1, n. 51, p.9-22, 2007.

FONTANILLE, J. & ZILBERBERG, C. **Tensão e significação.** Tradução de Ivã Lopes, Luis Tatit e Waldir Bevidas. São Paulo: Humanitas, 2001.

FONTANILLE, Jacques. **Semiótica do Discurso.** São Paulo: Contexto, 2015. 286 p.

GOBBI, Maria Cristina. Comunicação em redes de afetos e emoções. In: BARBOSA, Marialva et al. **Comunicação em tempo de redes sociais.** São Paulo: Intercom, 2013. p. 115-177.

GOMES, Wilson. **Internet e participação política em sociedades democráticas.** Famecos, Porto Alegre, v. 4, n. 27, p.58-79, ago. 2005. Disponível em: <
<file:///C:/Users/user/Downloads/3323-10703-1-PB.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

GREIMAS, A. J. **Semântica estrutural.** São Paulo: Cultrix, 1973.

GREIMAS, A. J. **Semiótica do discurso científico e da modalidade.** São Paulo: DIFEL, 1976. 86 p. (Monografias de semiótica e linguística ; v.1).

GREIMAS, A. J.; FONTANILLE, J. **Semiótica das paixões.** Ed. Ática, São Paulo, 1993, 294p.

GREIMAS, Algirdas Julien e COURTÉS, Joseph. **Dicionário de Semiótica.** São Paulo: Cultrix, 1989. Impresso na Editora Pensamento.

HÉNAULT, Anne. **História concisa da Semiótica.** São Paulo: Parábola, 2006. 156 p.

HJELMSLEV, Louis. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem.** São Paulo, Perspectiva, 1975.

JAMIL, Francisco Paulo; SAMPAIO, Rafael. **Internet e eleições 2010 no Brasil: rupturas e continuidades nos padrões mediáticos das campanhas políticas online**. Revista Galáxia. São Paulo, n.22, p.208-221, dez.2011.

LARA, Gláucia Muiz Proença; BRITO, Clebson Luiz de. Acontecimento e discurso poético: uma análise da abordagem mítica da origem de Portugal em Mensagem, de Fernando Pessoa. In: MENDES, Conrado Moreira et al. **Em torno do Acontecimento: Uma homenagem a Claude Zilberberg**. Curitiba: Appris, 2016. p. 265-281.

LARA, Gláucia Muniz Proença; MATTE, Ana Cristina Fricke. **Ensaio de semiótica: aprendendo com o texto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 159 p.

LEMOS, André. **Ciberativismo**. Disponível em: <<https://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemos/ciberativismo.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2016.

LEMOS, André; LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010. 258 p.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. [Las technologies de l'intelligence]. Rio de Janeiro: Editora 34, 2002. 203 p. (Coleção Trans).

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LOPES, Ivã Carlos et al (Org.). **Semiótica objetos e práticas**. São Paulo: Contexto, 2016. 283 p.

MAGALHÃES, Marcela Ulhôa Borges. **Da ação à paixão: o percurso semiótico da busca do sentido**. Fórum Linguístico, [s.l.], v. 13, n. 2, p.1147-1157, 3 jul. 2016. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8412.2016v13n2p1147>.

MAIA, R C. M. Sob a perspectiva da esfera civil: participação política e internet. In: GOMES, W.; MAIA, R. C. M.; MARQUES, F. P. J. A. **Participação política e internet**. MANCINI, Paolo. Media fragmentation, party system, and democracy. The International Journal of Press/Politics, v. 18, n. 1, p. 43-60, 2013.

MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida; SAMPAIO, Rafael Cardoso. **Internet e Eleições 2010 no Brasil: Rupturas e continuidades nos padrões mediáticos das campanhas políticas online**. Galáxia., n. 22, 2011.

MARQUES, Francisco Paulo Jamil Almeida; SAMPAIO, Rafael Cardoso. **Do clique à urna: internet, redes sociais e eleições no Brasil**. Salvador: EDUFBA, 2013.

MARQUES, Francisco Paulo Jamil. **Ciberpolítica: conceitos e experiências**. Salvador: Edufba, 2016. 60 p.

MELLO, Luiz Carlos Migliozi Ferreira de. **Sobre a Semiótica das Paixões**. Signum: Estudos Linguísticos, Londrina, v. 2, n. 8, p.47-64, dez. 2005.

MENDES, Conrado Moreira. Acontecimento, fideducía e concessão: uma leitura semiótica do caso Isabella Nardoni. In: MENDES, Conrado Moreira et al. **Em torno do Acontecimento: Uma homenagem a Claude Zilberberg**. Curitiba: Appris, 2016. p. 301-321.

MENDES, Conrado Moreira. **Por uma abordagem tensiva do fait divers**. Estudos da Linguagem, Belo Horizonte, v. 1, n. 25, p.333-356, 2017.

DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em: 21 nov. 2017

NOTH, Winfried. **Panorama da semiótica: de Platão a Peirce**. 4.ed. São Paulo: Annablume, 2005. 149 p. (Coleção E-3).

OLIVEIRA, Luiz Ademir de. Disputa Eleitoral de 2014: As velhas práticas políticas num contexto de novas configurações midiáticas. In: ASSUNÇÃO, Antônio Luiz et al (Org.). **As letras da política**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2015. p. 185-201.

PARENTE, André (org.). **Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2010. 303 p.

PEREIRA, Marcus Abílio. Internet e mobilização política - os movimentos sociais na era digital. In: **Encontro da Compólitica**, 4., 2011, Rio de Janeiro. Anais... . Rio de Janeiro: Ufrj, 2011. p. 01 - 26.

PORTELA, J. C. **Práticas Didáticas: um estudo sobre os manuais brasileiros de semiótica greimasiana**. 2008. 181 p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Araraquara.

RIGITANO, Eugênia. Ciberativismo: Definições, Origens e Possíveis Classificações. In: LEMOS, André et al. Ciberidade II: Ciberube: **A cidade na sociedade**. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2005. p. 249-272.

RIGITANO, Maria Eugênia Cavalcanti. **Redes e ciberativismo: notas para uma análise do centro de mídias independente**. In: Seminário Interno do Grupo de Pesquisa em Ciberidades, 1., 2003, Bahia. Anais... . Bahia: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2003. p. 1 - 11. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/rigitano-eugenia-redes-e-ciberativismo.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

SANTAELLA, Lucia. **O DNA das redes sociais**. In: BARBOSA, Marialva et al. Comunicação em tempo de redes sociais. São Paulo: Intercom, 2013. p. 23-45.

SANTAELLA, Lúcia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do twitter**. São Paulo: Paulus, 2012. 137 p. (Coleção Comunicação).

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SEMENTILLE, Antônio Carlos. **O futuro é real**. Sicoob, Brasília, v. 28, n. 7, p.22-27, 2017.

SIGNIFICADO de Petrolão. 2017. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/petrolao/>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

SIGNIFICADO de Spam. 2017. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/spam/>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

SILVA, Flávio Augusto Queiroz e. **A proposta epistemológica de A.J. Greimas a partir da relação entre a leitura e a estrutura profunda da significação.** 2010. 109 f. Monografia (Especialização) - Curso de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo.** Revista Usp, São Paulo, v. 1, n. 86, p.28-39, set. 2010.

UOL. Quer entender o que acontece na Petrobras? Veja este resumo. 2015. Disponível em:<<http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2015/02/05/quer-entender-o-que-acontece-na-petrobras-veja-este-resumo.htm>>. Acesso em: 14 dez. 2016.

VAZ, Paulo. **Mediação e tecnologia.** Famecos, Porto Alegre, n. 16, p.45-59, 2008.

VEGH, S. Classifying forms of online activism: the case of cyberprotests against the World Bank. In: MCCAUGHEY, M., AYERS, M.D. (ed.). Cyberactivism: online activism in theory and practice. London: Routledge, 2003.

ZILBERBERG, Claude. **Elementos de Semiótica Tensiva.** São Paulo: Ateliê, 2011.

ZILBERBERG, Claude. **Síntaxe da gramática tensiva.** Significação. Revista Brasileira de Semiótica. n.25, 2006, p.163-204

ANEXOS

LISTAS DE LEXMAS PASSIONAIS PROPOSTOS POR DIANA BARROS

PAIXÕES SIMPLES

Ambição
Anseio
Avareza
Avidez
Cobiça
Cupidez
Curiosidade
Desejo
Desinteresse
Desprendimento
Generosidade
Liberdade
Medo
Mesquinhez
Prodigalidade
Repulsa
Sovínice
Usura

PAIXÕES COMPLEXAS

Abatimento
Acrimônia
Afeição
Afeiçãoamento
Afeto
Aflição
Agonia
Alegria
Alívio
Amargor
Amargura
Amizade
Amor
Angústia
Animosidade
Ânsia
Ansiedade
Antipatia
Apreço

Aversão
Azedume
Benevolência
Benquerença
Cólera
Complacência
Condescendência
Confiança
Conformação
Consideração
Contentamento
Cuidado
Decepção
Decepção
Deleite
Depressão
Desafogo
Desagrado
Desalento
Desamor
Desânimo
Desconsideração
Descontentamento
Desdém
Desinteresse
Desopressão
Desprazer
Desprezo
Dor
Estima
Exacerbação
Execração
Exultação
Felicidade
Frustração
Fúria
Fúria
Furor
Hostilidade
Inclinação
Indiferença
Indignação
Infelicidade
Inimizade
Inquietação
Insatisfação
Insegurança
Ira

Irritação
Júbilo
Malevolência
Malquerença
Ódio
Paciência
Paz
Pena
Pesar
Prazer
Raiva
Rancor
Repugnância
Repulsa
Resignação
Satisfação
Simpatia
Tormento
Tortura
Tranquilidade
Tristeza